



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

LITERATURA SURDA: O PROCESSO DA TRADUÇÃO E
TRANSCRIÇÃO EM *SIGNWRITING*

LUANA MARQUEZI

Florianópolis

2018

Luana Marquezi



LITERATURA SURDA: O PROCESSO DE TRADUÇÃO E A TRANSCRIÇÃO EM *SIGNWRITING*

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC), para a obtenção do Grau de Mestrado em Estudos da Tradução.

Orientadora: Dr.^a Rachel Louise Sutton-Spence



Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Marquezi, Luana

Literatura surda : o processo de tradução e transcrição em SignWriting / Luana Marquezi ; orientadora, Rachel Louise Sutton-Spence, 2018.

162 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução. 3. Literatura surda. 4. SignWriting. 5. Libras. I. Sutton-Spence, Rachel Louise. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Luana Marquezi

LITERATURA SURDA: O PROCESSO DE TRADUÇÃO E A
TRANSCRIÇÃO EM *SIGNWRITING*

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Estudos da Tradução, área de concentração Estudos Literários da Tradução e da Interpretação, e aprovado em sua forma final pelo programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal da Santa Catarina.

Florianópolis, 07 de dezembro de 2018.

Prof.^a Dirce Waltrick do Amarante, Dr.^a
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução

Banca Examinadora:

Profa. Rachel Louise Sutton-Spence, Dra.
Orientadora e presidente
Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC/PPGET

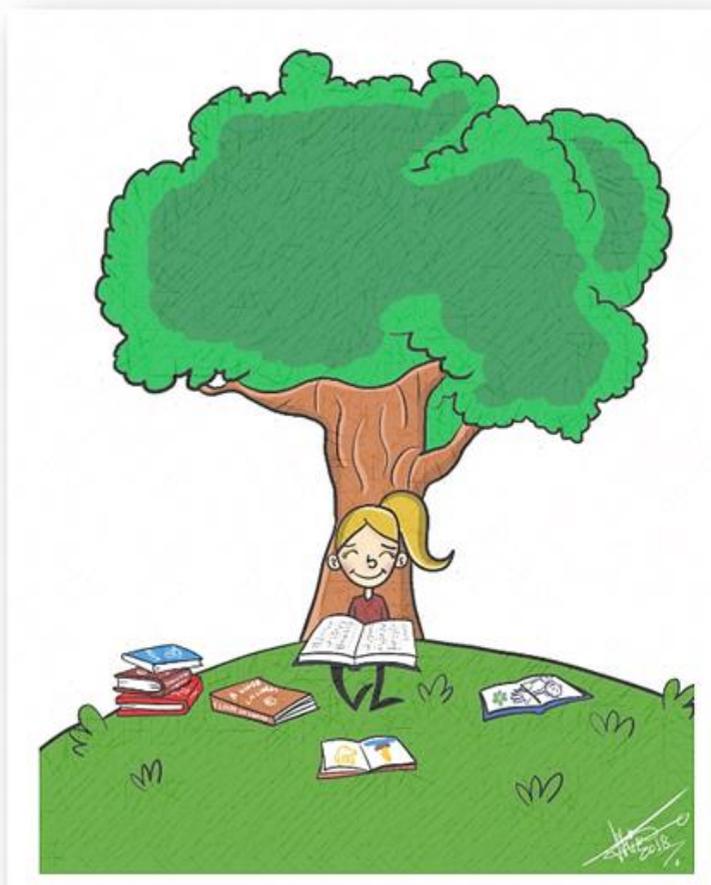
Prof. ^a Janine Soares de Oliveira, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC

Prof. ^a Marilyn Mafra Klamt, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC

Prof. ^a Sueli de Fátima Fernandes, Dr.^a
Universidade Federal do Paraná-UFPR

LUANA MARQUEZI

LITERATURA SURDA: O PROCESSO DE TRADUÇÃO E A
TRANSCRIÇÃO EM SIGNWRITING



AGRADECIMENTOS

Primeiramente, à Deus pelo dom da vida, pela força e pela sabedoria; aos meus familiares e, principalmente, aos meus pais que me estimularam a estudar e a alcançar meus objetivos; à minha Orientadora, Rachel, que é como uma mãe para mim, sempre me dando “puxões de orelha” quando precisava e me auxiliando com encontros semanais a fim de me nortear de forma consciente, responsável e paciente nesta nova etapa acadêmica vivenciada.

Aos meus amigos Letícia Fernandes, Edinata Campos de Camargo, Harisson Adams Gerotto, Gisele Zaffari, Manuela Aragão de Marcondes, dentre outros.

Agradeço também à Débora Campos Wanderley por compartilhar não somente a mesma residência, mas também as experiências em relação aos estudos de *SignWriting*.

Obrigado aos meus colegas de curso, em especial, Natália Schleder Rigo, Walquíria Peres Amorim e Núbia Flávia Oliveira Mendes que durante esses dois anos, cooperaram com meu crescimento acadêmico através de diálogos, palpites, aprendizagens, conselhos e conhecimentos.

Às interpretes Gisele Fagá e a Camila Neves Petrópulos da Luz que ajudaram a corrigir meu texto escrito em língua portuguesa antes da qualificação do meu trabalho de pesquisa.

Aos entrevistados durante minha investigação acadêmica que aceitaram participar deste trabalho.

Ao cartunista, Lucas Ramon Alves de Lima Maciel, agradeço imensamente por ter compartilhado comigo sua experiência e técnicas das obras de arte que produz.

À coordenação e demais funcionários do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET), que sempre me deram suporte durante meus estudos na Universidade.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES que estimula melhorias nos trabalhos de Pós-graduação por meio de ações de fomento desfrutadas por esta aluna de mestrado mediante a concessão de bolsa de estudos.

Enfim, obrigada a todas as pessoas que me ofereceram suporte nesse período. Serei grata eternamente pelos momentos singulares e pelos valores agregados.

RESUMO

Esta pesquisa tem como título “Literatura surda: o processo de tradução e a transcrição em *SignWriting*”, na qual, entender e compreender o processo da produção representa um grande desafio. As investigações partem do levantamento dos livros de literatura surda infantojuvenil brasileira, que apresentam o sistema de escrita de sinais e analisa questionários dos tradutores/transcritores sobre a atuação deles. Este trabalho tem como base teórica principal os pesquisadores no campo da Literatura surda e no sistema de escrita de sinais, são eles respectivamente: Valerie Sutton (1974) e Lodenir Becker Karnopp (2008). A escolha da primeira teórica, foi pelo fato de ter sido pioneira na criação de um sistema de escrita de sinais, língua apresentada na modalidade espaço visual, em que se transfere os parâmetros das línguas de sinais (configuração de mãos, movimentos, expressão facial e corporal) na sua produção escrita; e Karnopp por identificar os primeiros livros da literatura surda infantojuvenil que possuíam produção para escrita de sinais. Para tanto, vinte e um livros de literatura surda infantojuvenil brasileira apresentados na forma de tradução ou transcrição e que foram analisados neste estudo. Além disso, foram entrevistados onze participantes brasileiros, que contribuíram, de alguma forma, com a produção desses livros e, assim, compartilharam suas experiências no ato de traduzir ou transcrever para escrita de sinais. Concluímos que os livros de literatura infantojuvenil com *SignWriting* são quase todos bilíngues (apresentando textos em Português e Libras) e a produção de *SignWriting* nos textos usa processos de tradução e transcrição, num contexto de diversas modalidades da Língua Portuguesa e Libras, junto com imagens. As pessoas que produzem o *SignWriting* nos livros não necessariamente se vêem como tradutores ou transcritores. Eles têm objetivos principalmente didáticos na produção e muitas vezes trabalham em grupos, contudo precisam do apoio de revisores.

Palavras-chave: Tradução. Transcrição. Literatura surda. *SignWriting*. Libras.

ABSTRACT

This research investigates the process of translation and *SignWriting* transcription in deaf literature, aiming to understand the production process. The research is based on a review of existing books of children's Deaf Literature which use the *SignWriting* System, and analyses responses by the translators/transcribers about their work. This dissertation takes as its principal theoretical base, research on *SignWriting* and deaf literature in Brazil, referring respectively to work by Valerie Sutton (1974), and Lodenir Becker Karnopp (2008). The choice of the former is because Sutton pioneered the sign writing system, in which the information of a language presented in a visual spatial modality is transferred to the written parameters of handshape, movement and facial expression; the latter choice is because Karnopp identified the first book of children's deaf literature produced in *SignWriting*. Twenty-one books of children's Deaf Literature which use *SignWriting* as part of translation or transcription are analyzed. Eleven Brazilian participants who contributed in some way to the production these books were interviewed, and shared their experience on the act of translating or transcribing the works into *SignWriting*. We find that the books of children's Deaf Literature using *SignWriting* are almost all bilingual texts (presented in Portuguese and Libras), and that the use of *SignWriting* in the texts draws on processes of translation and transcription, in the context of the varied modalities in which Portuguese and Libras may be produced, used with illustrations. The people who create the books do not necessarily view themselves as translators, but produce *SignWriting* principally for didactic or educational reasons, and often work in groups with others, although they need support from additional reviewers to check their work.

Keyword: Translation. Transcription. Deaf literature. *SignWriting*. Libras.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - “Quero Encontrar um Ouro” com a versão em SignWriting	29
Figura 2 - "Quero Encontrar um Ouro" com a versão em Português ...	30
Figura 3 - Mapeamento de Holmes (1972) segundo Pagano e Vasconcellos.....	35
Figura 4 - Mapeamento de Estudos da Tradução de Pagano e Vasconcellos (2003).....	36
Figura 5 - Mapeamento de áreas de pesquisa em Tradução	37
Figura 6 - Mapeamento da área de pesquisa em Tradução.....	38
Figura 7 – Diferença entre Interpretação e Tradução	43
Figura 8 - Intérprete de Libras.....	44
Figura 9 - Texto-base tradução para Libras.....	45
Figura 10 - Tradução e interpretação para Língua de sinais.....	46
Figura 11 - Reunião com os tradutores do Curso de Letras Libras	52
Figura 12 - Tradução em escrita de sinais	52
Figura 13 - Exemplo de variação regionais: sinal de VERDE	54
Figura 14 - Palestrante e intérprete.....	56
Figura 15 - Tipos de tradução Fonte: Elaborado pela autora (2018)..	58
Figura 16 - Relação entre as temáticas propostas na pesquisa	59
Figura 17 - Braille	60
Figura 18 - Código Morse	61
Figura 19 - Forma e orientação das mãos.....	62
Figura 20 - Configurações das mãos – Stokoe	63
Figura 21 - Configuração de mão HamNoys.....	64
Figura 22 - Interface do software ELAN.....	67
Figura 23 - Capa do livro “Uma menina chamada Kauana”	70
Figura 24 - Página do livro “Uma menina chamada Kauana”	71
Figura 25 - Diferença entre as formas de transcrição/transliteração	72
Figura 26 - Capa do Livro “A Cigarra Surda e as Formigas”	72
Figura 27 - Escrita de Sinais e Português Fonte: Boldo (2015).	73
Figura 28 - DanceWriting criado por Sutton	74
Figura 29 - Jornal de DanceWriting	75
Figura 30 - Os pesquisadores de SignWriting.....	76
Figura 31 - Alfabeto Manual em SignWriting	78
Figura 32 - Seis símbolos de contatos	80
Figura 33 - Alfabeto Manual em ELiS	81
Figura 34 - Alfabeto Manual em SEL	82

Figura 35 - Alfabeto Manual em Visografia	82
Figura 36 - Registro em SignWriting.....	93
Figura 37 - Cinderela Surda	95
Figura 38 – Exemplos de livros criados	96
Figura 39 - Alice no país das maravilhas	97
Figura 40 - Iracema.....	97
Figura 41 - O Alienista	97
Figura 42 – Questionário bilíngue	120
Figura 43 - Formas de realização das entrevistas.....	122
Figura 44 - Livro A cigarra surda e as formigas	129

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 - Anais do TILSP 2010 a 2016	39
Quadro 2 - Relação entre tradução intermodal escrita e não-escrita....	40
Quadro 3 - Opções de tradução intramodal e as modalidades de produção	41
Quadro 4 - Tradução Intermodal e Interpretação Intermodal	46
Quadro 5 – Descrição do processo de tradução envolvendo <i>SignWriting</i>	66
Quadro 6 - Ilustrações que representam transcrições de Libras traduzidas em Português.....	68
Quadro 7 - Tipos de desenhos em língua de sinais de Van der Hulst e Channing	69
Quadro 8 - Escrita de sinais do Brasil.....	77
Quadro 9 – Elementos da escrita de sinais.....	79
Quadro 10 - Exemplos de tradução em SignWriting em diversos gêneros textuais	85
Quadro 11 – Produções para o público infantil em SignWriting	102
Quadro 12 - Livro da Literatura em SW	103
Quadro 13 - Criação.....	111
Quadro 14 - Adaptação.....	112
Quadro 15 - Tradução.....	113
Quadro 16 - Adaptação cultural.....	114
Quadro 17 – Línguas apresentadas nas obras	115
Quadro 18 - Participantes da pesquisa e livros em SW	121
Quadro 19 – Perfil dos participantes.....	124
Quadro 20 - Aprendeu SW onde?.....	125

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	<i>American Sign Language</i>
AVEA	Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem
CNPQ	Conselho Nacional de Pesquisa
DI	<i>Deaf Interpreter</i>
EaD	Educação à distância
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
EVA	Espuma vinílica acetinada
ID	Identificador de sinais
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
Libras	Língua Brasileira de Sinais
MA	Maranhão
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
SEPEX	Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão
TILS	Tradutores Intérpretes de Libras
TILSP	Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	24
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E MOTIVAÇÃO	27
1.2 JUSTIFICATIVA.....	31
1.3 OBJETIVOS	32
1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	33
2 REVISÃO DE LITERATURA	34
2.1 INTERPRETAÇÃO E TRADUÇÃO EM LIBRAS	42
2.2 INTÉRPRETES E TRADUTORES SURDOS EM LIBRAS	47
2.3 TIPOS DE TRADUÇÃO	53
2.3.1 Tradução Intralingual	53
2.3.2 Tradução Interlingual	55
2.3.3 Tradução Intersemiótica	57
2.4 TRADUÇÃO X TRANSCRIÇÃO X TRANSLITERAÇÃO	58
2.4.1 Sistemas de transcrição nas línguas orais	59
2.4.2 Transcrição e Sistemas de Escrita de Língua de sinais	61
2.4.3 Exemplos de Transcrição em Libras	64
2.4.4 Tipos de transcrição	69
2.5 SIGNWRITING	74
2.5.1 Tradução em SignWriting	83
2.6 LITERATURA SURDA	93
2.6.1 Tradução de Literatura Surda	94
2.6.2 Conclusão	98
3 LEVANTAMENTO DE LIVROS INFANTOJUVENIS COM SIGNWRITING	100
3.1 METODOLOGIA	100
3.2 MÉTODO	100
3.3 ANÁLISE	103
3.4 RESULTADOS	110
3.4.1 Produção	111
3.4.2 Línguas	115
3.4.3 Termos usados na apresentação dos livros de Libras em SignWriting	117
4 O PERFIL DOS TRADUTORES/TRANSCRITORES	120
4.1 MÉTODO	120
4.2 PARTICIPANTES	121
4.3 MÉTODO DE ANÁLISE	123

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
REFERÊNCIAS	144
ANEXOS	152

1 INTRODUÇÃO

O objetivo geral desta pesquisa intitulada “Literatura surda: o processo de tradução e a transcrição em *SignWriting*”, consiste em conhecer e entender o processo da tradução ou transcrição em *SignWriting* da literatura surda brasileira infantojuvenil, além da atuação e posição do tradutor/transcritor.

O problema principal da pesquisa concentra-se no entendimento de *como acontece o processo e por quem a tradução ou transcrição da literatura surda para escrita de sinais pode ser realizada?*

A escolha do tema foi definida durante a formação acadêmica em Letras-Libras (Língua Brasileira de Sinais) da autora deste projeto, por meio de discussões com professores, colegas surdos e ouvintes, que a estimularam à realização de pesquisas, buscas por referências e reflexões importantes para a obtenção de dados e aprofundamento teórico sobre a abordagem escolhida.

Ademais, para alcançar os objetivos propostos e fundamentar discussões dos dados e resultados encontrados, este estudo foi embasado em pressupostos teóricos sobre Tradução, Literatura surda e *SignWriting* de vários autores, dentre os principais, foram citados respectivamente no tocante à Tradução Segala (2010), Santos (2013), Rodrigues e Beer (2015) e Campello (2015); sobre a Literatura surda, os principais selecionados foram: Karnopp (2006; 2009), Karnopp e Hessel (2009); e, sobre o sistema de *SignWriting*: Stumpf (2005) e Barreto e Barreto (2015).

Ao pensar no processo de tradução e transcrição de livros de literatura surda infantojuvenil para *SignWriting* (SW), houve uma preocupação em categorizar e compreender os papéis dos tradutores e transcritores.

Por meio das experiências da autora desta pesquisa, no contexto educacional (sala de aula, um colega surdo não conseguiu compreender a tradução) no contato com materiais de estudo das diversas disciplinas em DVD pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, durante uma das atividades propostas, o professor solicitou realizar a leitura do texto-base e notou-se a necessidade de uma compreensão mais clara do texto escrito em língua portuguesa por parte dos alunos surdos.

Diante da barreira encontrada por eles no momento de leitura do texto em segunda língua (L2), foi disponibilizado um vídeo do texto-base com a tradução para a Libras realizada por surdos – esse material

encontra-se disponível no portal do curso de Letras Libras¹, no “eixo temático” da disciplina escolhida. A página eletrônica disponibiliza o texto-base em Língua portuguesa e em Libras, além de alguns vídeos traduzidos e vários outros conteúdos. Porém, esse contato causou um impacto de maneira significativa à autora, pois era desconhecida a possibilidade de um surdo exercer o papel de tradutor, já que comumente enfrentavam barreiras linguísticas ao ter a Língua portuguesa como L2 (segunda língua).

Por uma noção de hábitos cotidianos, pensava-se que a tradução só seria possível por ouvintes, visto que a audição seria uma das condições para o trabalho tradutório. Contudo, a literatura demonstra um certo equívoco neste ponto:

Os tradutores/surdos fazem a leitura (ou o estudo) do texto em Português. Depois disso, utilizam essa interlíngua escrita com base naquilo que ficou compreendido e apreendido da leitura prévia do conteúdo, já pensando na estrutura dos aspectos da tradução/encenação na língua de sinais brasileira para um ambiente virtual de ensino a ser traduzido na Língua de Sinais (QUADROS; SOUZA, 2008, p. 186-187).

Como exposto, a tradução de língua oral escrita para a língua de sinais independe da audição. A compreensão da leitura e experiência estratégico-visual são condições essenciais para se realizar um processo tradutório. Nesse sentido, é compreendido que a maioria dos surdos que tiveram acesso à língua portuguesa escrita durante o processo da aquisição da linguagem, incluindo os que foram estimulados a oralização, tendem a apresentar maior facilidade ao atuarem como profissionais tradutores em comparação aos que não tiveram a mesma oportunidade.

Isso pode ser observado pelo fato de que as traduções foram realizadas por surdos que tiveram maior contato com a língua portuguesa desde a infância ou na adolescência em relações sociais com os ouvintes, através de situações de conversas formais e/ou informais, nos âmbitos escolares, acadêmicos, etc. Nesse sentido, foi compreendido que eles apresentavam um perfil mais qualificado para auxiliar os demais surdos que possuíam conhecimento restrito à Língua portuguesa.

¹ Disponível em: <https://Libras.ufsc.br/old/public/colecaolettrasLibras/>.

Por meio das experiências da autora desta pesquisa no contexto educacional, essas diferenças entre perfis de tradutores tornavam-se cada vez mais evidentes e provocavam a necessidade de uma melhor compreensão sobre o assunto, devido ao fato de que, num determinado momento habitual de ensino em sala de aula, um colega surdo não conseguiu compreender a tradução realizada por uma intérprete ouvinte, porém quando foi realizada uma segunda tradução por ela, enquanto surda e profunda conhecedora do modo peculiar que o sujeito surdo vê o mundo, essa problemática foi resolvida, pois para ela foi mais fácil adaptar a tradução à cultura deles e, além disso, por conhecê-lo, soube utilizar exemplos e significados, de maneira clara e mais próximos das vivências de mundo deles. A autora também necessitou da tradução dos demais colegas surdos, quando desconhecia significados que não eram habituais à sua história de vida.

Nessa perspectiva, conforme Vilhalva (2010, p. 2018) “muitos surdos sinalizadores têm procurado esclarecer que cada um é diferente”, por esse motivo, cada surdo tem a habilidade de entender as diferenças e ajudar uns aos outros de maneira complementar por meio do compartilhamento de ideias entre si.

Em outra situação no contexto social, a autora desta pesquisa passou por uma segunda experiência como tradutora enquanto surda, pois, para ajudar uma amiga, a qual os pais haviam proibido de assistir televisão, muitas vezes teve que recebê-la em casa para traduzir, com o auxílio da função *closed caption* – sistema de transmissão de legendas via sinal de televisão – tudo que conseguia compreender sobre as cenas de novela ou programas que estavam sendo transmitidos.

Desta maneira, percebe-se a relevância das contribuições da tradução em diferentes contextos. No âmbito acadêmico, são importantes as investigações científicas que abordam a tradução/transcrição para a escrita de sinais, sistema *SignWriting*, bem como a Literatura Surda. Em especial, porque colabora para a valorização da profissão de tradutores e transcritores que tornam o conteúdo da literatura infantojuvenil mais acessível para outros públicos.

Por esse motivo, no capítulo dois, questões teóricas sobre essa temática foram exploradas com mais detalhes. Assim, espera-se que, com o desenvolvimento desta pesquisa, outros estudiosos encontrem os caminhos e motivações possíveis para a ampliação dos estudos neste âmbito, da mesma maneira que esse tema influenciou a autora para construção deste trabalho, conforme detalhado na seção a seguir.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E MOTIVAÇÃO

Neste espaço será explicado sobre as influências, experiências de vida e trajetória acadêmica da autora em relação aos tradutores surdos e ao sistema de *SignWriting*. A motivação da pesquisa vem, especialmente, de sua experiência tradutória. A autora é formada em Letras - Libras, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Antes de ingressar no curso de graduação, conversou com amigos surdos que já tinham estudado o mesmo curso, mas na modalidade à distância, oferecidos nos anos de 2006 e 2008. Estes, relataram-na que as disciplinas de Escrita de Sinais I, II e III eram complexas, bem como compreender o sistema *SignWriting*. A autora questionava-se como aprenderia a escrita da própria língua e se ela era mesmo importante.

Quando ingressou no curso na modalidade presencial, no ano de 2012, teve a oportunidade de fazer curso de extensão de *American Sign Language* (ASL) – Língua de Sinais Americana – os professores eram alunos² surdos que estavam na Universidade por meio de intercâmbio vinculado à Universidade de Gallaudet – Estados Unidos. Nesse contexto, ela percebeu que uma entre as colegas registrava os sinais apreendidos em ASL usando *SignWriting*, enquanto que ela fazia registros, ao contrário, em português e isso tornava o processo difícil, pois sentia dificuldade em detalhar os elementos dos sinais, as configurações de mãos condizentes, os movimentos e demais parâmetros assim como a referida colega executava. Foi nesse momento que a escrita de sinais, o sistema SW, despertou-lhe o interesse, além da percepção da importância do *SignWriting* para os demais surdos, no tocante ao registro de documentos e outros textos em primeira língua – L1.

Outro ponto que gostaria de comentar é que sempre senti falta de ler histórias em Libras por ser minha língua de conforto. Com o contato com a escrita de sinais, principalmente em obras de literatura. Em uma das entrevistas realizadas nessa pesquisa, o participante comentou que se imaginava aproveitando a leitura em SW, sentado embaixo de uma árvore, ao ar livre. Inspirada nesse comentário, para ilustrar essa situação, criei a imagem que está no início da dissertação e pedi ao cartunista Lucas Ramon para desenhar.

Mais tarde, começou a frequentar as disciplinas de Escrita de Sinais I e II, que fazem parte do currículo do curso de Letras - Libras presencial. As disciplinas possibilitaram-lhe maior conhecimento e

² John Thomas Keating-O'Loughin e Eric Castro.

ampliação dos horizontes. A partir desse aprofundamento inicial, percebeu, então, a grande importância do *SignWriting*, no registro da língua de sinais, em especial Libras (Língua Brasileira de Sinais³), pois na disciplina de Escrita de Sinais I teve a oportunidade de conhecer fundamentos teóricos sobre o *SignWriting*, a base da escrita e vários elementos estruturais como: organização, símbolos de representação, pontuação e demais elementos que envolvem a escrita de sinais. Além de desenvolver atividades de produção e compreensão, de escrita e de leitura.

Na disciplina de Escrita de Sinais II houve a oportunidade de desenvolver um trabalho em grupo, proposto pela professora, que envolvia a criação de materiais pedagógicos em *SignWriting* para serem usados no ensino da escrita como L1 para os públicos: crianças surdas, adultos surdos e para ouvintes que tinham o português como L1 e a Libras como L2.

Assim, aplicou-se o material produzido em uma escola, para uma aluna surda que cursava o Ensino Fundamental. O material elaborado envolvia as configurações de mãos confeccionadas em EVA (emborrachado a base de etil, vinil e acetato), isopor, entre outros. Na aplicação do trabalho perceberam que o uso do material didático facilitou o aprendizado do *SignWriting* por parte da aluna. Não era uma obra de tradução, mas sim uma pesquisa para criar os materiais em Libras em outra modalidade – de transcrever Libras sinalizada para Libras escrita. Segundo a autora, foi um trabalho muito prazeroso e com resultados interessantes.

Em um momento posterior, a autora atuou como monitora de uma das disciplinas de Escrita de Sinais do curso de Letras Libras na modalidade EaD, conveniada pela UFSC com 3 (três) diferentes pólos: Joinville (SC), Santa Rosa (RS) e São Luís (MA), ministrada pela professora Dra. Marianne Stumpf.

Na segunda metade do ano de 2015 a autora se graduou em Letras Libras. No qual teve a oportunidade de cursar as disciplinas de Introdução aos Estudos da Literatura, Literatura Surda I e Literatura Surda II. Na disciplina de Literatura Surda I conheceu vários materiais pedagógicos, incluindo obras literárias, mostrados pela professora da disciplina. Essa professora apresentou livros publicados e impressos com histórias escritas em português e, inclusive, com traduções em Libras escrita por meio de *SignWriting*. Várias outras dessas obras literárias eram obras originais de autores surdos. Frisa-se que esse material despertou-lhe bastante atenção, o que acarretou o interesse pela presente pesquisa.

³ É a língua utilizada pelas comunidades surdas brasileiras

Ainda na disciplina de Literatura Surda I, a professora mostrou aos alunos os livros escritos em português e em *SignWriting*. Propôs uma atividade prática que envolvia a criação de uma história relativa à comunidade surda. Ao reunir todas as histórias, os alunos criaram um livro: *Quero Encontrar um Ouro*⁴. O livro é colorido, tem imagens e a história é escrita em *SignWriting*, possui dezesseis páginas e é do gênero literatura infantojuvenil. O público-alvo do material é de jovens de 11 a 15 anos de idade da comunidade surda e pode alcançar também o público ouvinte. O livro valoriza e divulga o *SignWriting* e a Libras (figuras 1 e 2). Esse material foi apresentado na 14ª Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (SEPEX) promovida pela UFSC, em novembro de 2015. Foi organizada uma feira de Literatura Surda e os livros foram expostos pelos alunos para a comunidade acadêmica interna e externa.

Figura 1 - “Quero Encontrar um Ouro” com a versão em *SignWriting*



Fonte: Acervo da autora (2015).

⁴ Obra criada em grupo para uma disciplina de Literatura Surda, durante graduação de Letras-Libras, na UFSC (Anexo C).

Figura 2 - "Quero Encontrar um Ouro" com a versão em Português



Fonte: Acervo da autora (2015).

A experiência de conhecer obras literárias da Literatura Surda, traduzidas para Libras em *SignWriting* foi bastante significativo e somou com a experiência de que a autora deste projeto experimentou ao produzir seu próprio livro. Isso motivou-lhe ao contínuo processo de produção, leitura e estudo sobre a Literatura Surda e o sistema *SignWriting*.

Outra experiência que despertou o interesse por essa pesquisa foi a experiência com tradução nas disciplinas do curso de Letras Libras, no qual os professores solicitavam realizações de traduções a partir do sistema *SignWriting*. Além disso, participou também do projeto de revisão de algumas traduções realizadas em português e Libras escritos em *SignWriting*.

Além de traduções que envolvem a modalidade escrita, também teve algumas experiências interessantes com tradução de Libras na modalidade sinalizada, como por exemplo, a participação no Projeto Identificador de Sinais (ID); realização de transcrição das interações com

as crianças KODA⁵ e CODA⁶ mediante o uso do *software* ELAN⁷ e trabalhos de tradução e registro terminológico para alimentação do banco de dados.

Nesse espaço de tempo, a autora desta obra se aprofundou em estudos sobre tradução, transcrição, tradutor e sistema *SignWriting* de várias publicações. Ademais, durante os estudos de mestrado participou, como membro, do grupo de pesquisa de Literatura em Língua de Sinais – sob orientação da professora Dr^a. Rachel Sutton-Spence, registrado no CNPq, com encontros semanais na UFSC para interagir com demais pesquisadores sobre a produção do conhecimento da Literatura e com os estudos de glossário Terminologia da Literatura em Língua de Sinais.

Nesta pesquisa sobre literatura, tradução e transcrição em *SignWriting*, o foco não seria no texto, mas no perfil de tradutores e transcritores que, de alguma forma, participam do escopo de experiências do processo da tradução e transcrição. Nessa situação, é preciso refletir sobre a importância de manter-se atualizado sobre os processos que envolvem a tradução e transcrição na área profissional e de pesquisa.

Diante disso, devido às experiências significantes e gratificantes, surgira o interesse pelo desenvolvimento de uma pesquisa mais aprofundada a respeito de *SignWriting*, especificamente, com o emprego do sistema na Literatura surda brasileira, além de investigar traduções e transcrições realizadas em obras já publicadas. Essas foram as experiências relacionadas ao tema de pesquisa, estudos e de trabalhos que permitiram que a autora chegasse até aqui, e que ainda prosseguirá em contínuos estudos.

1.2 JUSTIFICATIVA

Embora existam livros de literatura publicados em Libras em escrita *SignWriting*, é perceptível que nem todos os livros contém o nome dos tradutores ou dos transcritores. Nesse sentido, muitas vezes o trabalho do tradutor/transcritor torna-se “invisível”. Na tradução do português para Libras em vídeo visualiza-se o sinalizante, seja essa a pessoa que traduz ou não, enquanto na transcrição nem sempre há citação de quem transcreveu. Apesar de existir trabalhos que tratam sobre o contexto,

⁵ *Kids of Deaf Adults*: Crianças ouvintes, filhos de pais surdos.

⁶ *Children of Deaf Adults*: Adultos ouvintes, filhos de pais surdos.

⁷ *Eudico Language Annotator*: Ferramenta para transcrição anotação arquivos de vídeos e áudio.

muitos se aprofundam na literatura em *SignWriting*, porém não ligados diretamente com a tradução.

Na ordem teórica os motivos se multiplicam, visto que há muita teoria sobre literatura surda e também sobre o *SignWriting*. Esse tema possui potencial para reflexões, de maneira a aumentar o conhecimento sobre a literatura surda e *SignWriting*.

Esta pesquisa se apresenta sobre o viés da tradução de literatura surda em *SignWriting*, porém não de forma aprofundada visto que se concentra mais na revisão da literatura.

A pesquisa se justifica por contribuir com os profissionais da produção de textos literários infantis em *SignWriting*, para que deem continuidade ao trabalho. Assim, convém questionar como os profissionais tradutores realizam a tradução e/ou transcrição para escrita de sinais, especificamente *SignWriting* e ainda, demonstrar a importância da diferença entre tradução e transcrição de *SignWriting*, na qual se faz necessário levantar, para que se possa continuar com o trabalho de tradução de Libras por meio de *SignWriting*, bem como promover a valorização dos profissionais que atuam nessa área.

1.3 OBJETIVOS

Objetivo Geral:

O propósito desta pesquisa está centrado no conhecimento e compreensão do processo de tradução e a transcrição em *SignWriting* na literatura surda brasileira infantojuvenil, a atuação e o papel do tradutor/transcritor.

Objetivos específicos:

- Elencar os livros de literatura surda infantojuvenil brasileira publicadas em *SignWriting*;

- Refletir acerca das traduções e transcrições para *SignWriting* e o contexto de *SignWriting* nos livros;

- Identificar a diferença entre tradutores e transcritores de *SignWriting* na literatura surda brasileira;

- Esclarecer o papel e o perfil do tradutor e transcritor de *SignWriting*;

- Entender os desafios de traduzir e de transcrever para *SignWriting* e as estratégias utilizadas por tradutores e transcritores.

1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

No primeiro capítulo, intitulado “**Introdução**”, é apresentado o interesse pela pesquisa, que se deu em grande parte às experiências da autora durante sua formação acadêmica em Letras-Libras e os trabalhos realizados sobre tradução, bem como a justificativa, a problemática e os objetivos da pesquisa.

O segundo capítulo, “**Questões Teóricas**”, trata-se das bases teóricas da diferença de tradução e interpretação em Libras e de como são apresentados os intérpretes e tradutores surdos. Ademais, nesta seção, explica-se os três tipos de tradução do Jakobson (1975). Na seção 2.4 “da tradução”, ainda no capítulo 2, aborda-se a explicação das seções anteriores, em seguida é apresentada a definição do código do sistema de transcrição; o que é transcrição, como ocorre o processo que utiliza a transcrição e a transliteração. Na próxima seção, expõe-se o surgimento do sistema de *SignWriting* no mundo e no Brasil. O tópico seguinte apresenta a existência da tradução envolvendo o *SignWriting*. Por fim, a última seção deste capítulo, ilustra a literatura surda e a tradução voltada ao público infantojuvenil.

No capítulo 3, “Levantamento de livros infantis com *SignWriting*” na “**Metodologia**”, apresenta-se os encaminhamentos metodológicos da pesquisa. Para tanto, foram abordadas três técnicas de pesquisa: exploratória, descritiva e quali-quantitativa. Estas, orientam os levantamentos de dados dos livros de literatura com *SignWriting*. Apresentou-se, então, os três tipos de categoria por meio de explicações e gráficos.

No capítulo 4 “**Os perfis dos tradutores/transcritores**” são apresentados os resultados obtidos no levantamento das obras literárias, além de entrevistas com os tradutores/transcritores de *SignWriting*, os quais relatam suas experiências e como se dá o processo de tradução.

No último capítulo, “**Conclusão**”, apresenta as considerações referentes as análises dos capítulos 3 e 4.

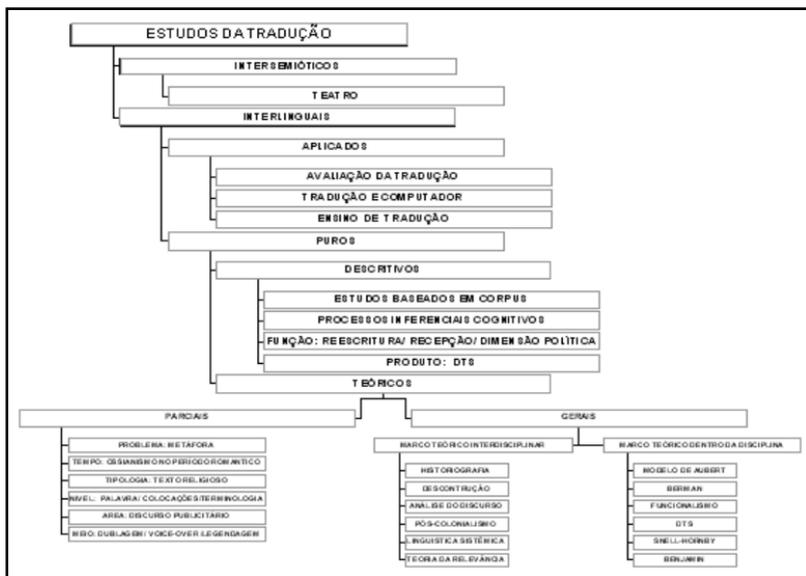
2 REVISÃO DE LITERATURA

Um mapeamento pode ajudar a identificar, na pesquisa, o problema, as atividades, as definições e funções, para assim obter-se uma organização capaz de encontrar os caminhos da pesquisa.

A relevância de se fazer o mapeamento de um campo disciplinar pode ser argumentada em, pelo dois menos, dois aspectos: (i) a inserção do praticante em um campo disciplinar específico, contribuindo para a constituição de seu status de profissional, e (ii) a conscientização desse profissional com relação aos possíveis desdobramentos e expansões do campo disciplinar no qual está inserido (VASCONCELLOS, 2008 p. 5).

Por esse motivo, apresentamos um mapeamento para contextualizar a pesquisa. O primeiro mapeamento, proposto por Holmes (1972) e adaptado por Pagano e Vasconcelos (2003), é apresentado na figura 3. No campo disciplinar dos Estudos da Tradução, existe o tópico *Mapeamento das pesquisas*, e esta pesquisa se encaixa no nível descritivo: estudo baseado em corpus, pois propõe-se a coletar livros em *SignWriting*.

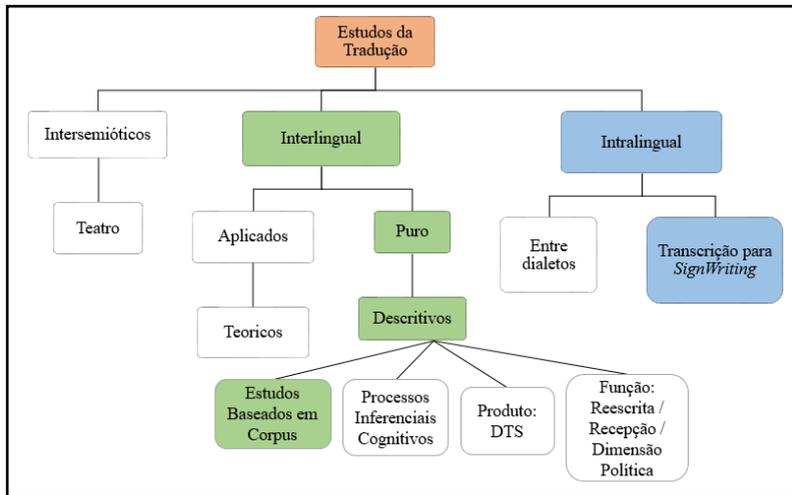
Figura 3 - Mapeamento de Holmes (1972) segundo Pagano e Vasconcellos



Fonte: PAGANO e VASCONCELLOS (2003).

Para uma melhor visualização e entendimento do mapeamento, foi adaptado, a partir da figura 4, um novo fluxograma com enfoque nesta pesquisa.

Figura 4 - Mapeamento de Estudos da Tradução de Pagano e Vasconcellos (2003)



Fonte: Adaptada pela autora (2018).

Neste mapeamento (Figura 4), apresenta-se uma área a qual a pesquisa se encaixa, ou seja, a tradução intralingual que envolve a transcrição de Libras sinalizada para Libras escrita em *SignWriting*.

Em outra proposta do mapeamento de Williams & Chesterman (2002) no livro *The Map*⁸, (em português, O Mapa), uma nova categoria dos Estudos da Tradução foi criada e dividida em doze áreas. Como é possível observar, na figura 5, a proposta de mapeamento simplifica a visualização didática, conforme Williams e Chesterman (2002), apresentada a seguir:

⁸ WILLIAMS, J; CHESTERMAN, A. **The Map**: a beginner's guide to doing research in translation studies. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.

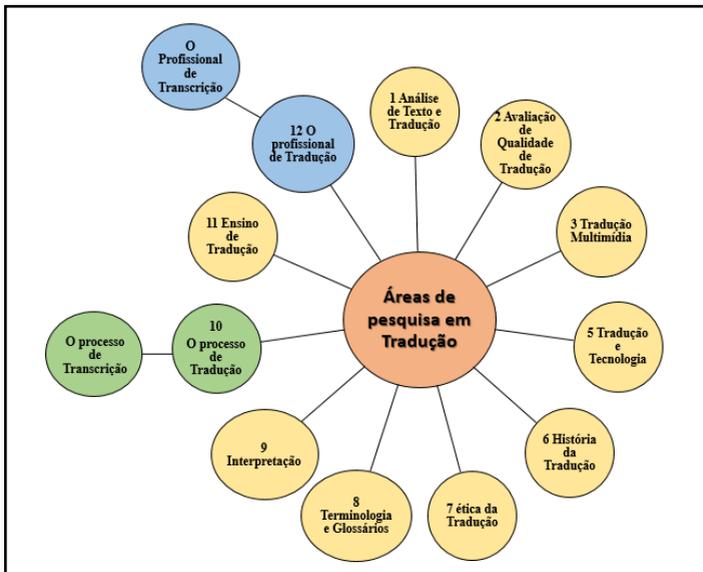
Figura 5 - Mapeamento de áreas de pesquisa em Tradução



Fonte: Vasconcellos e Junior (2009).

Assim, no mapa de Williams e Chesterman (2002) (figura 5), o item 10 diz respeito ao *Processo de Tradução* e o 12 ao *Profissional de tradução*. Nota-se que no mapeamento não há o *Processo de transcrição* e nem menciona o profissional de transcrição como ilustrado pela figura 6.

Figura 6 - Mapeamento da área de pesquisa em Tradução



Fonte: Adaptado pela autora (2018).

Defende-se que a pesquisa delineada nesta dissertação abre mais campos de estudo, em relação aos processos de tradução e transcrição e, por meio de entrevistas realizadas, a respeito do perfil dos profissionais.

Essa pesquisa está localizada nos campos de Tradução, Literatura surda e *SignWriting* e, quanto ao recorte, não trata sobre o *SignWriting* em textos acadêmicos especificamente, pois considera-se que é mais relevante citar as pesquisas de Wanderley (2012) e Kafka (2013), uma vez que foram precursores e abriram caminhos para novas pesquisas sobre a escrita de sinais.

Entre os anos de 2010 a 2016, foram registrados nos anais do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa (TILSP), alguns trabalhos relevantes para esta pesquisa, apresentados por meio de comunicação, pôster e publicação de artigos dentro dos eixos temáticos como Tradução de/para a escrita de sinais, os quais constam no quadro abaixo (Quadro 1).

Quadro 1 - Anais do TILSP 2010 a 2016

ANO	TEMA	AUTOR
2010	Um estudo sobre o processo de tradução de um texto em Língua de Sinais Escrita para língua portuguesa: desafios e Estratégias.	Aline Miguel da Silva e Tiago Coimbra Nogueira
2010	Datilologia, tradução ou “oralização sinalizada”?	Anderson Tavares Correia; Rosangela Aparecida Ferreira Lima e Francisco José Lima
2012	Tradução de escrita de sinais para português: recriação do texto?	João Paulo Ampessan; Marcos Luchi Marianne Rossi Stumpf
2012	Diferenças entre a modalidade falada tridimensional e a modalidade escrita linear: uma questão sobre a tradução para língua de sinais.	Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira
2012	Elementos dêitico-anafóricos na modalidade escrita de Libras	Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira; Lizandra Caires do Prado
2012	Tradução de sentenças em Libras: discutindo a tridimensionalidade em línguas de sinais	Maria Antoníêta Pereira Tigre-Almeida Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira Lizandra Caires do Prado
2014	Uma nova reflexão sobre o ensino da escrita de sinais através da gramática: como ensinamos a escrita de sinais para adultas surdas?	Claudio Nóbrega Ayres
2014	“Bilinguismo Pleno” e a escrita de sinais como desafios a tradutores	Margarida Maria Pimentel de Souza
2016	O ensino da <i>Signwriting</i> no centro de apoio pedagógico de Ipiaú-BA	Emmanuelle Félix dos Santos; Poliana da Silva Lima
2016	<i>SignWriting</i> (escrita de sinais) e língua Portuguesa: Alfabetização e Letramento reflexões da prática docente	Janaína Aparecida Machado dos Santos
2016	Estratégias de tradução para a escrita de sinais por alunos do curso de letras Libras no seminário	Francisco Ebson Gomes Sousa

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Estes trabalhos são importantes para a área de pesquisa que envolve o *SignWriting* e Tradução, porém não foram identificadas

pesquisas, nesses anais, sobre tradução literária em *SignWriting*, nem sobre transcrição ou tradutores/transcritores que realizam esse tipo de trabalho. Os anais levantados também mostram bastantes pesquisas relacionadas a tradução em literatura surda, mas que não tratam, diretamente, do *SignWriting* neste contexto.

Para fortalecer o argumento, foram realizadas pesquisas no banco de teses/dissertações especializados com as seguintes entradas: a) tradução em *SignWriting*; b) tradução Literatura Surda; c) *SignWriting* em Literatura Surda e; d) Literatura Surda tradução em *SignWriting*.

Rodrigues (2018), por exemplo, trata sobre os desafios de tradutores no uso do SW, pois como se sabe, ainda não há o uso habitual do sistema de escrita de sinais dentre os sinalizantes e tradutores (LS/LO)⁹ o que a torna muitas vezes não reconhecida e estimulada à avanços, conforme demonstrado no Quadro 2:

Quadro 2 - Relação entre tradução intermodal escrita e não-escrita

TRADUÇÃO INTERMODAL “ESCRITA”	TRADUÇÃO INTERMODAL “NÃO ESCRITA”
<p>LS_{escrita} → LO_{escrita} (SW/ELiS/SEL → Texto-PTe)</p> <p>LS_{vídeo-falada} → LO_{escrita} (Vídeo-Libras → Texto-PTe, Legendagem)</p> <p>LO_{escrita} → LS_{escrita} (Texto-PTe → SW/ELiS/SEL)</p> <p>LO_{áudio/vídeo-falada} → LS_{escrita} (Vídeo/áudio-PTo → SW/ELiS/SEL)</p>	<p>LS_{vídeo-falada} → LO_{áudio/vídeo-falada} (Vídeo-Libras → Texto-PTo, Dublagem, <i>voice-over</i>)</p> <p>LO_{áudio/vídeo-falada} → LS_{vídeo-falada} (Vídeo/áudio PTto → Vídeo-Libras, Legenda em Libras)</p>

Fonte: Rodrigues (2018)¹⁰

O quadro 2 está organizado em duas colunas. Na primeira a *Tradução intermodal “escrita”* e na segunda *Tradução intermodal “não escrita”*. O autor cita as possibilidades de produção escrita (seja o texto fonte ou o texto alvo), em que se tem: i) a língua de sinais (LS) para língua oral (LO); ii) língua de sinais em vídeo para língua oral escrita (texto escrito ou legendagem); iii) texto em português escrito (PTe) e traduzido para escrita de sinais – *SignWriting* (SW), Escrita de Língua de Sinais

⁹ LS – Língua de sinais e LO – Línguas orais.

¹⁰ Publicado em inglês, tradução fornecida pelo autor, por meio de comunicação particular.

(EliS), Sistema de escrita para Libras (SEL) e; iv) tradução de português oral em vídeo (PTo) para escrita de sinais.

No quadro é denominada língua oral aquela de modalidade vocal-auditiva, ou seja, a língua que o falante utiliza a voz e a audição para produzir/receber os sons. Pode ser em qualquer língua no mundo, como os idiomas: inglês, francês, espanhol, etc. Nesta obra, os exemplos são citados sempre em português. O registro da língua oral geralmente é em gravação em vídeo/áudio e que pode ser traduzido para a modalidade escrita, que pode utilizar o meio físico (papel) ou eletrônico (formato digital no computador).

A escrita das línguas orais pode ser utilizada no inglês, espanhol, francês, etc., mas cada idioma usa apenas um alfabeto para escrever. E em Libras, em escrita, utiliza-se o *SignWriting*, Elis, SEL e a *Visografia* (ver seção 2.5). Nesta pesquisa, focaremos no sistema de escrita de sinais denominado *SignWriting*. Na língua de sinais produzida pelo corpo (“oral”) é a língua sinalizada. Existem diversas opções para a tradução das línguas e as modalidades de produção (sejam produzidas pelo corpo ou escritas):

1) A língua oral representa a fala nos vídeos/áudio em português. Pode ser traduzida para Libras escrita em *SignWriting*, por exemplo, no vídeo do Tom Min Alves na música “A proibida”¹¹

2) Libras “oral” apresenta-se sinalizada em vídeo para se fazer a tradução em português escrito.

3) O texto fonte em português escrito → Libras escrita em *SignWriting*.

4) Libras escrita em *SignWriting* → em português escrito.
Apresentamos no quadro 3, um resumo das opções.

Quadro 3 - Opções de tradução intramodal e as modalidades de produção

Língua Oral para Língua escrita		
1	Português Oral	Libras Escrita
2	Libras Oral	Português escrito
Língua escrita para Língua Escrita		
3	Português Escrito	Libras Escrita
4	Libras Escrita	Português Escrito

Fonte: Elaborado pela autora

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9TGLVadkuY>.

Sobre o incentivo do uso do *SignWriting*, a pesquisadora Stumpf (2005 *apud* BARTH et al, 2009, p. 5) afirma:

As crianças surdas que se comunicam por sinais precisam poder representar pela escrita a fala delas que é viso-espacial. Quando as crianças conseguem aprender uma escrita que é representação de sua língua natural têm oportunidade todo o seu desenvolvimento cognitivo.

Este trecho traz a importância de ensinar às crianças desde cedo sobre o uso da escrita para se tornarem fluentes não só na língua sinalizada, mas também na escrita.

Neste sentido, pode ser citado como outros exemplos de pesquisas fomentadoras desse pensamento e que envolvem *SignWriting*: Nobre (2011), Wanderley (2012), Silva (2013), Kogut (2015), Bozoli (2015), Ampessan (2015), Forcadell (2016), Barbosa (2017) e, no que se refere às teses, pode-se citar: Stumpf (2005), Moraes (2016), Wanderley (2017).

Outro trabalho relevante é o de Santos (2013) que realiza um levantamento de teses e dissertações entre os anos de 1990 a 2010 sobre a referida temática. Com base nesse levantamento, foi possível perceber que a maioria dos títulos se trataram da escrita de sinais/*SignWriting* e da tradução de língua de sinais envolvendo o *SignWriting*. Nelas, Santos (2013) afirma que a pesquisa de Ramos (1995) foi a primeira realizada sobre tradução de línguas de sinais no Brasil. Desde então, as pesquisas envolvendo literatura em Libras avançaram, a saber: Mourão (2011), Machado (2013), Silveira (2015), Campos (2017), dentre outros.

Desta maneira, apesar de haver, como exposto acima, muitas publicações sobre tradução literária envolvendo *SignWriting*, ainda são poucas as pesquisas que discorrem sobre a temática desta dissertação de maneira mais aprofundada. Nesse sentido, defende-se de que esta pesquisa contribuirá significativamente para o avanço de reflexões acerca da SW.

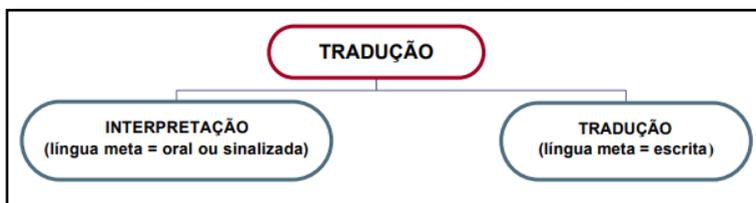
2.1 INTERPRETAÇÃO E TRADUÇÃO EM LIBRAS

Enfatiza-se que, embora a atividade de interpretação seja um campo do conhecimento vasto, esta pesquisa não está focada nesta temática e sim na atividade de tradução propriamente dita. Porém, antes de apresentar a seção que trata especificamente sobre tradução, se faz

necessário distinguir essas duas atividades que são frequentemente realizadas por vários profissionais dentro da área de Libras.

A interpretação aponta que a língua-meta pode ser utilizada de forma oral ou sinalizada (PEREIRA, 2008). Na figura 7 é possível visualizar as diferenças da interpretação e da tradução.

Figura 7 – Diferença entre Interpretação e Tradução



Fonte: Pereira (2008).

Conforme Quadros (2004, p. 9), interpretar é “[realizar a] interpretação da língua de sinais para a língua falada e vice-versa, da língua falada para a língua de sinais”. Nessa perspectiva, a interpretação pode ser feita de forma consecutiva e de forma simultânea.

Na interpretação consecutiva, a autora (2004, p. 9) conceitua como “processo de tradução-interpretação de uma língua para outra que acontece de forma consecutiva”. Por exemplo, ao mesmo tempo um palestrante sinaliza ASL (língua fonte) e o tradutor-intérprete vê a sinalização do palestrante, em seguida o palestrante para de sinalizar, e o tradutor-intérprete sinaliza para Libras (língua alvo).

Já a interpretação simultânea, consiste em um “processo de tradução-interpretação de uma língua para a outra que acontece simultaneamente, ou seja, ao mesmo tempo” (QUADROS, 2004, p. 11). Citamos como exemplo, um palestrante sinaliza Libras, e o tradutor-intérprete a transposição para Libras ou português.

Figura 8 - Intérprete de Libras

Fonte: Portal MEC¹²

Na figura 8, ilustramos uma interpretação Libras-português. Geralmente tem o envolvimento de surdos(as), ouvintes que não sabem língua de sinais e intérprete, que faz a mediação em situações que envolvem comunicação entre eles. A figura apresenta três pessoas, da esquerda para direita. A primeira pessoa é o intérprete (quem produz a fala/sinalização, interpretando em língua de sinais e língua vocal-auditiva); a segunda é o falante de língua vocal-auditiva que desconhece a Libras, e o terceiro, a pessoa surda que está interagindo com os outros. O processo da interpretação da Libras ocorre da seguinte forma: se o iniciador do diálogo for a pessoa surda, sinaliza para o intérprete, e em seguida este passa a informação em português para o receptor ouvinte, não usuário da Libras, só então, o ouvinte falará ao surdo mediante a interpretação para a Libras.

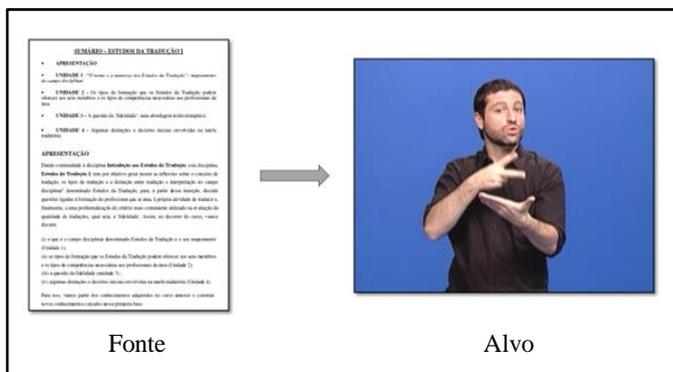
A atividade de interpretação é antiga, mas conforme Russo (2009, p. 27) sobre a formação acadêmica, não se observou muitos registros e não havia formação profissional na época em que surgiu. Na década de 1990, a interpretação na área de Libras foi reconhecida e, desde então, passou por muitas transformações, as quais se incluem a sua própria regulamentação da profissão conforme a Lei n. 12.319 de 1º setembro 2010 (BRASIL, 2010). São muitas pesquisas sobre interpretação envolvendo línguas de sinais e línguas orais. Santos (2013) faz um levantamento dessas pesquisas e mostra o crescimento significativo dessas pesquisas.

Com relação à tradução, segundo Pereira (2008, p. 25), envolve uma dinâmica na qual “um texto em uma determinada língua, sofre um

¹² Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorLibras.pdf>.

processo (tradução), e é enunciado em outra língua, diferente da primeira (tradução)”, assim, o processo da tradução envolve a “língua fonte (LF), de saída ou de origem; a língua para a qual se traduz é a língua meta (LM), alvo ou de chegada” (p. 25). Demonstra-se a seguir um exemplo, no qual há um texto da Coleção Letras Libras (em português escrito) e a tradução (em Libras) conforme apresentado abaixo.

Figura 9 - Texto-base tradução para Libras



Fonte: UFSC¹³ (20--).

De acordo com Rodrigues (2018, a atividade de tradução e interpretação de/para línguas orais se diferencia em determinados aspectos da tradução e da interpretação intermodal, conforme pode ser observado no quadro 4. Destacamos a questão da visibilidade do tradutor como fator indicado pelo autor na tradução intermodal.

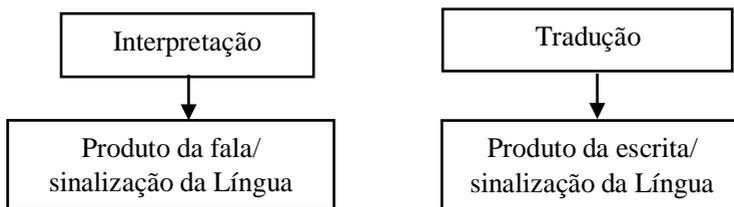
¹³ Imagem retirada do vídeo Bacharelado da disciplina de Estudos da tradução I (Texto Base da Coleção de Letras-Libras). Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/estudosDaTraducaoI/scos/navpaths/indexnavpath1.html>.

Quadro 4 - Tradução Intermodal e Interpretação Intermodal

TRADUÇÃO INTERMODAL	INTERPRETAÇÃO INTERMODAL
Atividade menos comum que a interpretação e que, gradativamente, tem ganhado mais espaço e destaque, principalmente, no ambiente acadêmico.	Atividade bem comum e, inclusive, responsável pela visibilidade das línguas de sinais nos Estudos da Tradução e nos da Interpretação.
Frequentemente, os materiais traduzidos de/para línguas de sinais apresentam o texto alvo junto ao texto fonte (muitas vezes, destaca-se a legendagem em sinais ou em língua oral escrita ou a dublagem ou um tipo de <i>voice-over</i> etc.).	Frequentemente, o texto alvo é apresentado diante do público sem uso de cabines ou equipamentos tecnológicos (salvo em grandes eventos que usam a projeção do intérprete em telões e, em casos, em que o produto final é na língua oral e, assim, pode-se usar as cabines e seus equipamentos).
Como a língua de sinais não possui um sistema de escrita consolidado e difundido socialmente, utiliza-se sua versão falada registrada em vídeo em diversos processos tradutórios, tornando o tradutor visível.	Como a língua de sinais é gestual-visual, o intérprete apresenta-se fisicamente diante do público, estando sempre visível.

Fonte: Rodrigues (2018)

Na tradução intermodal, o tradutor torna-se visível quando a tradução na versão em Libras registrada em vídeo. Desse modo, frequentemente o tradutor também é a pessoa apresentada no vídeo. Nesta pesquisa, geralmente o tradutor que traduz para escrita de sinais não é conhecido, ou seja, não sabemos quem fez a tradução porque é frequente não constar o nome dele no livro publicado. Quadros e Segala (2015, p. 361) comentam que “uma vez que o tradutor produz o texto em Libras filmado, ou seja, o tradutor é visualizado e sua identidade é explícita (diferente de traduções envolvendo textos escritos, em que o tradutor pode tornar-se, muitas vezes, invisível)”. Esse ponto é importante para a pesquisa, pois os leitores de Libras escrita não veem a pessoa que produziu a tradução em *SignWriting*.

Figura 10 - Tradução e interpretação para Língua de sinais

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Pagura (2015) explica a diferença dos processos de interpretação e tradução: na interpretação, o intérprete traduz oralmente as palavras de uma língua para a outra. O autor afirma que, durante o processo de

interpretação simultânea, o intérprete esteja “fechado em sua cabine” (2015, p. 5). Em línguas de sinais é raro visualizar o intérprete atuando em cabine pois precisa que esteja visível, já que é uma língua visual.

Durante a interpretação, o profissional tem menos tempo para realizar a ação, consultar, pesquisar, o que acontece de maneira diferente da tradução. O tradutor é a pessoa que trabalha com a transposição de qualquer língua, trabalha com a forma de escrita, pois há tempo de pesquisar, consultar nos dicionários, em busca na internet, trocar as ideias com os colegas. Nas duas atividades os profissionais que trabalham com as duas línguas, terão de adquirir e dominá-las (PAGURA, 2015) seja o profissional surdo ou ouvinte.

Em traduções que envolvem línguas de sinais as possibilidades de tradução se ampliam, visto que a modalidade da língua influencia as suas produções, como por exemplo, no caso dos vídeos. Assim, essas traduções têm outros formatos além do formato escrito. Por fim, a diferença sobre a atividade de tradução e interpretação foi exposta, então é possível focar nas referências sobre o intérpretes e tradutores surdos na Libras.

2.2 INTÉRPRETES E TRADUTORES SURDOS EM LIBRAS

O tradutor e intérprete de língua de sinais é quem traduz de uma língua de sinais para uma língua oral (e vice-versa) ou até mesmo de uma língua de sinais para outra língua de sinais (QUADROS, 2004).

Autores como Santos (2013) e Rodrigues & Beer (2015) tem apresentado discussões a respeito da formação de Tradutores e Intérpretes de Libras (TILS). As pessoas que, no passado, atuavam como intérpretes de línguas de sinais no Brasil não possuíam formação acadêmica específica. Em sua maioria eram familiares e amigos de surdos, que aprendiam com eles a língua de sinais. O contexto religioso, por exemplo, foi muito importante nesse processo, pois os primeiros cursos apareceram dentro deste ambiente, apesar do interesse ser de conquistar fiéis. Em segundo lugar, o campo educacional é o que possui mais abrangência no mercado de trabalho para os intérpretes ouvintes de Libras. Felizmente, hoje existe o curso de graduação de Bacharelado em Letras Libras que forma tradutores e intérpretes de línguas de sinais em vários estados brasileiros.

Neste sentido, Silveira (2017) fez o levantamentos da atuação dos intérpretes surdos no Brasil, quando diz que:

A terminologia usada na descrição de DI varia em toda a literatura. Além de “intérpretes surdos”, eles também foram chamados de “intérprete repetidor”, “intérpretes relé surdos”, “mediadores”, “intérprete espelho”, entre outros nomes (NAPIER et al. 2006, p. 143, tradução nossa) (SILVEIRA, 2017, p. 15).

Com base no exposto acima, indagou-se o que de fato leva os profissionais a serem intérpretes surdos? Como exemplo, citamos o texto “Intérpretes Surdos”, em que o autor propõe a seguinte questão: “Como um surdo pode ser um intérprete de língua de sinais em sua própria comunidade de surdos? Não pode ser. Você é surdo!”¹⁴ (BOUDREAULT, 2005, p. 323).

Na comunidade surda, o intérprete ouvinte são maioria dentre os profissionais. Os surdos costumam ver intérpretes nas escolas, eventos, TV, entre outros. Em geral, para a comunidade surda, existe a crença que intérpretes podem ser somente os ouvintes, que são estudados e fluentes em língua que normalmente são fluentes em língua portuguesa e com conhecimento mais amplo que os surdos.

A autora Strobel (2011, p. 234) explica que há mitos que evidenciam que intérprete surdo não pode atuar por não ouvir, não poder falar e por não dominar a sua língua portuguesa. Em contrapartida, Andrade (2015, p. 35), explica que há preconceito, ao ser classificado como inferior, quando comparado aos usuários da língua portuguesa ouvintes.

Em tempos remotos a interpretação da Libras já ocorria. Exemplificando, tem-se o Instituto Nacional da Educação dos Surdos (INES) onde já acontecia o processo de interpretação, pela necessidade de comunicação entre professores ouvintes que não conheciam a Libras com alunos surdos.

Existem muitas possibilidades de interpretação informal na comunidade de surdos onde alguns membros da comunidade possuem inúmeras habilidades para atuar como facilitadores de comunicação. O contexto pode estar dentro de uma escola surda, no local de trabalho ou quando se encontra com pessoas ouvintes profissionais, como

¹⁴“*Deaf Interpreters*”, “*How can a Deaf person be a signed language interpreter in your own Deaf community? It can't be. You're Deaf!*”

advogados, médicos, etc. Este processo DI pode envolver falar em voz, gesticular, escrever ou usar outras línguas de sinais (BOUDREAULT, 2005, p. 323, tradução nossa)¹⁵

Sabemos que os perfis dos surdos não são todos iguais. Em sua heterogeneidade, há vários níveis de conhecimento de mundo. Vários são os motivos pelos quais os surdos não desenvolveram a aquisição da linguagem na Libras ou no português, tais como: a cidade não possuir uma escola para surdos; por não ser diagnosticado como surdo pela família e conseqüentemente não se identificar como surdo; pelo fato da família achar que o filho surdo é intitulado deficiente; por não aceitação do surdo por parte da família, e, assim, impedi-lo de conviver na sociedade; não ter sido estimulado a aprender português e obrigá-los a falar e escrever, tornando-os oralizados.

Por isso, existem surdos que não possuem a habilidade da escrita da língua portuguesa, que se sentem desconfortáveis e pedem auxílio a intérprete ouvinte, que este profissional não está presente em determinadas situações ou não sente confiança com determinados intérpretes ouvintes.

No contexto da área de saúde, Chaveiro e Barbosa (2005, p. 421) realizaram entrevistas dos surdos em Goiânia. Um dos entrevistados surdos respondeu que “*tinha vergonha de expor algumas coisas na frente do intérprete*”. O outro respondeu “*Com ele fica mais fácil, mas é preciso ter confiança no intérprete*”. Nos dados coletados observou-se que houve uma demonstração de bloqueio na presença de intérprete por falta de confiança e por isso solicita auxílio de amigos surdos.

Muitos surdos pedem ajuda dos seus amigos surdos que são “*intérpretes surdos*” – não profissionalmente, mas de maneira informal. Para auxiliá-los em várias situações, por exemplo, geralmente na área de saúde como em clínicas, no hospital, na academia, nutricionistas, eventos, entre outros. Como foi dito, há surdos que não possuem habilidade de oralização e outros que detêm essa habilidade, que foram estimulados pela família, tiveram acompanhamento com fonoaudiólogos, muito

¹⁵ *There are many possibilities for informal interpreting within the Deaf community where some members of the community possess numerous skills to act as communication facilitators. The context can be within a Deaf school, the workplace or when meeting professional hearing people such as lawyers, doctors, etc. This DI process can involve voicing, gesturing, writing, or using other signed languages.*

estimulados a aprender o português, entre outros. Todos esses fatores auxiliam na interpretação.

Existem muitas possibilidades de interpretar durante a comunicação informal, para interpretar vários contextos na escola, nos contextos de saúde (consulta médico, hospital, farmácia), nos bancos, comércio, em família, entre outros.

Como exposto, há intérpretes surdos e o número de intérpretes surdos profissionais vem crescendo. Segundo Silveira (2017) os espaços de maior atuação dos DIs (*Deaf interpreter*) aqui no Brasil são: eventos, universidades federais, além de sempre atuarem em duplas de maneira autônoma.

Com relação aos tradutores surdos, desde 1999, Nelson Pimenta trabalha com a tradução de fábulas para produções em Língua de Sinais Brasileira e também teve experiência em trabalhos na UFSC, o qual fez a tradução de português para Libras em DVD, devido à experiência de trabalhar com cinco profissionais surdos e um ouvinte. Os surdos foram os primeiros alunos do curso de Letras-Libras em 2006 (CASTRO, 2012, p. 37). Ainda nesse ínterim, com o início da oferta deste curso (Licenciatura em Letras Libras na UFSC) na modalidade à distância, foi composta uma equipe de tradutores surdos e ouvintes.

Os primeiros tradutores dos hiperlivros foram estudantes de programas de pós-graduação da UFSC, fluentes em Libras, dentre eles Ana Regina Campello, Marianne Stumpf, Rodrigo Rosso e Uéslei Paterno (ouvinte) (OLIVEIRA & SILVA, 2015, p. 94).

Os tradutores surdos trabalharam na tradução dos textos-bases de português para Libras e realizaram filmagens destes textos em Libras, em estúdio e então colocaram no ambiente virtual de aprendizagem (AVEA). As traduções envolviam os conteúdos do curso, entre eles as provas, os itens do glossário e textos de todas as disciplinas, também as atividades e os comunicados. Para traduzir cada disciplina, o texto-base foi dividido entre três tradutores – tradutor das unidades principais, tradutor dos links, tradutor das atividades.

Também na UFSC atuaram alguns dos primeiros tradutores surdos em trabalhos formais do contexto acadêmico (editais e provas do vestibular da própria universidade em 2012). Essa versão não foi traduzida na íntegra, foram gravadas apenas informações sobre o vestibular. Fernanda Araújo Machado e Germano Carlos Dutra Junior

traduziram somente as principais informações da agenda do vestibular UFSC/2012¹⁶ (data da isenção, inscrição, provas) e a Simone Gonçalves de Lima da Silva traduziu a prova do vestibular da UFSC/2012¹⁷. Com o passar dos anos, houve grande procura por editais e provas em Libras, logo aumentou a demanda para tradutores surdos.

Nas edições anteriores do Enem (Exame Nacional de Ensino Médio), os candidatos surdos eram obrigados a fazer a prova em sua segunda língua, o português. No ano de 2017 conquistaram o direito de fazer a prova em sua primeira língua, Libras. Tradutores surdos especializados em Libras, participaram da tradução da prova do Enem e traduziram os textos, além de vídeos explicativos com auxílio e orientação para a prova. Este acontecimento serviu de marco histórico para a área de Libras e do Enem.

A equipe trabalhou para realizar a tradução dos textos-base das diversas disciplinas do curso Letras Libras. Participaram da etapa de vídeo em Libras: Débora Campos Wanderley (AM), Fernanda de Araújo Machado (RJ), Flaviane Reis (GO), Germano Dutra Junior (SC), Heloíse Gripp (RJ), Letícia Fernandes (SC), Rodrigo Custódio (RS), Tomaz Beche (SC), Mariana Campos, Rimar Segalla, Rui Zuzza (SP), tradutores de diferentes estados, que compartilhavam as variações dos sinais e discutiam como utilizariam os sinais para representar um padrão nos sinais acadêmicos para o Brasil (OLIVEIRA & SILVA, 2015).

Os nomes que foram citados acima, são de tradutores surdos, contudo o trabalho também contou com os tradutores ouvintes. Assim, “em 2007, houve a participação do tradutor/intérprete Saulo Souza, em 2008, a participação da tradutora/intérprete Maria Cristina Pereira, em 2010, do tradutor/intérprete Venícios Linden e de 2008 até 2011, da tradutora/intérprete Janine Oliveira” (OLIVEIRA & SILVA, 2015, p. 97).

¹⁶ Disponível em: <http://www.vestibular2012.ufsc.br/index.php?s=Libras>.

¹⁷ Disponível em: <http://www.vestibular2012.ufsc.br/index.php?s=provas>.

Figura 11 - Reunião com os tradutores do Curso de Letras Libras



Fonte: Oliveira & Silva (2015, p. 108).

Até esse momento, não havia menção sobre traduções/transcrições em *SignWriting*. Porém, Oliveira & Silva (2015) falam do trabalho de tradução usando escrita de sinais realizado por Rundesth Nobre e o Kafka Domingos (OLIVEIRA & SILVA, 2015, p. 97). Eles falam de “tradução indireta”, sendo “os tradutores de Escrita de Sinais utilizavam como referência o texto em Libras (texto já traduzido) ao invés do texto fonte em língua portuguesa” (OLIVEIRA & SILVA, 2015, p. 110). O termo “tradução indireta” pode ser igual ao termo transcrição no contexto da pesquisa dessa dissertação.

Na figura 12, apresenta a foto de uma tradução em escrita de sinais de uma disciplina do curso EaD.

Figura 12 - Tradução em escrita de sinais



Fonte: Oliveira & Silva (2015, p. 109).

Hoje esses tradutores não atuam somente em contexto acadêmico. Na seção 2.4.1 discute-se sobre outras formas de atuação na tradução envolvendo *SignWriting*.

2.3 TIPOS DE TRADUÇÃO

Existem diferentes Teorias de tradução. Segundo Jakobson (1975, p. 64-65) existe três tipos de tradução: tradução intralingual, interlingual e intersemiótica. Essas três espécies de tradução devem ser classificadas separadamente:

- 1) A tradução intralingual ou reformulação (*rewording*) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua;
- 2) A tradução interlingual ou tradução, propriamente dita, consiste na interpretação dos signos por meio de alguma outra língua;
- 3) A tradução intersemiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais.

Nesta pesquisa são investigados os três tipos de traduções: intralingual, interlingual, intersemiótica, além de exemplificar traduções de modalidade gestual-visual.

2.3.1 Tradução Intralingual

A tradução intralingual, que ocorre numa mesma língua, a exemplo da área da Medicina, pois geralmente os médicos e profissionais afins que entendem a terminologia da área. E nós, clientes, somos, na maioria das vezes, incapazes de entender ou pronunciar as palavras da maneira formal e acabamos recorrendo à informalidade. Além disso, no caso dos surdos, há níveis diferentes de comunicação, por exemplo, em contexto da zona urbana e rural, a linguagem é diferente, pois na primeira, a população tem contato com empresas, *shoppings*, poluição, já na zona rural, as atividades estão relacionadas a agricultores nos campos, animais, plantações. Quando ingressam no meio acadêmico trazem consigo sinais variáveis, por exemplo, entram em contato com sinais do âmbito acadêmico e que ainda não compreendem, precisando da ajuda de outros para esclarecer. Essa variedade de situações reafirmam a premissa de que cada um dos lugares tem a sua própria língua de sinais. Falando em formal e informal,

o autor explica sobre os indicadores de formalidade da Língua de sinais, “com o uso do espaço da sinalização, da velocidade de sinalização, soletração manual modulação de parâmetros de sinais, expressões faciais, movimentos corporais e classificadores” (SILVA, 2013, p 11).

Para Jakobson, sobre a tradução intralingual (1975), o autor explica que:

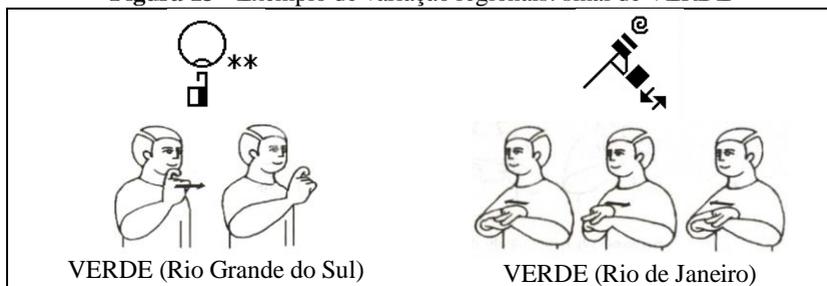
A Tradução intralingual de uma palavra utiliza outra palavra, mais ou menos sinônima, ou recorre a um circunlóquio. Entretanto, via de regra, quem diz sinonímia não diz equivalência completa: por exemplo, “todo celibatário é solteiro, mas nem todo solteiro é celibatário” (JAKOBSON, 1975, p. 65).

Nesse sentido, a tradução intralingual envolve a atividade de contato humano quando um código linguístico é convertido para o outro (CAMARGO, 2010). Sobre a variação linguística em Libras, as autoras Strobel e Fernandes (1998, p. 13) ressaltam que:

Na maioria do mundo, há pelo menos, uma língua de sinais usada amplamente na comunidade surda de cada país, diferente daquela da língua falada na mesma área geográfica. Isto se dá porque essas línguas são independentes das línguas orais, pois foram produzidas dentro das comunidades surdas.

Mourão (2011), em seu trabalho, apresenta o exemplo de um caso de variações regionais, no qual um sinal de cor VERDE produzido com sinais do Rio Grande do Sul é completamente distinto mesmo sinal do Rio de Janeiro (Figura 12)

Figura 13 - Exemplo de variação regionais: sinal de VERDE



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Neste exemplo, é perceptível que as variantes podem ser realizadas tanto com uma mão, como com duas mãos. A variante encontrada no Rio Grande do Sul, apresenta configuração de mão  com o contato da localização no queixo e repetida por duas vezes. E o outro sinal, do Rio de Janeiro, utiliza os dedos com a configuração de mão que forme um “V”  e passando por cima da mão (para lá e para cá).

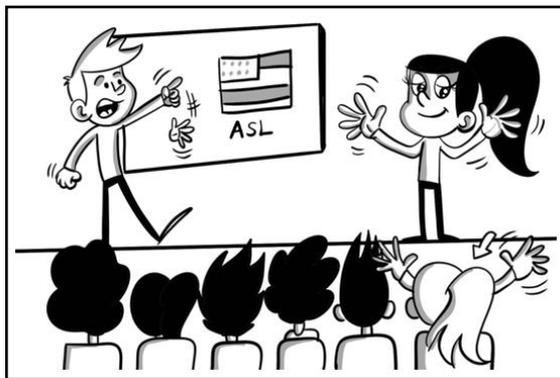
Visto que a transcrição de Libras sinalizada para Libras escrita vai manter a mesma língua, podemos dizer que tem elementos de tradução intralingual. Após definir a tradução intralingual, agora vamos refletir sobre o outro tipo de tradução: a interlingual.

2.3.2 Tradução Interlingual

O que é a Tradução Interlingual? Segundo Jakobson (1975),

No nível da tradução interlingual, não há comumente equivalência completa entre as unidades de código, ao passo que as mensagens podem servir como interpretações adequadas das unidades de código ou mensagens estrangeiras [...]. Mais frequentemente, entretanto, ao traduzir de uma língua para outra, substituem-se mensagens em uma das línguas, não por unidades de códigos separadas, mas por mensagens inteiras de outra língua. Tal tradução é uma forma de discurso indireto: o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte. Assim, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes (JAKOBSON, 1975, p. 65).

De maneira geral, interlingual refere-se “Ao traduzir de uma língua para outra”, isto é, na palavra “internacional”, o prefixo “inter” significa “fora”, então “internacional” corresponde a “fora do país”. Quando se utiliza outra língua, por exemplo, pode ser entre línguas diferentes de mesma modalidade (tradução intramodal), a língua oral (por exemplo, português para inglês) ou língua de sinais sinalizada (Libras para ASL). Veja o exemplo o seguinte ilustrado na figura 13.

Figura 14 - Palestrante e intérprete

Fonte: Elaborado por Lucas Ramon A. de L. Maciel (2018).

A figura 14 expõe uma cena que sugere ambientes de eventos, congressos, encontros, ou mesmo de uma sala de aula. Na parte superior da imagem (começando da esquerda para direita), o primeiro é o palestrante sinalizando ASL e a segunda é a intérprete que faz a transposição para Libras e os demais são aqueles que assistem a apresentação, ou seja, o público. Alguém sentada na frente da intérprete, copia ou interpreta o que está sendo sinalizado pela intérprete no palco. A ilustração demonstra que qualquer língua de sinais pode ser traduzida em Libras e vice-versa.

Em geral, este tipo de interpretação ocorre entre línguas diferentes, por exemplo, da língua ASL para Libras da figura 14. Para falar sobre esse assunto, Mourão (2011, p. 63) enfatiza que:

[...] não ocorre uma tradução literal, palavra por palavra, mas uma interpretação ou tradução, para que as pessoas que usam uma língua possam compreender e interpretar os processos sociais que se desenvolvem em uma outra língua, em uma outra cultura.

O trabalho dos tradutores de escrita de sinais pode ser tradução interlingual, isto é, quando tem uma tradução direta de outra língua para Libras escrita. Como já conhecemos os dois tipos de tradução: a tradução intralingual e a tradução interlingual, que envolve o estudo da língua com o sistema dos signos verbais, passa-se a versar sobre o último tipo, a tradução intersemiótica, formulada por Roman Jakobson.

2.3.3 Tradução Intersemiótica

O que vem a ser a tradução intersemiótica? Esta modalidade engloba uma “interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais” (JAKOBSON, 1975 *apud* GUERINI; PEREIRA, 2008, p. 07 ou seja, a tradução de um sistema das linguagens semióticas que envolve literatura, pintura, teatro, fotografia, cinema, televisão. Por exemplo, de um texto escrito para o vídeo. A autora Guerini (2008, p. 23) define que o sistema verbal e não-verbal, por exemplo, no cinema, se apresenta por meio do vídeo; na ilustração de livros, se apresenta por meio impresso, como um gibi (história em quadrinhos). Além disso, o envolvimento dos sistemas verbais e não-verbais no contexto da música entre a dança e a pintura.

Em Libras, por exemplo, a tradução de um texto literário para a Libras sinalizada com a história de Chapeuzinho Vermelho¹⁸, com o sistema verbal para o não-verbal, que envolve aspectos visuais, com tradutor/ator surdo usando cenários, figurinos, fantasias e outras imagens. Sistemas não-verbais, tais como imagens e ilustrações são produzidos juntos com *SignWriting* nos livros nesta pesquisa. Nessa sequência, o papel do tradutor/ator¹⁹ surdo será discutido na próxima seção.

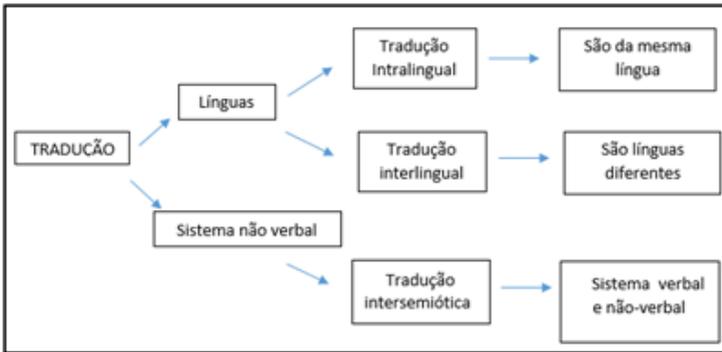
O sistema verbal para não-verbal se mostra interessante, visto que o vídeo, na modalidade de língua gestual/visual, é completamente visual, característica própria das línguas de sinais.

Assim, foram expostos os três tipos da tradução abordados por esta pesquisa. A figura 15 demonstra as diferenças entre dos tipos de tradução intralingual e interlingual, que diz respeito ao estudo específico da língua (composta por signos verbais) e a tradução intersemiótica, que trata do estudo que pode envolver signos verbais e não-verbais.

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JuCVU9rGUa8>.

¹⁹ Os textos traduzidos para a Língua Brasileira de Sinais são filmados, pois, é uma língua vista pelo outro, é uma língua que usa as mãos, o corpo, as expressões faciais, é uma língua que depende da presença material do corpo do “tradutor”, por isso, também “ator” (QUADROS; SOUZA, 2008, p. 175).

Figura 15 - Tipos de tradução



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A proposta de tipos de tradução de Jakobson é mais voltada para línguas orais, porém os exemplos foram citados em Libras. Na bibliografia levantada para essa pesquisa, é possível notar a presença desses tipos pois uns utilizam português e desenhos em Libras, já outros, desenhos em Libras e escrita de sinais.

Como já mencionado, esta pesquisa envolve a tradução literária para *SignWriting*, ou seja, da língua portuguesa escrita para Libras escrita em *SignWriting*, abrangendo dois tipos da tradução em signos verbais das línguas em tradução intralingual e a tradução interlingual.

Até agora, como já foi explicado os tipos de tradução propostos por Jakobson, na próxima seção serão apresentados aspectos sobre a tradução, transcrição e transliteração em Libras.

2.4 TRADUÇÃO X TRANSCRIÇÃO X TRANSLITERAÇÃO

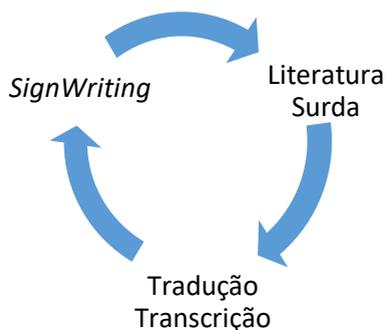
Esta seção abordará o processo de transcrição, não iremos aprofundar sobre a transliteração²⁰, pois o foco da pesquisa é transcrição, no qual será abordado que uma transcrição consiste no ato de conversão linguística, mas de uma maneira “intralinguística”. Nesta pesquisa, transcrição é definida como a forma de registrar um texto feito pelo corpo humano num sistema de escrita. Embora palavra “transcritor” seja usada para a pessoa que transcreve as falas para a escrita, atualmente, o termo

²⁰ Transliteração é o processo do sistema de escrita por exemplo, *SignWriting* é um sistema de escrita de sinais, ou seja, transliteração para os outros sistemas são: ELiS, SEL.

pode ser utilizado para denominar a pessoa que transcreve uma produção oral em língua de sinais para língua de sinais na forma escrita.

Para ilustrar a proposta desta pesquisa, elaborou-se a figura 16, demonstrando a relação entre *SignWriting*, Literatura Surda e a Tradução/Transcrição, numa configuração de ciclo. O trabalho de cada deles, impossível separar, que tem ligação com o trabalho de tradução/transcrição de *SignWriting* com a área de Literatura Surda.

Figura 16 - Relação entre as temáticas propostas na pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

2.4.1 Sistemas de transcrição nas línguas orais

O principal sistema de transcrição de Português é a escrita alfabética. Sistemas de transcrição de Português não são apenas de Português escrito para ser lido pelos olhos.

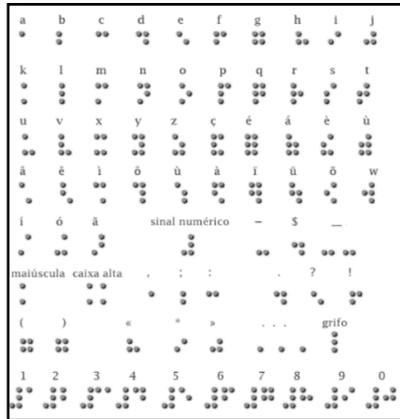
- **Braille**

De acordo com Omena, “O Braille é um sistema de escrita e leitura utilizado principalmente por pessoas cegas, desenvolvido pelo francês Louis Braille no século XIX” (2009, p. 20). Esse sistema é representado de forma escrita e leitura tátil (para tocar, que serve para sentir por meio do tato) para as pessoas cegas.

Segundo Lemos e Cerqueira (1999), Louis nasceu em 1809 e perdeu a visão quando tinha 3 anos de idade, devido a um acidente na

oficina no seio do seu pai. O sistema Braille é organizado por meio de “códigos pelos quais as pessoas podem se comunicar em diversos idiomas mediante ao uso da linguagem verbal escrita” (OMENA, 2009, p. 20). O sistema representa as letras, números e sinais de pontuação (Figura 17).

Figura 17 - Braille



Fonte: Apadev²¹

• Código Morse

Código Morse corresponde a um sistema de comunicação internacional que representa letras, números e sinais de pontuação por uma sequência de pontos, traços, e espaços sonoros ou visuais, mas principalmente sonoros. Foi criado por Samuel Morse em 1835 (figura 18).

²¹ Disponível em:

<http://www.apadev.org.br/pages/workshop/Osistemabraile.pdf>.

Figura 18 - Código Morse

A	..	J	S	...	2-
B	K	...-	T	-	3-
C	L	U	...-	4-
D	...-	M	--	V	5
E	.	N	--	W	...-	6
F	O	---	X-	7
G	...-	P	Y-	8
H	Q-	Z-	9-
I	..	R	...-	1-	0-

Fonte: Brasil Escola²²

Esses códigos elucidam que esses sistemas consistem em maneiras de representar as letras que, por sua vez, são elementos de um sistema para escrever as línguas faladas.

2.4.2 Transcrição e Sistemas de Escrita de Língua de sinais

Há vários tipos de notações para a escrita de língua de sinais do mundo. Wanderley, Luch e Stumpf (2018) detalham diversos sistemas para transcrever as línguas de sinais. Aguiar e Chaibue (2015) apresentam cinco sistemas de escritas de sinais existentes, são elas: *Mimographie*, Notação de Stokoe, Notação de François Neve, *HamNosys* e o sistema de *SignWriting*. Nesta seção, apontamos alguns sistemas com objetivos diferentes.

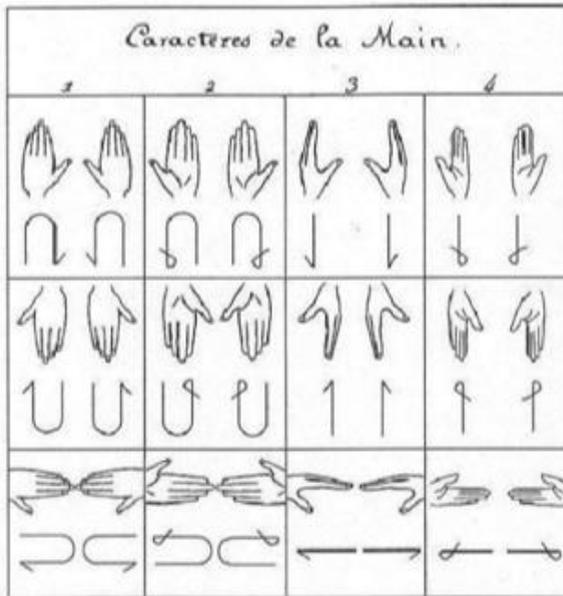
a) *Mimographie*

Alejandro Oviedo 1822 conta sobre a história de Bébian, que foi registrado como a primeira escrita de língua de sinais. De acordo com Silva (2009), Campos (2012) e Aguiar e Chaibue (2015) em 1875, foi registrada a primeira tentativa de escrever a língua de sinais criada por Roch-Ambroise Auguste Bébian. Esta, por sua vez, foi publicada em um livro intitulado “*Mimographie*” (Figura 19) baseada em quatro parâmetros principais: (i) forma e de orientações das mãos, (ii)

²² Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/codigo-morse.htm>.

movimento, (iii) lugar (o que a tradução quer dizer é a locação) e (iv) expressão facial/corporal.

Figura 19 - Forma e orientação das mãos



Fonte: Oviedo (2008 apud CHAIBUE; AGUIAR, 2015, p. 6).

b) Notação de Stokoe

Em 1965, o pesquisador de Linguística, Willian Stokoe, criou um sistema de notação de ASL composto por cinco parâmetros: (i) lugar, (ii) configurações de mão, (iii) os movimentos, (iv) orientação e (v) os sinais diacríticos com duas possibilidades (Figura 20).

O objetivo de Stokoe era criar um dicionário de sinais, por isso ele teve interesse apenas nos parâmetros mais básicos da língua. A partir das análises e resultados obtidos dessa pesquisa foi constatado que a língua de sinais apresentava o mesmo status linguístico da língua oral (CHAIBUE; AGUIAR, 2015, p. 11). O sistema de Stokoe foi desenvolvido de um sistema para transcrições dos sinais usados pelos índios dos Estados Unidos criado na década de 1930.

Figura 20 - Configurações das mãos – Stokoe

	A	Punho fechado		I	Como "I"
	Ä	Punho fechado, polegar estendido		K	Como "K"
	B	Mão plana		3	Como "3"
	B̂	Como "B" mas dedos curvos		R	Como "R"
	5	Dedos estendidos como "5"		V	Como "V"
	C	Mão curvada como "C"		W	Como "W"
	E	Mão contraída		X	Índice curvo
	F	Como "F"		Y	Mínimo e indicador estendidos
	G	Indicador aponta		8	Médio e polegar em contato
	H	Indicador e médio apontam (antiga forma do "H")			

Fonte: Chaibue e Aguiar (2015, p. 12).

c) HamNosys

Em 1985, o alemão Sigmund Prillwitz juntamente com os seus colaboradores, na Universidade de Hamburgo, elaborou o sistema de *Hamburg Notation System* (HamNoSys) com o objetivo de criar um sistema fonético capaz de transcrever qualquer produção manual em línguas de sinais (Figura 21).

Figura 21 - Configuração de mão HamNoys

		Punho fechado			Punho fechado, polegar estendido
		Mão plana			Punho fechado, polegar dobrado
		Punho fechado, indicador estendido			Mão dobrada
		Punho fechado, indicador e médio estendidos			Mão arredondada
		Punho fechado, indicador e médio em V			Quatro dedos dobrados
		Mão em 4			

Fonte: CHAIBUE; AGUIAR (2015, p. 12).

d) *SignWriting*

O sistema *SignWriting* surgiu em 1974, a partir dos estudos desenvolvidos pela pesquisadora Valerie Sutton com objetivo de criar um sistema de escrita. A priori, a finalidade dos estudos foi o de registrar coreografias de dança (*DanceWriting*) que, por sua vez, foi adaptado para o sistema de registro de escrita de sinais (*SignWriting*). Na seção 2.5 nos aprofundaremos sobre a origem e a base da *SignWriting* no mundo e no Brasil.

2.4.3 Exemplos de Transcrição em Libras

O ato de transcrever Libras da forma sinalizada para a forma escrita pode ser designado como um ato de tradução. Conforme Rosa (2008) afirma, “Quando passamos algum pensamento de nossa linguagem cotidiana para a escrita, executamos um ato de conversão linguística” (ROSA, 2008, p. 77).

As línguas primeiramente faladas têm um sistema de escrita secundário derivado (por exemplo, português falado e escrito) e as línguas

primeiramente sinalizadas têm um sistema de escrita secundário e derivado (por exemplo, Libras sinalizada e escrita).

As palavras são artefatos abstratos criados reais por expressões ... podemos pensar em pronunciar uma frase em inglês ou sinalizar uma frase ASL como atividades de primeira ordem, produzindo uma inscrição de uma frase em inglês como atividade de segunda ordem, e usando Morse ou Braille (não descontratado) como sistemas de representação de inscrições, que ele mesmos representam frases em inglês (NEALE, 2016, p. 262, tradução nossa)²³.

Veremos que a tradução pode ser entre línguas de uma forma abstrata e entre os sistemas que representem as línguas. Em Libras, sinalizar uma frase é uma atividade de primeira ordem. Como exemplo, usamos o depoimento da Professora Marianne Stumpf, na explicação da criação do texto do Hino Nacional em Libras escrita (quadro 5).

Adaptação do Hino Nacional em escrita de sinais, foi uma grande oportunidade de registrar seu significado verdadeiro, produzindo novos sentimentos nas pessoas surdas, quando sinalizado. Como fiz o trabalho? Assistindo à fita de vídeo parava a cada estrofe e escrevia as configurações de mãos, correspondentes aos sinais, até o fim do trabalho. Depois, digitei no programa *Sign Writer*, que é um editor de escrita de sinais” (STUMPF, 2000, p. 7)²⁴.

²³ “*Words are abstract artifacts only made real by expressions... We can think of uttering an English sentence or signing an ASL sentence as first-order activities, producing an inscription of an English sentence as a second-order activity, and using Morse or (uncontracted) Braille as being systems for representing inscriptions, which themselves represent English sentence*”.

²⁴ Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo7.pdf>.

Quadro 5 – Descrição do processo de tradução envolvendo *SignWriting*

Assistindo à fita de vídeo	Português escrita para Libras sinalizada	Tradução
Parava a cada estrofe e escrevia as configurações de mãos correspondentes aos sinais, até o fim do trabalho	Libras sinalizada para <i>SignWriting</i>	Transcrição
Depois, digitei no programa <i>Sign Writer</i> , que é um editor de escrita de sinais	Escrever à mão para o computador de <i>SignWriting</i>	Transliteração

Fonte: Elaborada pela autora (2018) com base em Stumpf.

Percebe-se no quadro 5 que estão apresentados os três passos dos processos da tradução: tradução de português escrito para Libras, transcrição de Libras sinalizada para SW (escrito) e transliteração de SW escrito para *software* próprio. Notamos que a Stumpf usa a palavra *adaptação* para o processo que nós chamamos de transcrição. Passamos de uma escala de mais natural até um sistema mais abstrato e simbólico.

Existem dois sistemas muito parecidos: transcrição e transliteração. A transcrição reproduz a forma de falada ou sinalizada na forma escrita, já a transliteração transfere a forma escrita numa forma de escrita diferente. Para as Línguas de sinais existe um *software* que auxilia na transcrição de vídeos sinalizados, como por exemplo o ELAN – *Eudico Language Annotator*.

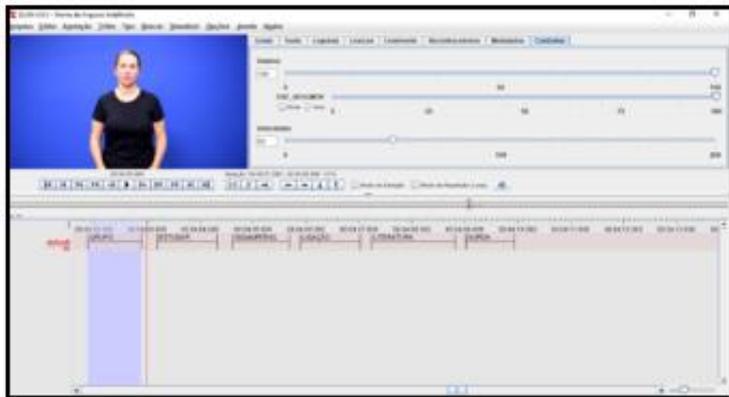
A utilização dessa ferramenta é muito importante para fazer qualquer pesquisa que se propõe a analisar diferentes níveis de análise de uma língua (fonológico, morfológico e sintático). O primeiro pesquisador a provar que a língua de sinais americana compartilha desses níveis linguísticos foi Stokoe, contribuindo para que as línguas de sinais tivessem o reconhecimento de seu status como língua.

Atualmente existem outros sistemas de transcrição de dados em língua de sinais disponíveis, dentre eles o *Berkeley Transcription System*, o *File Maker Pro*, o *SignStream* e o ELAN. Contudo, o mais usado no Brasil é o ELAN.

Na UFSC, em Florianópolis - Santa Catarina, existe o NALS (Núcleo de Aquisição de Língua de Sinais), grupo de pesquisa que trabalha com o programa ELAN especificamente para analisar os conteúdos de projetos vinculados ao núcleo. Esse processo de transcrição demanda muito trabalho e tempo. Para realização da transcrição dos

vídeos no ELAN, utiliza-se o recurso de glosa²⁵ em português, a partir desses vídeos em Libras sinalizada, como no exemplo demonstrado na figura 22.

Figura 22 - Interface do software ELAN

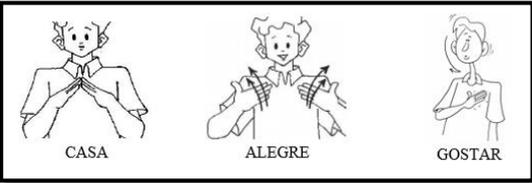


Fonte: Acervo da autora (2018).

Segundo Felipe e Monteiro (2007) existem sistemas padronizados de transcrição para a Libras que vem sendo utilizados em vídeos em Língua de sinais, para transcrever e colocar palavra por palavra como uma tradução, por meio de palavras do português para referir aos sinais de Libras (Glosa). Devido a diferença de modalidade, pesquisadores de Língua de sinais utilizam muito o recurso de transcrição. No quadro 6 demonstramos alguns exemplos de ilustrações e transcrições em português (Glosa).

²⁵ Glosa é um sistema em que uma palavra “é grafada em maiúsculo como representação do sinal manual com sentido equivalente. Sinais não manuais podem ser representados por códigos sobrescritos, e usos do espaço de sinalização podem ser indicados por letras ou números subscritos” (MCCLEARY; VIOTTI; LEITE, 2010, 267).

Quadro 6 - Ilustrações que representam transcrições de Libras traduzidas em Português

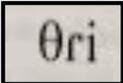
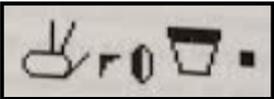
DESCRIÇÃO	EXEMPLO
<p>1 – Os sinais da Libras para efeito de simplificação serão apresentados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas.</p>	 <p>CASA ALEGRE GOSTAR</p>
<p>2 – Um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen.</p>	 <p>GOSTAR - NÃO PRECISA - NÃO CORTAR - COM - FACA "Não gosta" "Não precisa" "Cortar"</p>
<p>3 - Sinal composto (quando se forma por dois sinais ou mais) será apresentado palavras separadas pelo sinal circunflexo</p>	 <p>CAVALO^LISTRA ZEBRA CASA^ESTUDAR ESCOLA ABRIR^FRIO GELADEIRA LEÃO^BOLINHA-PELO-CORPO ONÇA</p>
<p>4 - Datilologia é um alfabeto manual que representa palavras da língua portuguesa dentro da Libras, como empréstimos.</p>	 <p>M-A-R-Y</p>
<p>5 - Sinal soletrado (empréstimo)</p>	<p>N- A-D-A N-U-N-U M-Ç-O "Nada" "Nunca" "Março"</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

2.4.4 Tipos de transcrição

Van der Hulst e Channing (2010) explicam os tipos de transcrição, os exemplos de gravação de dados linguísticos em língua de sinais, por exemplo, fotografias, desenhos, fitas de vídeo (vídeo VHS) e fita sonora. No quadro 7, tem-se o exemplo de ASL do número 3, dos tipos de transcrição.

Quadro 7 - Tipos de desenhos em língua de sinais de Van der Hulst e Channing

	Uma fotografia
	Desenho
THREE	Palavra escrita em inglês
3	Símbolo comum de escrita reconhecido internacionalmente
	<i>SignWriting</i>
	IPA (International Phonetic Alphabet) notação da palavra falada em inglês
	HamNosys

Fonte: Adaptado de Hulst e Channing (2010).

No Brasil, existem livros de literatura com alguns dos tipos de transcrição (como por exemplo, a figura 23). É uma maneira de representar os sinais pelo uso das mãos, é usada como um exemplo de transcrição que não é sistema simbólico (desenho). O livro “Uma menina chamada Kauana”, escrito por Karin Strobel e publicado em 1995 pela FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos). O livro é colorido só na capa e as próximas páginas está em preto e branco, para que a criança possa pintar à vontade, tem quatorze páginas e é do gênero de literatura infantil com desenhos de sinais, isto é, não havia *SignWriting*, pois a escrita de sinais não era conhecida ainda no Brasil.

O público-alvo do material são crianças de 2 a 10 anos de idade, a comunidade surda e pode alcançar também o público não-surdo. O livro tem imagens, tem a escrita em português e desenho de glosas de sinais individuais de Libras equivalentes das palavras.

Posteriormente em 1997, a escola especial chamada Concórdia-ULBRA abriu espaço para escrita de sinais, permitindo que pesquisadores fossem na sala de aula e ministrassem aulas para ensinar SW e também o programa para escrever os sinais. (SUTTON, 1999, p 14). A seguir é possível visualizar a capa do livro na escola, nessa versão contendo a escrita de sinais.

Figura 23 - Capa do livro “Uma menina chamada Kauana”



Fonte: Site *SignWriting* (1997)²⁶.

²⁶ Disponível em:

<http://www.SignWriting.org/library/children/uma/uma.html#anchor344515>.

De acordo com Stumpf (SUTTON, 1999, p. 14),

O Dr. Antônio Carlos da Rocha Costa e eu fizemos a tradução do português para a escrita de sinais de um livro infantil: “Uma menina chamada Kauana”. Este foi o primeiro texto em sinais no Brasil.

Era uma tradução palavra-sinal, isto é, traduziu-se as palavra do Português para Libras. Não é tradução condizente com a gramática da Libras, porque naquela época, o português sinalizado (Bimodalismo) era comum na Educação dos surdos. A autora Strobel (1995, p. 4) afirma que

O uso de sinais pertinentes à Língua de Sinais na construção dos textos explorados neste livro, são utilizados apenas como apoio pedagógico para melhor visualização e facilitação da leitura e escrita, ficando bem claro que não é Língua de Sinais, já que a mesma tem uma estruturação própria, usada na comunicação entre os surdos.

Figura 24 - Página do livro “Uma menina chamada Kauana”



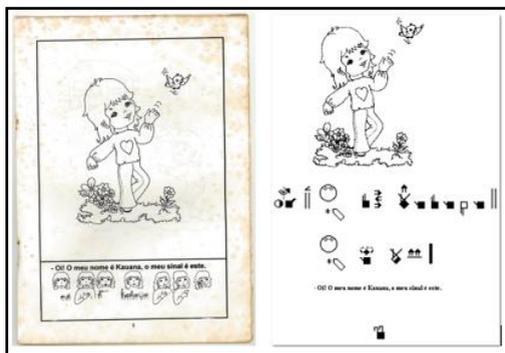
Fonte: Strobel (1995).

A figura 24 apresenta uma página do livro, com a frase em português e os desenhos com os sinais (Libras). No período de publicação do livro, predominava a comunicação total²⁷.

²⁷ Comunicação Total “Define-se como uma filosofia que requer a incorporação de modelos auditivos, manuais e orais para assegurar a comunicação eficaz entre as pessoas com surdez. Tem como principal preocupação os processos

Na edição do livro de 1997, foram retirados os desenhos dos sinais e foram substituídos pelo *SignWriting*. Com essa mudança, vimos uma transliteração de desenhos dos sinais para um sistema de notação simbólico (Figura 25).

Figura 25 - Diferença entre as formas de transcrição/transliteração



Fonte: Acervo da autora (2018).

Identificamos outro livro intitulado “A cigarra surda e as formigas” (Figura 26), que também usou *SignWriting*, diferente do livro “Uma menina chamada Kauana”. Conforme Boldo “foi traduzido em *SignWriting*” (2015, p. 85). Podemos dizer que foi “traduzido” de Português para Libras (por um processo complexo, explicado abaixo), e o modo da tradução era desenhos dos sinais e o sistema de *SignWriting* num processo de transliteração.

Figura 26 - Capa do Livro “A Cigarra Surda e as Formigas”

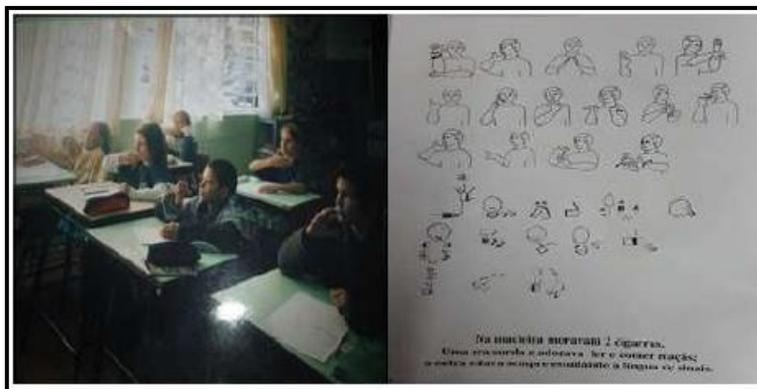


Fonte: Boldo e Oliveira (2004).

comunicativos entre surdos e surdos, e entre surdos e ouvintes”. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/Libras/mec_texto2.pdf.

Boldo (2015) explica que, durante a realização das atividades propostas no livro, as crianças sentavam-se com os colegas para reproduzir as ilustrações presentes na obra. Em seguida, procuravam as palavras em português no Dicionário Capovilla²⁸ para depois converter em *SignWriting*. Isso ocorreu durante um ano e posteriormente copiaram os desenhos dos sinais (Figura 27). Assim, i) os alunos desenhavam Língua de Sinais e contavam a história; ii) as professoras ajudam com a frase em português; iii) os alunos procuravam em *SignWriting* no dicionário Capovilla e; iv) transcreviam as palavras do livro encontradas no Dicionário. Este ponto será demonstrado com mais detalhes na seção “Resultados” desta pesquisa.

Figura 27 - Escrita de Sinais e Português



Fonte: Boldo (2015).

No início do século XXI, o Brasil apenas começava a experimentar a Literatura em *SignWriting*. Pereira e Fronza (2014, p. 2) entendem isso como um sinal de que “este sistema vem tendo aceitação cada vez maior e é tido merecedor de um investimento em sua propagação”. Conforme as autoras, isto é extremamente positivo, pois “uma das críticas até bem pouco tempo era a escassez de obras literárias em escrita de sinais”. O trabalho de Pereira e Fronza (2014) é um dos trabalhos que abordam o sistema de escrita de sinais SW na Literatura Surda.

²⁸ CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira**. São Paulo: Edusp, 2001.

A tradução por meio da escrita da língua de sinais é um novo mercado de trabalho de atuação de tradutores, bem como de pesquisas que envolvam a temática e os desafios nesse processo de tradução (SANTOS, 2013, p. 126).

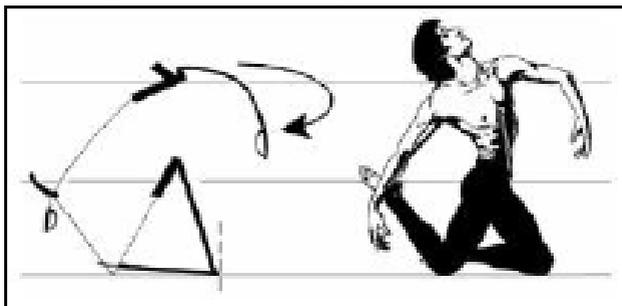
Esse novo mercado de trabalho, que emerge decorrente da difusão da escrita de sinais foi começando a devagar para os conhecimentos, no qual abre espaço para novos profissionais, não somente no campo específico da tradução, mas também da transcrição.

Há muitos trabalhos de tradução de português para Libras (vice-versa), contudo depois da incipiente expansão da escrita de sinais, surgiu o novo espaço da tradução envolvendo *SignWriting*. Isso é uma área nova da tradução em que há poucos tradutores profissionais.

2.5 SIGNWRITING

SignWriting é um sistema de registro visual e gráfico para escrever a língua de sinais. Este sistema foi fundado em 1974 por Valerie Sutton. No ano anterior, na Dinamarca, Sutton era bailarina e ensinava dança na escola. Por esse motivo, criou um método para registrar o “passo a passo” de execução dos movimentos da dança, chamado *DanceWriting* (Figura 28).

Figura 28 - DanceWriting criado por Sutton



Fonte: *Movementwriting*²⁹

Em seguida publicou no jornal um artigo sobre a escrita da dança (Figura 29). Essa publicação, despertou a curiosidade dos pesquisadores da Língua Dinamarquesa de Sinais, da Universidade de Copenhagem, que prontamente solicitaram a autorização de Valerie para desenvolverem

²⁹ Disponível em: <http://movementwriting.org/>.

uma adaptação do sistema *DanceWriting* para a escrita de sinais. Após a autorização de Sutton, consequentemente, foi desenvolvido o *SignWriting* que é um sistema para escrever as línguas de sinais (SUTTON, 1999).

Figura 29 - Jornal de DanceWriting



Fonte: Sutton (1973 *apud* BARRETO & BARRETO, 2015).

Depois que retornou para Califórnia nos Estados Unidos, Valerie entrou em contato com a comunidade surda, professores e pesquisadores da Língua de Sinais Americana com a proposta de desenvolver o sistema *SignWriting* pelo DAC³⁰. O DAC também ajudou a fazer o sistema da computação para a escrita de *SignWriting*, o SignPuddle³¹. Este último, por sua vez, é um sistema para divulgar informações sobre criação de dicionários, literatura, enciclopédia, lições, *puddle* manual e em vídeo. Ademais, ele é utilizado por diversos países para pesquisar palavras, sinais, símbolos, grupos, símbolos de frequência, tradução, *fingerspeller*³², sinal criador, sinal texto, sendo também possível importa, exportar e enviar e-mail em *SignWriting*.

³⁰ *Deaf Action Committee for SignWriting* (Comitê de Ação Surda para a Escrita de Sinais, tradução nossa).

³¹ Disponível em: <http://www.signbank.org/signpuddle/>.

³² *Fingerspelling* representa as letras de um sistema de escrita e também pode ser sistemas numéricos, usado apenas com as mãos.

No Brasil começou a despertar o interesse em *SignWriting* no ano de 1996. A primeira pesquisa sobre o tema foi orientada pelo professor Dr. Antônio Carlos da Rocha Costa da Universidade Federal Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) em Porto Alegre (STUMPF, 2013). Segundo Costa, sobre a equipe dos pesquisadores em *SignWriting*

Na primeira fase, em meados de 1996, na Faculdade de Informática da Pontifícia Universidade Católica (FACIN/PUC-RS) surgiu o Grupo de Informática em Educação dos Surdos (GIES1) e iniciou os estudos coordenados pela Profa. Dra. Márcia de Borba Campos e pelo Prof. Dr. Antônio Carlos da Rocha Costa e colaboração da Profa. Dra. Marianne Rossi Stumpf (pesquisadora surda) (COSTA, 2018, p. 3).

Os pesquisadores de *SignWriting* tem se dedicado para a construção de conhecimento da escrita e também, procurando desenvolver, colaborar, reproduzir e detalhar informações sobre a escrita de sinais (figura 30).

Figura 30 - Os pesquisadores de SignWriting



Fonte: Elaborado por Costa (2018).

A Stumpf conta como inicialmente ficou sabendo do *SignWriting*

A primeira vez que eu vi *SignWriting* foi quando, na PUCRS, o prof. Rocha mostrou o manual americano. O manual apresentava os símbolos que correspondem às configurações de mãos, os movimentos e as expressões faciais das línguas de sinais. Cada símbolo trazia exemplos da língua de sinais americana, na sua escrita em *SignWriting*. Olhei as configurações de mãos e comparei com os símbolos do sistema” (STUMPF, 2013, p. 63.).

Stumpf teve acesso ao manual *SignWriting* da escrita da Língua de Sinais Americana e assim despertou seu interesse. Em seguida, começou a experimentar de que forma poderia adaptar para *SignWriting* de Língua de Sinais Brasileira. Começou a trabalhar com os surdos nas escolas e começou a aprofundar os estudos na Pós-graduação, sendo a primeira pesquisadora a tratar sobre o tema, publicando a tese intitulada “Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema *SignWriting*: língua de sinais no papel e no computador” (STUMPF, 2005).

No Brasil aumentaram as pesquisas desenvolvidas no contexto acadêmico, tendo assim um maior número de publicações sobre *SignWriting*. Também surgiu o curso de graduação à distância de Letras – Libras na Universidade Federal de Santa Catarina, que possui no currículo disciplinas de Escrita de Sinais I, II e III. Também na UFSC tem o grupo de pesquisa de *SignWriting*. Além disso, acontecem encontros nos eventos sobre o tema para os pesquisadores compartilharem suas pesquisas e as pessoas interessadas em atuar profissionalmente nesta área (STUMPF, 2005; 2007; BARRETO; BARRETO, 2015; BARBOSA, 2017).

Pesquisas publicadas no Brasil indicam a existência de quatro sistemas de escritas de sinais conforme listados no quadro 8 (SILVA et al, 2018, p. 2). O *SignWriting* é o mais antigo e o mais usado nas publicações de literatura surda infantojuvenil encontradas.

Quadro 8 - Escrita de sinais do Brasil

NOME e ANO DE CRIAÇÃO	PESQUISADOR PIONEIRO	UNIVERSIDADE
<i>SignWriting</i> , 1996	Adaptado por Marianne Rossi Stumpf	UFRGS
ELiS, 1997	Mariângela Estelita Barros	UFG
SEL, 2009	Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira	UESB
VisoGrafia, 2012	Claudio Alves Benassi	UFMT

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

O quadro apresenta, no Brasil são esses quatro sistemas que existem registrados de escritas de sinais da Língua Brasileira de Sinais, sendo eles: *SignWriting*, ELiS, SEL e a Visografia.

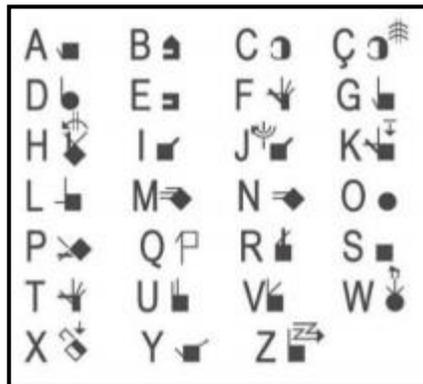
A escolha desta pesquisa por focar em *SignWriting* é porque há numerosos livros literários infantojuvenis publicados nesta escrita. Não foi encontrado nenhum livro nesse gênero em outras escritas de sinais

(Elis, SEL e VisoGrafia). Igualmente por isso esse motivo foi deciso realizar essa pesquisa, para entender como se deu o processo de tradução e transcrição.

a) *SignWriting*

Esse sistema de escrita *SignWriting* foi criado em 1974 e descoberto no Brasil desde 1996 pelos pesquisadores do do Rio Grande do Sul, os professores: Dr. Antônio Carlos da Rocha Costa, Dra. Márcia Borba Campos e colaboração da professora surda na área da computação, Marianne Rossi Stumpf e foi realizada pela equipe de pesquisadores uma adaptação do *SignWriting* (baseado em ASL). Abaixo, na figura 30 é apresentado o alfabeto manual e no quadro 9 os elementos da escrita de sinais, com as configurações e orientação de mãos, os movimentos, as expressões faciais e os pontos de articulação das línguas de sinais:

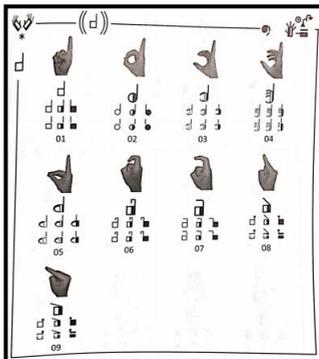
Figura 31 - Alfabeto Manual em SignWriting



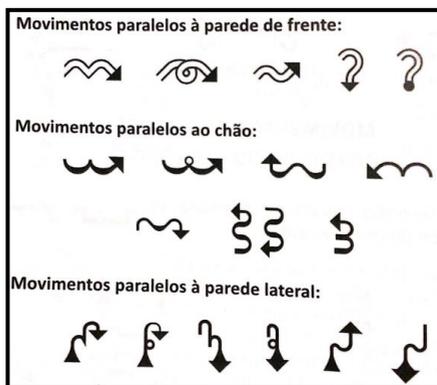
Fonte: Ribeiro (2016)

Quadro 9 – Elementos da escrita de sinais

Configuração e
Orientação das
mãos



Movimentos



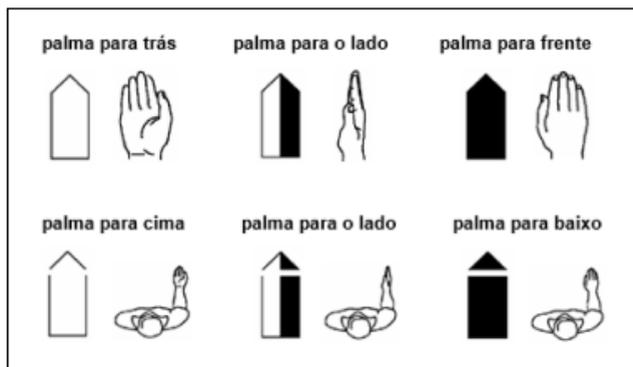
Expressões
Faciais



Fonte: Barreto e Barreto (2017).

Na sequência, apresentamos a figura 31, que demonstra a escrita do registro do *SignWriting* usando as regras do sistema. Observe a mão aberta, mostrando as várias orientações.

Figura 31 - Orientação básico



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p. 62).

Há seis tipos de símbolos de contatos (contato, pegar, entre, bater, escovar e esfregar), conforme mostra a figura 32.

Figura 32 - Seis símbolos de contatos

1. Contato	*	4. Bater	#
2. Pegar	+	5. Escovar	⊗
3. Entre	*	6. Esfregar	⊙

Fonte: Lições *SignWriting*³³

b) ELiS

O sistema ELiS – Escrita de Língua de Sinais, foi desenvolvido por Mariângela Estelita Barros, em 1997, e “é uma escrita linear e é alfabética.

³³ Disponível em: <http://www.SignWriting.org/archive/docs5/sw0472-BR-Licoes-SignWriting.pdf>.

No quesito linearidade, se escreve da esquerda para direita e é alfabética porque cada letra representa um elemento de um parâmetro” (BARBOSA, 2017, p. 33). Barros afirma que:

ELiS tem uma estrutura de base alfabética significa dizer que seus símbolos gráficos representam, “bem ou mal”, visemas das LS. Os símbolos representativos de visemas, neste sistema, podem ser denominados mais tecnicamente como visografemas, ou seja, unidades mínimas (-ema) escritas (graf-) dos visemas (vis-), uma nomenclatura específica para a escrita dos elementos das LS, ou simplesmente como letras (BARROS, 2008, p. 25).

O sistema ELiS apresenta a configuração de dedos, orientação da palma, ponto de articulação e os movimentos (Figura 33).

Figura 33 - Alfabeto Manual em ELiS

A	B	C	Ç	D	E	F	G	H	I	J
⌊	⌊↑	⌊↓	⌊↓ ^l	⌊↓	⌊↓	⌊N	⌊	⌊N ^l	⌊	⌊
K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	
⌊N ⁺	⌊	⌊# [□]	⌊# [□]	⌊↓	⌊N [□]	⌊ [□]	⌊	⌊	⌊	
U	V	W	X	Y	Z					
⌊#	⌊	⌊	⌊ ^l	⌊	⌊ ^l					

Fonte: Fernandes (2015, p. 8).

c) SEL

O SEL se chama Sistema de Escrita de Sinais e foi desenvolvido a partir de projeto de pesquisa de Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), com base alfabética e linear. A ideia da proposta é elaborar um sistema alfabético, mais econômico e eficiente que sistemas logográficos (ou ideográficos) (OLIVEIRA, 2012) (Figura 34). No

sistema tem três elementos específicos nas unidades de M-L-Mov, no qual *M* representa a configuração de mão, *L* é a locação e *Mov* é o movimento.

Figura 34 - Alfabeto Manual em SEL

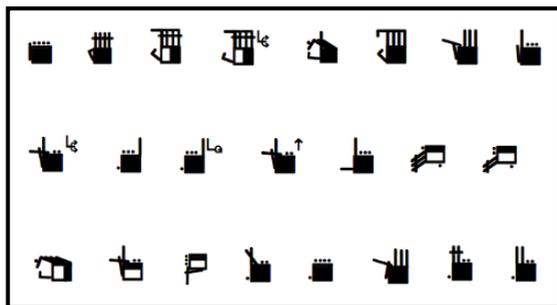


Fonte: Site SEL (2018)³⁴

d) Visografia

O sistema Visografia foi desenvolvido em 2016 e alterado em 2017 pelo professor Claudio Alves Benassi. A grafia é linear e sequencialmente da esquerda para a direita, obedecendo os cinco grupos visêmicos constitucionais das LS, esta é, portanto, a ordenação da escrita de sinais pela Visografia (Figura 35).

Figura 35 - Alfabeto Manual em Visografia



Fonte: Site Visografia (2018)³⁵

³⁴ Disponível em: <http://sel-libras.blogspot.com/p/datilologia.html>

³⁵ Disponível em: <https://www.visografia.com/estrutura/>

2.5.1 Tradução em SignWriting

Trabalhos envolvendo traduções de Língua portuguesa para escrita de sinais não são tão comuns em comparação com os trabalhos envolvendo a Libras em sua modalidade sinalizada. O registro pode ser lembrado quantas vezes quiser sem perder o material em vídeo, no papel ou na tela do computador (BASSO; STROBEL; MASUTTI, 2009, p. 30).

Com o papel é possível registrar assuntos particulares em blocos de anotações, agendas, etc. Assim, tem vantagem no seu uso, pois pode escrever quando quiser no papel, mesmo que tenha perto uma pessoa que não saiba da escrita de sinais. Também é possível fazer em vídeo, utilizando a criatividade como, nos exemplos apresentados a seguir (itens 15 e 16).

Ao seguir, listamos exemplos de tradução em *SignWriting*, em que há possibilidade de diversos tipos. No quadro 10 serão apresentados cada um deles.

1) Artigo da Stumpf e Quadros (2010) “Tradução e interpretação da Língua Brasileira de Sinais: Formação e Pesquisa”, contém texto em *SignWriting* (42 páginas);

2) Dissertação do Nobre, (2011) “O Processo de Grafia da Língua de Sinais: Uma análise fono-morfológica da escrita em *SignWriting*” contém a tradução do resumo (sete páginas). Processo da dissertação primeiro deixou de finalizar em português e traduziu para *SignWriting*. Citaremos alguns que fizeram o resumo em *SignWriting* (CAMPOS, 2012; BÓZOLI, 2015).

3) Dissertação em Linguística de autoria de João Paulo Ampessan (2015) intitulado “A escrita de expressões não manuais gramaticais em sentenças da Libras pelo sistema *SignWriting*”, que foi produzido em Português e *SignWriting* (122 páginas). O processo da tradução consistiu em escrever em Libras (primeira língua) e em algum momento que não conseguia escrever, produzia vídeo para o tradutor realizar tradução para o português escrito. Após finalizar a tradução em português, traduziu para *SignWriting*.

4) Site de Letras Libras³⁶, em que o *SignWriting* é apresentado na plataforma.

³⁶ Disponível em:

<http://www.Libras.ufsc.br/hiperlab/avaLibras/moodle/prelogin/index.htm>.

5) Glossário de Libras³⁷ da UFSC, onde o *SignWriting* é parte fundamental do sistema da busca no glossário;

6) Dicionário Capovilla, em que está disponibilizada a escrita visual direta de cada um dos 9.828 sinais de Libras via sistema *SignWriting*;

7) Tradução de alguns versos da Bíblia por tradutores da religião Testemunhas de Jeová³⁸;

8) Jogos diversos educativos com objetivo de ensinar *SignWriting*³⁹;

9) História em quadrinhos com objetivo de ensinar *SignWriting*⁴⁰;

10) Cartuns⁴¹;

11) Adaptação do Hino Nacional⁴², escrita para *SignWriting* por Marianne Rossi Stumpf;

12) Placa na Parque Ecológico do Córrego Grande em Florianópolis. Foram recebidos por Marianne Rossi Stumpf, Débora Campos Wanderley e Marcos Luchi os textos em português e traduzidos por eles para *SignWriting*, com os respectivos nomes assinados na placa;

13) Placa com informativos em cada ambiente da Biblioteca Pública do Amazonas feita por Débora Campos Wanderley (WANDERLEY, 2012);

14) Identificador de sinais, cujo objetivo é divulgar as glosas utilizadas na transcrição de dados em Libras onde faz parte de *SignWriting*;

15) Blog Surdosol⁴³, com abas do site em Português e *SignWriting*.

16) Música “A proibida”⁴⁴, traduzida por Tom Min Alves. Com letras em português, foi traduzida para Libras sinalizada e apresentada simultaneamente em forma de legenda em Libras escrita (*SignWriting*). A música tem duração de três minutos e quarenta e três segundos;

17) Vídeo com animação disponível no *Youtube*⁴⁵.

³⁷ Disponível em:

<http://www.glossario.Libras.ufsc.br/exibirsinal/exibirsinal/id/104>.

³⁸ Disponível em: <http://www.SignWriting.org/archive/docs5/sw0459-BRBible-Textos-Biblicos-LIBRAS.pdf>.

³⁹ Fonte: Slides de aula da professora Marianne Stumpf (2015).

⁴⁰ Fonte: Slides de aula da professora Marianne Stumpf (2015).

⁴¹ Fonte: Slides de aula da professora Marianne Stumpf (2015).

⁴² Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo7.pdf>.

⁴³ Disponível em: <http://www.surdosol.com.br/>.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9TGLVadkuY>.

⁴⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DQ7ErF4z9EM>.

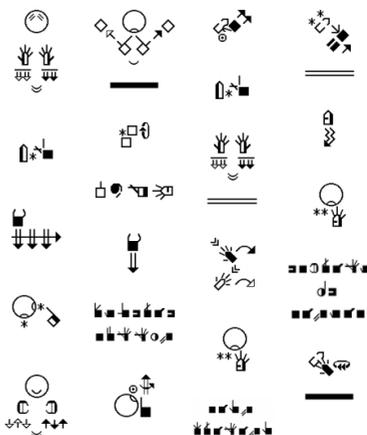
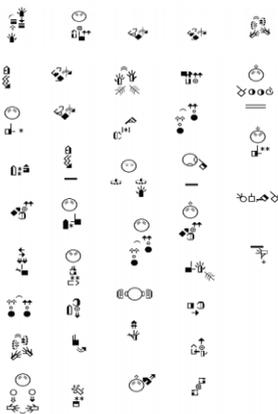
A seguir serão apresentados mais detalhes de cada um deles, com imagens.

Quadro 10 - Exemplos de tradução em SignWriting em diversos gêneros textuais

Artigo da Stumpf e Quadros (2010) intitulado “Tradução e interpretação da Língua Brasileira de Sinais: Formação e Pesquisa”. Contém texto em *SignWriting* (42 páginas)

Dissertação de Nobre, (2011) intitulado “O Processo de Grafia da Língua de Sinais: Uma análise fonomorfológica da escrita em *SignWriting*” com tradução do resumo (sete páginas). Para dissertação primeiro finalizou a escrita em português e depois traduziu para *SW*. Outros pesquisadores que fizeram resumo em *SW*: CAMPOS (2012; BÓZOLI, 2015).

Tradução e interpretação da Língua Brasileira de Sinais... 167



¹ Resumo traduzido para o sistema *SignWriting* pela autora. Os símbolos gráficos foram dispostos no sentido vertical, da esquerda para a direita, permitindo uma rápida leitura (BARRETO; BARRETO, 2012; SUTTON, 1996).

Dissertação de João Paulo Ampessan (2015) intitulado “A escrita de expressões não manuais gramaticais em sentenças da Libras pelo sistema *SignWriting*”. Foi a primeira dissertação publicada em que há a escrita de português e *SignWriting*.

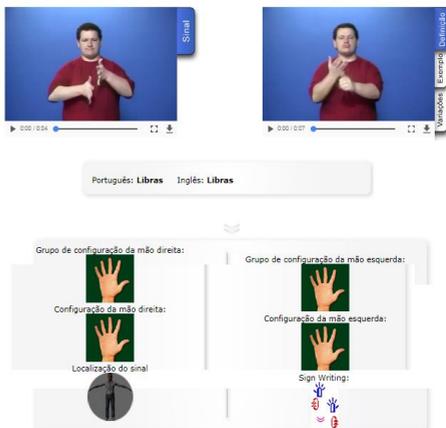


Site do curso Letras Libras⁴⁶ da UFSC, em que tem *SignWriting* apresentado na plataforma.



⁴⁶ Disponível em:
<http://www.Libras.ufsc.br/hiperlab/avaLibras/moodle/prelogin/index.htm>.

Glossário de Libras⁴⁷
UFSC onde
SignWriting faz parte
fundamental do
sistema da busca no
glossário.



Dicionário Capovilla,
apresenta a escrita
visual direta de cada
um dos 9.828 sinais
de Libras via
sistema *SignWriting*



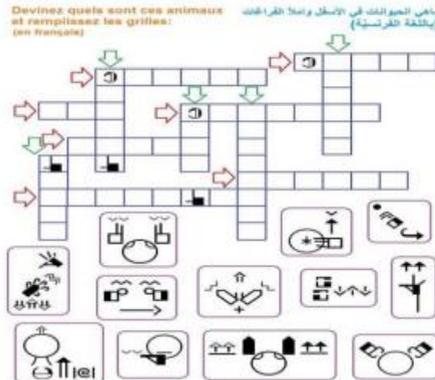
⁴⁷ Disponível em:
<http://www.glossario.Libras.ufsc.br/exibirsinal/exibirsinal/id/104>.

Tradução de alguns versos da Bíblia por tradutores da religião Testemunhas de Jeová⁴⁸



2
 Ref: Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas - Watch Tower Bible and Tract Society of Pennsylvania

Jogos diversos educativos com objetivo de ensinar SignWriting⁴⁹

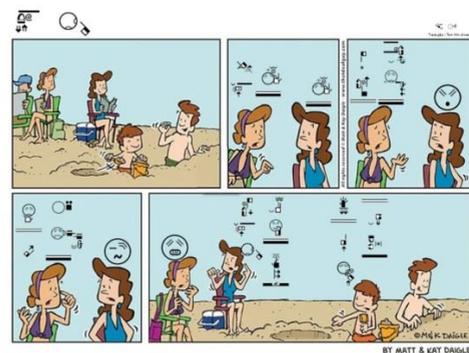


⁴⁸ Disponível em: <http://www.SignWriting.org/archive/docs5/sw0459-BRBible-Textos-Biblicos-LIBRAS.pdf>.

⁴⁹ Fonte: Slides de aula da professora Marianne Stumpf (2015).



História em
quadrinhos com
objetivo de ensinar
SignWriting.⁵⁰



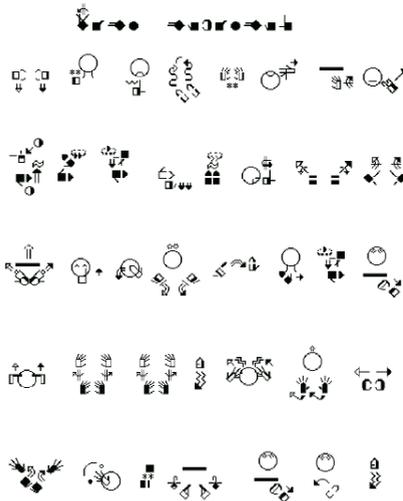
⁵⁰Fonte: Slides de aula da professora Marianne Stumpf (2015).



Cartuns⁵¹



Adaptação do Hino Nacional⁵² para *SignWriting* por Marianne Rossi Stumpf



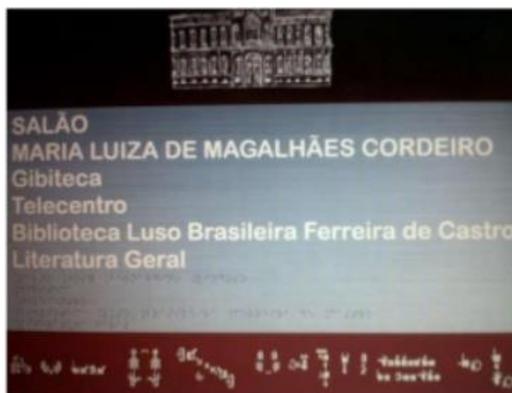
⁵¹Fonte: Slides de aula da professora Marianne Stumpf (2015).

⁵²Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo7.pdf>.

Placa na Praça no Córrego Grande em Florianópolis foi recebida em textos de português e traduziram o SignWriting



Placa com informativos em cada ambiente na Biblioteca Pública do Amazonas feita por Débora Campos Wanderley e Marianne Rossi Stumpf



ACABAR

Identificador de sinais, cujo objetivo é divulgar as glosas utilizadas na transcrição de dados em Libras onde faz parte de SignWriting

Tradução Português: acabar
Tradução Inglês: cease



00:00 00:00

Sinal Escrito:



Configuração de mão:



Blog Surdosol⁵³ com abas do site em Português e *SignWriting*.



Música – A proibida⁵⁴



Vídeo com animação em Youtube⁵⁵



Fonte: Acervo da autora (2018).

Os trabalhos de tradução de *SignWriting* não se limitam apenas a textos acadêmicos, mas também envolvem textos literários. Percebe-se que há diversos tipos de registros em *SignWriting*. Há vários tipos de registros de tradução em Libras escrita e na modalidade de Libras sinalizada (em vídeo).

Assim, os textos registrados em papel ou digitais são acadêmicos, religiosos, de história em quadrinhos, cartuns, hino nacional e placas. Já os registros em vídeos estão disponíveis online.

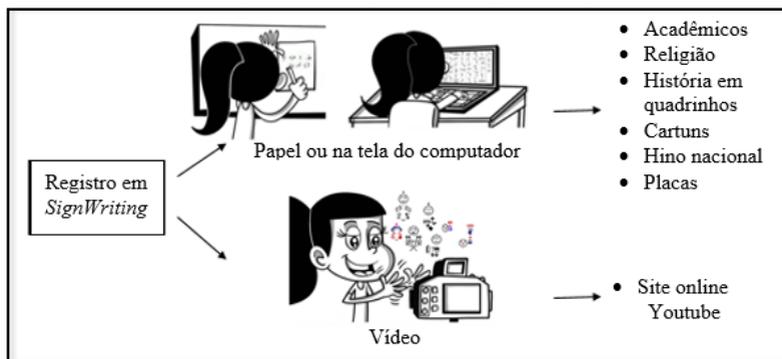
⁵³ Disponível em: <http://www.surdosol.com.br/>.

⁵⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9TGLVadkuY>.

⁵⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DQ7ErF4z9EM>.

Cada vez mais vem aumentando as publicações em *SignWriting*, que podem ser registradas de várias formas (em papel, em vídeo), o que aumenta a presença da Libras escrita, conforme ilustrado na Figura 36..

Figura 36 - Registro em SignWriting



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Até agora foi explicado sobre tradução, transcrição, *SignWriting* e foram mostrados exemplos de tradução em *SignWriting* em diversos gêneros textuais e a seguir, apresentaremos traduções de literatura surda.

2.6 LITERATURA SURDA

Esta pesquisa tem foco a tradução de literatura surda, dessa forma trataremos sobre o assunto antes de aprofundarmos nos Estudos da Tradução e tradução em *SignWriting* e sua relação com a literatura surda. Por causa disso, precisamos fazer um breve resumo, conforme a seguir.

A literatura surda tem uma tradição diferente, próxima a culturas que transmitem suas histórias oral e presencialmente. Ela se manifesta nas histórias contadas em sinais, mas o registro de histórias contadas no passado permanece na memória de algumas pessoas ou foram esquecidas. Assim, estamos privilegiando a literatura surda contemporânea, após o surgimento da tecnologia, da gravação de histórias através de fitas VHS, CD, DVD ou de textos impressos que apresentam imagens, fotos e/ou traduções para o português. O registro da literatura surda começou a ser possível

principalmente a partir do reconhecimento da Libras e do desenvolvimento tecnológico, que possibilitaram formas visuais de registro dos sinais. (KARNOPP, 2008, p. 2).

Antes do surgimento das tecnologias contemporâneas, não havia registro de literatura surda em formato de vídeo ou de textos impressos. Os surdos contavam presencialmente de geração a geração e assim, as histórias eram compartilhadas em pontos de encontro da comunidade surda, como por exemplo, na associação de surdos, ou nas escolas. Como algumas histórias foram esquecidas, pois há muita informação, o mundo vai mudando, passam-se alguns anos e as histórias se perdem, pois, se apagam de nossa memória, por isso, começaram a perceber a importância de registrar as histórias. Pode ser que alguns desconheçam as histórias e quando há o registro, poderemos ter mais acesso à informação, pois sabemos o quanto é importante a preservação das histórias para a memória humana.

2.6.1 Tradução de Literatura Surda

Traduções envolvendo Língua portuguesa para Libras são produzidas desde a década de 1990. Os trabalhos de tradução literária do INES de clássicos da literatura como *Chapeuzinho Vermelho* e pela LSB Vídeo, como o *Pinóquio* de Nelson Pimenta, são alguns exemplos de tradução. Também podemos citar os trabalhos de tradução literária da editora Arara Azul, que desde 1995 realiza esse trabalho e continua até os dias de hoje.

Além de traduções de textos literários, também são traduzidos textos acadêmicos e textos jurídicos, como exemplo, tradução de artigos, tradução de editais, tradução de documentos institucionais e etc. São textos comuns de serem traduzidos para Libras, sobretudo, em instituições de Ensino superior.

Não detalharemos sobre tradução de textos jurídicos ou de outros gêneros, pois o gênero textual que esta pesquisa foca é o literário. É importante apresentar alguns exemplos de textos literários traduzidos de Língua portuguesa para Libras.

Segundo Mourão (2009 apud CAMPOS; SUTTON-SPENCE, 2015, p. 163-164) na literatura surda existem as seguintes categorias: adaptação, criação e tradução. A seguir, o autor explica cada uma:

- **Adaptação:** são as histórias ou de contos de fadas que existem há anos para empoderar a comunidade surda, valorizando a cultura surda, a Libras, etc. E também os personagens principais são os surdos e o enredo da história muda um pouco;
- **Criação:** que são textos que surgem e são produzidos a partir de um movimento de histórias, de ideias que circulam;
- **Tradução:** traduções para a Libras de clássicos da literatura. Tais materiais contribuem para o conhecimento e divulgação do acervo literário de diferentes tempos e espaços (MOURÃO, 2009 apud CAMPOS; SUTTON-SPENCE, 2015, p. 163-164, grifo da autora).

Apresentaremos um exemplo de cada um deles, citando livros da literatura surda:

- **Adaptação:** o livro Cinderela Surda, em que príncipes são representados pelo surdo. A origem da narrativa é a personagem Cinderela que perde o sapato de cristal, enquanto na Cinderela Surda é diferente que foi a perda da luva, pois refere-se as mãos, utilizadas pela comunicação em Libras. A história é basicamente a mesma, mas o enredo muda um pouco. Não há somente a Cinderela Surda, existem também outros livros encontrados, que são exemplos de adaptações traduzidas, como: Rapunzel Surda, Patinho Surdo e Adão e Eva. Todos os livros têm como personagens principais os surdos. Nestes casos não são traduzidos para Libras, mas são apresentados em português.

Figura 37 - Cinderela Surda



Fonte: Martins (2007).

- **Criação:** Esses livros é uma criação que conta as histórias da realidade a vida da comunidade surda.

Figura 38 – Exemplos de livros criados



Fonte: MOURÃO (2011)

Já foi explicado um pouco sobre adaptação e criação, agora é apresentado exemplos relacionados ao foco desta pesquisa.

- **Tradução:** material disponível DVD em Libras sinalizada. Material da Editora Arara Azul como as obras *Alice no país das maravilhas* (2002), *Iracema* (2002) e *O Alienista* (2004), demonstrados nas figuras 39, 40 e 41.

Figura 39 - Alice no país das maravilhas

Fonte: Blog Sinal de acesso⁵⁶

Figura 40 - Iracema

Fonte: Arara Azul⁵⁷

Figura 41 - O Alienista

Fonte: Arara Azul⁵⁸

Esses trabalhos, que foram traduzidos de texto português escrito para Libras sinalizada, não há conteúdos da história dos surdos ou de elementos que permitam o acesso para os surdos em sua primeira língua – a Libras.

⁵⁶ Disponível em: <http://blog.sinaldeacesso.com.br/?p=291>.

⁵⁷ Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/site/produtos/detalhes/55>.

⁵⁸ Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/site/produtos/detalhes/54>.

2.6.2 Conclusão

Neste capítulo, procuramos entender as modalidades das línguas e a relação entre *SignWriting* e os processos de tradução e transcrição. Percebemos que as modalidades das duas línguas (Libras na modalidade gestual-visual e Português na modalidade vocal-auditiva) entram na questão de tradução, que abrange duas línguas e a transcrição, que passa entre duas modalidades de uso da mesma língua (versão oral para versão escrita).

Percebemos que os trabalhos da tradução de português escrito para *SignWriting* produziram vários trabalhos como artigos, dissertação, dicionário, bíblia, jogos diversos, história em quadrinhos e vídeos, o que é bastante interessante, pois produzir materiais inovadores utilizando a escrita de sinais possibilita a difusão da Língua de Sinais na modalidade escrita. Esses materiais podem ser utilizados para mostrar nas escolas, nos espaços acadêmicos, para os alunos terem a ideia dos trabalhos já realizados e incentivar mais produções e novas pesquisas e conhecimentos. Igualmente, com as crianças que adoram o lúdico e que, com esses materiais pode auxiliar no seu desenvolvimento.

É importante relatar sobre a história do *SignWriting* no mundo e no Brasil, pois não podemos omitir esse processo da comunidade surda e da educação dos surdos. Portanto, estudar o campo da tradução para a Língua de sinais envolve estudar as questões teóricas e práticas tanto da tradução, como da transcrição. Para finalizar, observamos que este estudo não encerra as discussões sobre o tema, para que outros pesquisadores identifiquem o que faltou e acrescentem algo, atualizando as informações desta pesquisa.

3 LEVANTAMENTO DE LIVROS INFANTOJUVENIS COM SIGNWRITING

Esse capítulo detalhará a metodologia utilizada e será apresentado o levantamento de livros de literatura infantojuvenil que tem escrita de sinais (*SignWriting*).

3.1 METODOLOGIA

A fim de descrever os procedimentos metodológicos dessa pesquisa, entende-se que é de nível exploratório, do tipo descritivo e de abordagem quali-quantitativa. Para busca dos materiais foi utilizado o método de busca bibliográfico, sendo eles de fonte impressa e digital.

Quanto à pesquisa ter caráter exploratório, foi necessário para proporcionar maior familiaridade com o tema. Geralmente este tipo de pesquisa envolve, segundo Gil (2007):

- a) Levantamento bibliografia sobre o tema – a revisão de literatura de pesquisa;
- b) Levantamento bibliografia – da literatura infanto-juvenil
- c) Entrevistas com as pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado;
- d) Análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Quanto aos procedimentos da pesquisa descritiva, os dados serão registrados, anotados e classificados e é descritiva também por utilizar técnicas padronizadas de coleta de dados mediante entrevistas. Por ser também uma pesquisa social, considerações éticas, tais como criação de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e autorização de uso de imagem foram feitos (anexo B).

A pesquisa qualitativa, além de ser descritiva, apresenta considerações e contextualizações que serão levantadas pelos “tradutores e transcritores” de *SignWriting* a respeito das traduções e do uso desse sistema de escrita de língua de sinais em publicações de literatura surda.

3.2 MÉTODO

Nesta seção, apresentamos a coleta de dados feita por meio de levantamento bibliográfico de obras literárias surdas em *SignWriting* e gráficos das categorias encontradas. A coleta de dados iniciou com a busca dos materiais e das obras de literatura surda brasileira que tenham *SignWriting*. Depois da coleta, foi feito um mapeamento com o objetivo

de fazer entrevistas com os envolvidos das obras literárias encontradas. Os critérios da escolha da lista foram:

- O livro deve ser ilustrado;
- Deve se utilizar do sistema de escrita *SignWriting*;
- Deve ser um livro de literatura infantojuvenil.

Os materiais que não atenderem a esses critérios não fazem parte desta pesquisa. Os seguintes aspectos dos materiais foram classificados:

- Título da obra;
- Ano e local de publicação;
- Os nomes dos tradutores, autores e revisores;
- Contexto de produção → criação, tradução e adaptação.

Sobre o levantamento do livro, Barbosa (2017, p. 30) afirma que

Um dos livros infantis de literatura escritos com *SignWriting* são as histórias e ensinamentos fundamentais da cultura surda como artefato do contexto cultural do ambiente linguístico em Libras para serem aplicados em casa e/ ou na escola, despertando nas crianças surdas a importância dos valores linguísticos da escrita de sinais.

Nos livros há histórias com a escrita de português e *SignWriting*, assim é possível aprender com as duas línguas (Bílingue), dessa forma possibilita aprender nas escolas com os professores e seus colegas e em casa, ou seja, estudando sozinho e/ou com a família.

Nesta pesquisa a autora fez levantamento e encontrou 11 livros. No quadro 11, consta a lista dos materiais identificados. Em seguida, organizou-se o quadro 12 com informações complementares. Contudo, o item 2 (Dicionário enciclopédico) não foi incluindo, pois não é literatura surda infantojuvenil, assim, mesmo sendo um dicionário com *SignWriting* e os desenhos de sinais, foi excluído já que não se trata de literatura surda. Em seguida, será explicado como foi realizado o levantamento nesta pesquisa.

Quadro 11 – Produções para o público infantil em *SignWriting*

Nº	Livros escritos no sistema <i>SignWriting</i>
01	BOLDO, J. & OLIVEIRA, C. E. A cigarra surda e as formigas . Erechim, RS: CORAG, 2004.
02	CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. Dicionário Enciclopédico Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira, Volumes: I e II . São Paulo: EDUSP, 2001.
03	KUCHENECKER, L. G. O feijãozinho Surdo . Tradução para escrita da língua de sinais: SILVA, E. V. L. e; LARA, A. P. G. Canoas/ RS: Editora da ULBRA, 2009.
04	RIBEIRO, S. DAVI . Taboão da Serra: Casa da Cultura Surda, 2006.
05	RIBEIRO, S. NOE . Taboão da Serra: Casa da Cultura Surda, 2006.
06	RIBEIRO, S. O menino, o pastor e o lobo . Taboão da Serra: Casa da Cultura Surda, 2006.
07	RIZZI, A. Manoelito: O palhaço tristonho . Porto Alegre: E. do Autor, 2009.
08	RIZZI, A. Maonoelito: Sol e as ovelhas . Porto Alegre: E. do Autor, 2011.
09	9 SILVEIRA, C. H.; ROSA, F. S.; KARNOPP, L. B. Cinderela Surda . Canoas/ RS: Editora da ULBRA, 2003.
10	SILVEIRA, C. H.; ROSA, F. S.; KARNOPP, L. B. Rapunzel Surda . Canoas/ RS: Editora da ULBRA, 2003.
11	STROBEL, K. Uma menina chamada Kauana . Tradução: STUMPF, M. R.; COSTA, A. C. R. da. Rio de Janeiro: FENEIS, 1997.

Fonte: Barbosa (2017, p 30)

Os livros foram encontrados com a ajuda de amigos, sendo a comunicação aconteceu de forma presencial ou à distância (usando recursos de comunicação como e-mail, ferramentas de comunicação pessoal, redes sociais, etc.). A coleta também foi feita na internet, em sites de busca e bancos de dados (bibliotecas virtuais, acervos online, plataformas). Também em outras fontes bibliográficas como, por exemplo, teses e dissertações que falem sobre a tradução, literatura surda e *SignWriting*.

O objetivo da pesquisa é entender o processo do trabalho das pessoas que utilizaram o *SignWriting*. Porém, ao longo do mapeamento dos livros de literatura surda, percebeu-se que alguns livros não apresentam os nomes dos tradutores/transcritores de *SignWriting*. A partir desse dado, nas entrevistas realizou-se uma investigação para esclarecimento do motivo desse “apagamento”, contribuindo assim com

o reconhecimento dos tradutores e transcritores de *SignWriting*, enquanto profissionais.

O levantamento se inicia com a coleta dos materiais e das obras da literatura surda brasileira que tenham *SignWriting*. Depois dessa etapa, as obras encontradas foram organizadas em um mapeamento, com o objetivo de fazer posteriormente entrevistas com tradutores e transcritores que tiveram envolvimento com a produção das obras literárias encontradas.

3.3 ANÁLISE

Ao todo foram encontrados 21 livros, sendo alguns comprados, emprestados ou salvos em banco de dados pessoal.

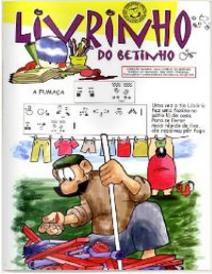
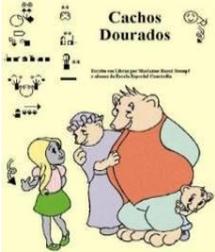
Para iniciar a descrição básica dos livros, foi organizado o quadro 2, com as informações bibliográficas básicas das obras. A ordem foi definida de acordo com o ano de publicação, em que as informações apresentadas são:

1. Capa das obras literárias;
2. Título (nome do livro), nome do autor, ano de publicação;
3. Descrição do tradutor detalhada no livro (por quem foi traduzido em *SignWriting*).
4. As fontes que foram informadas em notas de rodapé.

Quadro 12 - Livro da Literatura em SW

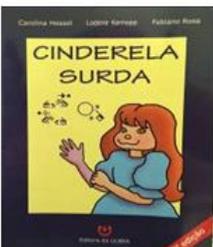
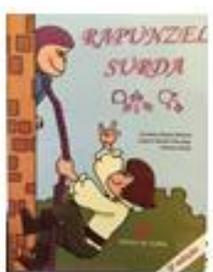
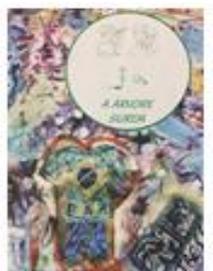
Capa	Título, autor, ano de publicação	Descrição do tradutor detalhada no livro
<p>1</p> 	<p><i>Uma menina chamada Kauana</i> Karin Lilian Strobel publicado em 1995 (sem <i>SignWriting</i>)</p>	<p>Traduzido para a Língua Brasileira de Sinais (Modo de sinalização de Porto Alegre, RS) por Marianne Rossi Stumpf e Antônio Carlos da Rocha Costa publicado em 1997⁵⁹</p>

⁵⁹ Uma Menina Chamada Kauana “A Little Girl Called Kauana” by Karin Strobel. Written in *SignWriting* in LIBRAS (Brazilian Sign Language) translate by Marianne Stumpf, 1997. Disponível em: <http://signwriting.org/library/children/uma/uma.html>.

		
<p>2</p> 	<p><i>Livrinho do Betinho</i> Projeto SignNet Coordenação Geral: Prof. Antônio Carlos da Rocha Costa Coordenação Pedagógica: Prof. Ivana Gomes da Silva publicado em 2002</p>	<p>Tradução Português- Libras: Diogo Souza Madeira⁶⁰</p>
<p>3</p> 	<p><i>Cachos Dourados</i> Não tem informação de autoria publicado em 2003</p>	<p>Escrito em Libras por Marianne Rossi Stumpf e alunos da Escola Especial Concórdia⁶¹</p>

⁶⁰ LIVRINHO do Betinho. Coleção Garapa. Série Livrinho do Betinho. Histórias em quadrinhos com temas transversais. Pelotas: Fanzona Editora, 2002. Disponível em <http://www.signwriting.org/archive/docs1/sw0063-BR-LivRinHo.pdf>.

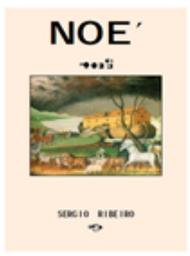
⁶¹ STUMPF, Marianne Rossi. **Cachos Dourados**. Manuscrito. Porto Alegre: Especial Concórdia, 2003

<p>4</p> 	<p><i>Cinderela Surda</i> Carolina Hessel Lodenir Becker Karnopp e Fabiano Souto Rosa Edições: 1ª publicada em 2003 2ª publicada em 2007 3ª publicada em 2011</p>	<p>Revisão da escrita de sinais (SW) Marianne Stumpf⁶²</p>
<p>5</p> 	<p><i>Rapunzel Surda</i> Carolina Hessel Lodenir Becker Karnopp Fabiano Souto Rosa Edições: 1ª publicada em 2003 2ª publicada em 2011</p>	<p>Revisão da escrita de sinais (SW) Marianne Stumpf⁶³</p>
<p>06</p> 	<p><i>A árvore surda</i> Não tem informação de autoria publicado em 2003</p>	<p>Escrita de Sinais (SW) Fabiano Souto Rosa Marianne Stumpf</p>
<p>07</p>	<p><i>Viva as diferenças</i> Não tem informação de autoria publicado em 2003</p>	<p>Escrita de Sinais (SW) Fabiano Souto Rosa Marianne Stumpf</p>

⁶² HESSEL; Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. **Cinderela Surda**. Canoas: Ed. ULBRA, 2003.

⁶³ HESSEL; Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. **Rapunzel Surda**. Canoas: Ed. ULBRA, 2003. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=FgOfPhU-AkkC&printsec=frontcover&dq=cinderela+surda+publicado+em&source=gb_s_similarbooks_s&cad=1#v=onepage&q&f=true.

		
<p>08</p> 	<p><i>Adão e Eva</i> Não tem informação de autoria publicado em 2005</p>	<p>Escrita de Sinais (SW) Fabiano Souto Rosa Marianne Stumpf</p>
<p>09</p> 	<p><i>Ivo</i> Não tem informação de autoria publicado em 2005</p>	<p>Escrita de Sinais (SW) Fabiano Souto Rosa Marianne Stumpf</p>
<p>10</p> 	<p><i>Cachos dourados</i> Não tem informação de autoria Publicado em 2005</p>	<p>Escrita de Sinais (SW) Fabiano Souto Rosa Marianne Stumpf</p>

<p>11</p> 	<p><i>Davi</i> Sergio Silva Ribeiro publicado em 2006</p>	<p>Não tem informação⁶⁴</p>
<p>12</p> 	<p><i>O menino, o Pastor e o Lobo</i> Sergio Silva Ribeiro publicado em 2006</p>	<p>Não tem informação⁶⁵</p>
<p>13</p> 	<p><i>Noé</i> Sergio Silva Ribeiro publicado em 2007</p>	<p>Não tem informação⁶⁶</p>

⁶⁴ RIBEIRO, Sergio Silva. **Davi**. Centro Educacional Cultura Surda, 2006.

⁶⁵ RIBEIRO, Sérgio Silva. **O menino, o pastor e o lobo**. Taboão da Serra: Casa da Cultura Surda, 2006.

⁶⁶ RIBEIRO, Sergio Silva. **Noé**. Centro Educacional Cultura Surda, 2007.

<p>14</p> 	<p><i>Feijãozinho Surdo</i> Liège Gemelli Kuchenbecker publicado em 2009</p>	<p>Tradução para a Escrita da língua de Sinais Erika V. de Lima Silva Ana Paula Gomes Lara⁶⁷</p>
<p>15</p> 	<p><i>Negrinho e Solimões</i> Tatyana Sampaio Monteiro publicado em 2014</p>	<p>Tradução para Escrita de Sinais (SW) Madson Barreto e Raquel Barreto⁶⁸</p>
<p>16</p> 	<p><i>A cigarra surda e as formigas</i> Jaqueline Boldo Carmem Elisabete de Oliveira Data: sem informação</p>	<p>Não tem informação⁶⁹.</p>
<p>17</p> 	<p><i>Os mistérios do Jardim de Mimi e Lulu</i> Alessandra Ayres publicado em 2015</p>	<p>Tradução para a Escrita da Língua de Sinais: Sônia Therezinha Messerschmidt</p>

⁶⁷ KUCHENBECKER, Liège Gemelli. **O feijãozinho surdo**. Canoas: Editora da ULBRA, 2009.

⁶⁸ MONTEIRO, Tatyana Sampaio. **Negrinho e Solimões**. Projeto Curupira – Instituto Federal do Amazonas 2014. Disponível em: <http://www2.ifam.edu.br/pro-reitorias/extensao/proex/programas/napne-1/arquivos/negrinho-e-solimoes.pdf>>. Acesso em 29 de janeiro de 2018

⁶⁹ Mais informações depois da entrevista com uma das autoras OLIVEIRA, Carmen; BOLDO, Jaqueline. **A cigarra surda e as formigas**. Porto Alegre: Corag, s.d.

<p>18</p> 	<p><i>Manoelito o palhaço tristonho</i> Angelica Rizzi publicado em 2014</p>	<p>Escrita da Língua de Sinais (LIBRAS) SIGN WRITE Patricia Ughi Barbosa e Renata Heinzelmann</p>
<p>19</p> 	<p><i>Sol e as ovelhas</i> Angelica Rizzi Data: sem informação</p>	<p>Escrita da Língua de Sinais (Libras e SW) Patricia Ughi Barbosa e Renata Heinzelmann</p>
<p>20</p> 	<p>Coleção texto em Libras - <i>O menino, o Pastor e o Lobo; Davi; Noé; Poema "O beijo"; O que a vida tem de bom; Respeite o sentimento "Surdo"</i> publicado em 2016</p>	<p>Não tem informação</p>
<p>21</p> 	<p>Onze Histórias e Um Segredo: desvendando as Lendas Amazônicas Organizadora Táisa Aparecida Carvalho publicado em 2016⁷⁰</p>	<p>Tradutores da (SW) Joao Paulo Ampessan, Tom Mim Alves e Débora Campos Wanderley Revisora da Língua de Sinais Escrita – SW Débora C. Wanderley e Marianne R. Stumpf</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

⁷⁰ Onze histórias e um segredo, desvendando as lendas Amazônicas.
Organizadora: Táisa Aparecida Carvalho Sales. Manaus: Damir Pacheco de Souza, 2016.

1) Capa das obras literárias: acreditamos ser importante mostrar *SignWriting* na capa, pois indica que a obra contém escrita de sinais. Dentre os livros encontrados, 17 obras apresentam o *SignWriting* na capa e 4 livros não apresentam, o que deixa o leitor na dúvida sobre o conteúdo de *SignWriting* na história.

2) Título, autor e ano de publicação: Sobre os títulos dos livros, é possível ver que 5 livros contém a palavra “surdos”, mostrando o protagonismo surdo nas histórias. Os anos de publicação dos livros vão de 1995 a 2016. Notamos que a primeira publicação vem antes da Lei de Libras n. 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002). No mesmo ano foi publicado 1 livro; em 2003 foram 5 livros, 2005 foram 3 livros, 2006 foram 2 livros; 2007 apenas 1, 2009 apenas 1 publicação também. Houve um intervalo de tempo de cinco anos sem publicações. No ano de 2014 e 2015 foram encontradas 1 publicação em cada ano e finalmente, 2016 com 2 publicações.

3) Descrição do tradutor detalhada no livro (por quem foi traduzido em *SignWriting*): Esta coluna descreve os termos usados para descrever o trabalho das pessoas que produziram o texto em *SignWriting*, tais como “Tradução”, “escrito em libras” e “Escrita de sinais (*SignWriting*)” e informa os nomes dos tradutores e revisores. O nome de Marianne Stumpf consta dez (10) vezes e cinco (05) vezes o nome do Fabiano Rosa. Eles trabalharam juntos e têm bastante experiência na área de *SignWriting*. Assim, questionamos se somente eles realizam esse trabalho? Também fazemos a seguinte reflexão: Não começou a aumentar as pessoas tradutoras/transcritoras em *SignWriting*. Em relação a transcritores(as), não há apresentação da palavra “transcritores” nas obras identificadas.

3.4 RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos os resultados em três categorias (I, II e III). Em relação a categoria I (Produção do livro), organizou-se em quatro subcategorias das obras literárias, sendo que cada uma contará com um gráfico, apresentados a seguir.

- I. Produção do Livro (Criação, tradução, adaptação e adaptação cultural);
- II. Línguas apresentadas nas obras literárias e outros recursos;
- III. Palavras usadas nos livros para descrever a apresentação do texto de Libras para *SignWriting*.

3.4.1 Produção

A primeira categoria denominada *Produção do livro*, apresentada no quadro 13, tem na primeira coluna o título do livro e na segunda coluna a sua descrição. A classificação da categoria tradução, criação, adaptação e adaptação cultural não é especificamente da tradução/transcrição e sim no conteúdo.

Quadro 13 - Criação

Título da obra literária	Descrição
1. Uma menina chamada Kauana	Karin Strobel criou um livro da afilhada e sobrinha Kauana, para a pessoa surda se identificar com o mundo surdo.
2. Livrinho do Betinho	Conta uma história em quadrinhos bilíngue (português/Libras) e atividades.
3. A árvore surda	É uma piada mais contadas e antigas. Foram encontrados registros na comunidade surda, Veja a história seguinte. “Um lenhador foi na floresta para cortar árvores. Quando foi cortar a primeira árvore, ele gritou “MADEIRA” e a árvore caiu. Fez a mesma coisa com próxima árvore e teve sucesso. Com a terceira árvore, o lenhador gritou, mas ela não caiu. Resolveu pedir ajuda de um médico, que descobriu que a árvore era surda, indicando a necessidade de soletrar M-A-D-E-I-R-A. Então, a árvore caiu” (SILVEIRA; KARNOPP, 2006, p 04).
4. Ivo	“É uma oportunidade de trabalhar algumas noções de cidadania com os alunos, pois os documentos pessoas são uma maneira de nos inserirmos à sociedade atual e dela participar. A história infantil oferece inúmeras possibilidades de trabalhar diversos conceitos a ela relacionados, tais como família, saúde, trabalho, educação, política entre outros” (Libras é Legal) ⁷¹

⁷¹ Disponível em:

http://www.libraselegal.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=17&Itemid=53&lang=pt.

5. Coleção Textos em Libras: O menino, o pastor e o lobo; Noé; Davi ⁷² ; O que a vida tem de Bom, Poema “O Beijo”; Respeite o Sentimento “Surdo”	Nesta coleção, tem três textos de criação original: <ul style="list-style-type: none"> • O que a vida tem de Bom, • Poema “O Beijo”; • Respeite o Sentimento “Surdo”
6. Feijãozinho Surdo	“Iniciais da vida de um sujeito surdo, esteja ele inserido no contexto de uma família ouvinte ou surda, além de demonstrar a realidade familiar e social por ele vivida, por meio de imagens e alguns sinais ao longo da obra” (GOMES, 2016, p. 22)
7. Os mistérios do Jardim de Mimi e Lulu	Conta uma história que a Mimi perda de auditiva e se comunica em Libras, para interagir com os velinhos e com todos os outros bichinhos do jardim para aprender Libras (Resumo autora)
8. Manoelito o palhaço tristonho	“Era uma vez palhacinho não sabia sorrir. Manoelito desconhecia o prazer de estar feliz pela simples beleza de existir, ou no sorriso de uma criança, na pirueta de um acrobata, na piada sem graça que faz rir sem intenção. Eis que surge um mago que, entre feitiços atrapalhados, descobre o antídoto que pode salvar a infância do pequeno palhaço: a magia de sorrir e fazer rir por meio da essência do coração”. (Rizzi, 2014)
9. Sol e a Ovelha	Falta de informações

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A segunda categoria intitulada de *Adaptação* tem como conteúdo a história dos surdos, apresentado no quadro 14.

Quadro 14 - Adaptação

Título da obra literária	Descrição
1. Cinderela Surda	Esse livro foi a primeira adaptação da história da personagem surdo.

⁷² O menino, o pastor e o lobo; Noé; Davi também disponíveis em livros individuais.

	“De maneira condizente, Cinderela, ao sair do baile, não perde um sapatinho de cristal, mas uma de suas luvas – símbolo importante para a comunidade surda, pois remete aos seus movimentos de lutas e também ao direito de utilizar Língua de Sinais” (LOPES, 2017, p. 6).
2. Rapunzel Surda	“Passaram-se os anos, Rapunzel cresceu e a bruxa percebeu que a menina não falava, mas tinha uma grande atenção visual. Rapunzel começou a apontar para o que queria e a fazer gestos para muitas coisas. A bruxa então descobriu que a menina era surda e começou a usar alguns gestos com ela.” (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP 2003, p. 12)
3. Adão e Eva	“Na história, após comer a maçã, o casal percebe sua nudez e começa a usar a fala, já que as mãos estão ocupadas em esconder os corpos desnudos” (KARNOPP; SILVEIRA, 2009, p. 10).
4. Negrinho e Solimões	Negrinho é um índio e a Solimões é princesa branca os dois são surdos, e se apaixonaram. O pai do negrinho proibiu de se encontrar a Solimões, os dois resolveram fugir para poderem viver felizes. Deu uma tempestade, os dois morreram e o rio começou a mudar de cor. Rio se chama Negro e o outro Solimões, eles se formam o encontro das águas (Resumo da autora).
5. A cigarra surda e as formigas	“É compreendida no livro “A Cigarra e a Formiga”, uma vez que a cigarra canta e a formiga ouve. No caso do texto traduzido para o público surdo, a cigarra foi transformada em uma personagem surda que sinaliza e a formiga foi transformada em uma personagem que aprende a língua de sinais” (BOLDO, 2015, p 70)

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

No quadro 15, conta a categoria de *Tradução*, ou seja, foram detalhas as informações sobre as obras traduzidas.

Quadro 15 - Tradução

Título da obra literária	Descrição
1. Viva as diferenças	“É um livrinho que fala, de forma simples, sobre a diversidade do ser humano. Discutir as diferenças em sala de aula é uma oportunidade de semear valores com o respeito e a solidariedade entre as crianças,

	indispensáveis a sua convivência em grupo.” (Libras é Legal)
2. Cachos Dourados (Observação: há dois livros)	“É um clássico da literatura infantil que faz parte do universo de muitas crianças ouvintes. Agora as crianças surdas podem conhecer essas histórias por seus pais e professores através do registro em Libras.” (Libras é Legal)

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Por fim, o quadro 15 que diz respeito à categoria de *Adaptação cultural*, que traz elementos da cultura surda ou personagens surdos. Mais informações sobre adaptação cultural foram citadas por Sérgio Silva Ribeiro.

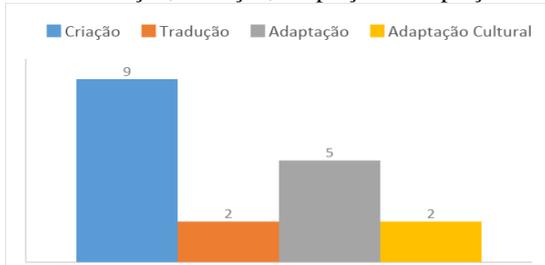
Quadro 16 - Adaptação cultural

Título da obra literária	Descrição
Coleção Textos em Libras: O menino, o pastor e o lobo; Noé; Davi; O que a vida tem de Bom, Poema “O Beijo”; respeite o Sentimento “Surdo”	Desta coleção, os seguintes textos são “adaptações culturais”: <ul style="list-style-type: none"> • O menino, o pastor e o lobo; • Noé; • Davi;
Onze Histórias e Um Segredo: desvendando as Lendas Amazônicas	Uma coleção de lendas indígenas, algumas com adaptação com personagens surdos.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

No gráfico 1 compilamos todas as informações, demonstrando todas as categorias e a quantidade identificada em cada uma, para facilitar a visualização.

Gráfico 1 - Criação, tradução, adaptação e adaptação cultural



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Neste gráfico vimos que a maioria dos livros com *SignWriting* foi classificado como *criação* (com 9 livros), originais com conteúdo surdo e alguns dos livros não tem na história conteúdo dos surdos. Assim, o uso de *SignWriting* mostra parte da literatura surda infantojuvenil. Em segundo ficou a *adaptação* (com 5 livros) e o terceiro ficou a *tradução* (com 2 livros) e por fim, a *adaptação cultural* também com dois livros.

3.4.2 Línguas

Em relação à segunda categoria (línguas apresentadas nas obras literárias e outros recursos) é apresentado se há *SignWriting*, as línguas apresentadas (Libras, Português ou outros idiomas) e/ou ilustrações.

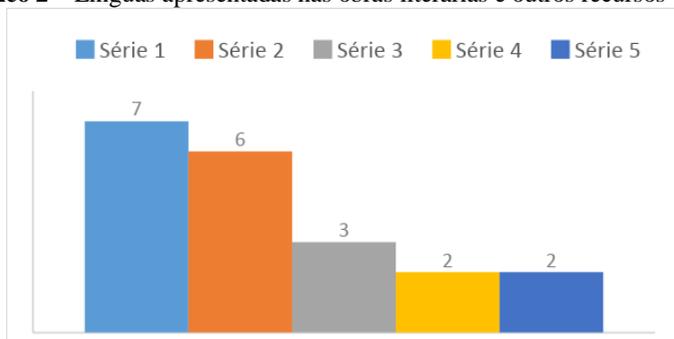
Quadro 17 – Línguas apresentadas nas obras

Série 1	
Ilustração <i>SignWriting</i> Português	1 Uma menina chamada Kauana (1997) 2 Livrinho do Betinho 3 Cachos Dourados (2003) 4 Cinderela Surda 5 Rapunzel Surda 6 Negrinho e Solimões 7 Os mistérios do Jardim de Mimi e Lulu
Série 2	
Ilustração <i>SignWriting</i> Português Desenho em Língua de Sinais	8 A árvore surda 9 Viva as diferenças 10 Adão e Eva 11 Ivo 12 Cachos Dourados (2005) 13 A cigarra Surda e as Formigas
Série 3	
Ilustração <i>SignWriting</i>	1 Davi 2 O menino, o Pastor e o Lobo 3 Noé
Série 4	
Ilustração <i>SignWriting</i> Português Inglês	1 Manoelito o palhaço tristonho 2 Sol e a ovelha
Série 5	
Ilustração <i>SignWriting</i> Português Libras sinalizada DVD	1 Feijãozinho Surdo 2 Onze histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas

O gráfico 2 expressa as línguas apresentadas nas obras literárias, categorizadas pelas variações apresentadas nos livros. A legenda apresentada no gráfico, está explicitada a seguir:

- Série 1: Ilustração, SignWriting e Português;
- Série 2: Ilustração, SignWriting, Português e Desenho em Língua de Sinais;
- Série 3: Ilustração e SignWriting;
- Série 4: Ilustração, SignWriting, Português e Inglês;
- Série 5: Ilustração, SignWriting, Português e Libras Sinalizada DVD.

Gráfico 2 – Línguas apresentadas nas obras literárias e outros recursos



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Neste ponto, identificamos que há variação e vimos que todos os livros têm *SignWriting*. Temos cinco séries, em que na série 1 e 2 as quantidades são parecidas. Na série 1 tem sete livros todos tem ilustração, *SignWriting* e português, é bilíngue e isso é muito importante para ter conhecimento de duas línguas (Português e *SignWriting*).

Há um livro com a primeira versão publicada em 1995 que apresenta desenhos de sinais e português e a segunda versão apresenta Português e *SignWriting*, desenho de sinais no qual transcreveram para escrita de sinais.

Na série 2 há seis obras com ilustração, *SignWriting*, Português e desenho em Língua de sinais. Os livros são materiais bilíngues, sendo muito importante para o aluno conhecer a língua de sinais, ter contato com leitura e a escrita na Língua portuguesa, o que auxilia no aprendizado da leitura em *SignWriting*.

Na série 3 há três livros com a ilustração e *SignWriting*. Consideremos que o desafio de leitura é maior, pois não tem português e

precisa que o leitor descubra as configurações de mão, os movimentos, as expressões faciais e os movimentos do corpo das línguas de sinais.

Na série 4 há dois livros com ilustração, *SignWriting*, português e inglês e esse pode ter opção livre, o leitor que não saiba o *SignWriting* pode ler em português e ainda em outra língua (inglês), sendo possível ter contato simultaneamente com todas. E a última, série 5, tem um livro com ilustração, *SignWriting*, português e Libras Sinalizada (DVD) também é uma opção boa para que as crianças não saibam nada da leitura é possível assistir na escola, em casa ou em qualquer lugar que encontra o material para assistir.

A maioria dos livros está em português escrito, já os livros do Sérgio não há português escrito, somente *SignWriting* e algumas páginas de ilustração. Nesse caso, o desafio é grande, diferente de outros livros que há costume de ler com escrita de português, diferente de ler em *SignWriting* que requer mais esforço. Por exemplo, as crianças adoram ler gibi, que tem ilustração e conversação, depois ler o livro escrito em português, que tem uma dinâmica de leitura diferente.

Para o leitor que não sabe ler em *SignWriting*, há outra opção de ler português ou ainda em desenho (Libras) se preferir. Sabe-se que não são todos os livros que tem em português, se tiver português é possível fazer a leitura nessa língua ou mesmo em Libras sinalizada (vídeo).

3.4.3 Termos usados na apresentação dos livros de Libras em *SignWriting*

A terceira categoria, em que apresenta os termos usados nos livros para descrever a apresentação do texto, conforme a forma exata como estão descritas nos livros. Assim, tem-se:

- 01 “Traduzido para a Língua Brasileira de Sinais”
- 01 “Tradução Português-Libras”
- 01 “Escrito em Libras”
- 02 “Revisão da escrita de sinais (sign writing) ”
- 05 “Escrita de Sinais (SW)”
- 05 “não tem informação”
- 02 “Tradução para a Escrita da língua de sinais”
- 01 “Tradução para escrita de sinais (*SignWriting*)”
- 02 “Escrita da Língua de Sinais (LIBRAS) | SIGN WRITE”
- 01 “Tradutores da Língua de Sinais Escrita – SIGN WRITING”

Com os 24 textos (dentro dos 21 livros) coletados da literatura em *SignWriting*, percebe-se que há variação nos tipos de percepção do trabalho de criar o texto em *SignWriting*, às vezes denominado como “tradução”. Existem cinco publicações realizadas pela equipe Escrita de Sinais (SW) denominado como “Escrito em Libras” e mais um “Escrita de Língua de Sinais (Libras)”, sem sugestão de qualquer tipo de tradução (com a equipe Escrita de Sinais “Libras é Legal”⁷³).

Isso pode mostrar que os produtores do texto escrito em *SignWriting* perceberam que a escrita faz parte de Libras (igual, por exemplo, como escrever em português não é considerada uma “tradução” da modalidade da língua falada).

Porém, encontramos no formato “traduzido para a Língua Brasileira de Sinais” (1997) e “tradução português-Libras” (2002), esses geralmente são traduzidos para Libras não contendo material em DVD e não destaca a modalidade de Libras que seja escrita.

O ano de 2011 tem revisão de dois livros: *Cinderela Surda* e *Rapunzel Surda*, esses não mostram quem fez a escrita em *SignWriting*. A revisão de materiais produzidos em SW é muito importante para poder corrigir os erros. O revisor precisa ter muita experiência e habilidade de perceber as falhas num texto de Libras escrita.

Essa primeira etapa da pesquisa mostrou que existe uma grande variação nos termos utilizados para descrever o processo de criação de textos em Libras – É tradução? É adaptação? É transcrição? É revisão? É simplesmente escrita? Para clarificar, é necessário entrevistar as pessoas que fizeram os trabalhos para entender melhor o papel deles? A seguir pretendemos responder essas questões.

⁷³ Disponível em: <http://www.libraselegal.com.br/portal/>.

4 O PERFIL DOS TRADUTORES/TRANSCRITORES

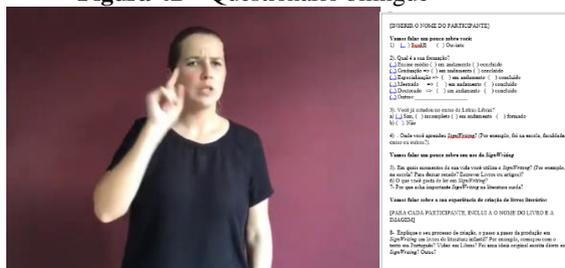
Lembramos que o principal objetivo da pesquisa é conhecer e entender o processo de produções em *SignWriting* na literatura surda brasileira e a atuação e posição do tradutor/transcritor.

4.1 MÉTODO

Após a análise dos materiais das obras de literatura em *SignWriting*, foi feito contato com as 14 pessoas citadas nos livros pesquisados. Inicialmente, enviamos a solicitação para aprovação do Comitê de Ética para realização da pesquisa envolvendo pessoas.

Alguns dos entrevistados já eram conhecidos, outros não. Então, pesquisou-se os dados deles pela internet ou foi feito contato com amigos que os conheciam, a fim de conseguir os e-mails. Antes de enviar os questionários para os participantes, foram revisados por um intérprete de Libras para correção do texto em português. O questionário em Libras foi gravado utilizando o celular e foi editado no aplicativo *iMovie*. Depois foi publicado na ferramenta de vídeos *YouTube*. Cada participante recebeu seu questionário com a foto de seu livro publicado em formato .doc, para que pudessem incluir as respostas. O questionário bilíngue (figura 42), com as perguntas feitas na entrevista, está no Anexo A e foi utilizado para levantar as informações sobre perfil e experiência profissional. Assim, foi enviado aos 14 participantes, na versão escrita em Língua portuguesa e também em formato de vídeo em Libras, pois todos usam Libras, bem como o termo de autorização de participação na pesquisa (Anexo B), sendo que, das 14 pessoas, obteve-se retorno de 11 pessoas.

Figura 42 – Questionário bilíngue



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

4.2 PARTICIPANTES

Os participantes da pesquisa deram permissão para usar os nomes deles nesta pesquisa. No quadro 18 mostra os nomes dos participantes e os livros publicados, e ainda os participantes que foram tradutores ou transcritores para *SignWriting*.

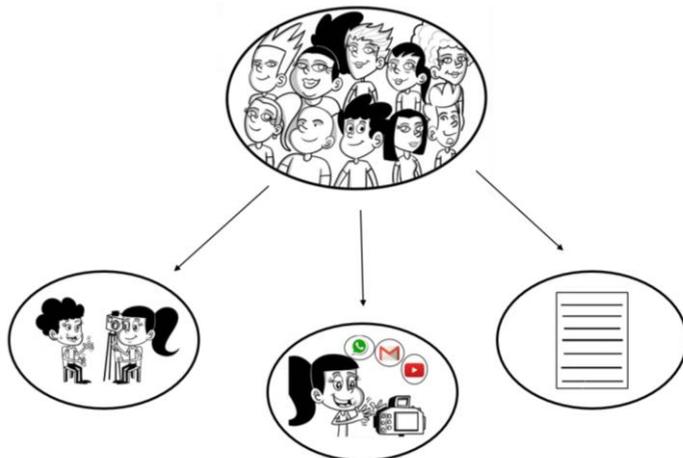
Quadro 18 - Participantes da pesquisa e livros em SW

PARTICIPANTES	TÍTULO DO/S LIVRO/S
Ana Paula Gomes Lara	- Feijãozinho Surdo
Debora Campos Wanderley	- Onze histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas
Fabiano Souto Rosa	- Cinderela Surda - Rapunzel Surda - A árvore surda - Viva as diferenças - Adão e Eva - Ivo - Cachos Dourados
Jaqueline Boldo	- A cigarra surda e as formigas
João Paulo Ampessam	- Onze histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas
Logan [pseudônimo]	[nome do livro não informado para manter sigilo]
Marianne Rossi Stumpf	- Uma menina chamada Kauana - Cachos Dourados Revisão - Cinderela Surda - Rapunzel Surda
Patricia Ughi Barbosa	- Manoelito o palhaço tristonho - Sol e as ovelhas
Renata Heinzelmann	- Manoelito o palhaço tristonho - Sol e as ovelhas
Sergio Silva Ribeiro	Coleção texto em Libras - O menino, o Pastor e o Lobo - Davi - Noé - Poema “O beijo” - O que a vida tem de bom - Respeite o sentimento “Surdo” (as obras então estão disponíveis separadamente)
Sônia Therezinha Messerschmidt	- Os mistérios do Jardim de Mimi e Lulu

A partir desse momento será utilizado apenas o primeiro nome de cada participante, que ao todo são 11 pessoas (quadro 19). As entrevistas foram feitas de três formas: a) pessoalmente, b) resposta sinalizada enviada via internet c) respostas em português escrito.

Na figura 43 demonstramos por meio da imagem, como foram realizadas as entrevistas, que serão explicadas em seguida mais detalhadamente.

Figura 43 - Formas de realização das entrevistas



Fonte: Elaborado pela autora (2018)⁷⁴

A) aproveitando que os participantes moram na mesma cidade da pesquisadora, realizou-se entrevista presencialmente com Débora, Jaqueline, João Paulo e Marianne. Antes de entrevistá-los, todos receberam os questionários para preparar a resposta. A gravação da entrevista foi feita com celular e uso de tripé. As perguntas foram feitas em Libras e assim os entrevistados iam respondendo. A entrevista com Débora foi gravada em sua casa, Jaqueline foi numa sala de conferência na UFSC, João Paulo e a Marianne foram em suas salas de professor na UFSC. Finalizada as gravações das entrevistas, os vídeos foram editados. O ELAN foi utilizado para controle da velocidade para a transcrição das respostas.

⁷⁴ Ilustrações de Lucas Maciel (2018).

B) os participantes que moram em outro estado, foi enviado e-mail explicando que poderiam responder em Libras ou Português escrito. Os participantes foram Sônia, Fabiano e Renata, responderam em vídeo sinalizado.

C) os outros participantes, que moram em outro estado, responderam em português escrito e foram Ana Paula, Logan, Patrícia e Sérgio.

Feita a coleta das respostas do questionário na entrevista, apresentamos a seguir alguns comentários sobre as entrevistas e a respectiva análise.

A) fazer a entrevista presencialmente rendeu respostas mais detalhadas e respostas mais específicas possibilitando um aprofundamento. Quando necessário um complemento na resposta, ele era feito na hora. A tradução das respostas foi mais tranquila, porque já há contato próximo com os entrevistados.

B) as respostas em Libras foi o mais trabalhoso. Algumas respostas eram muito longas e nem sempre eram relevantes para a pesquisa. Houve dificuldade para realizar a tradução, sendo necessário entrar em contato novamente para complementar as respostas. Quando as respostas eram dadas pelo e-mail, continuava o contato por esse canal. Alguns tiveram dificuldade de mandar respostas em vídeo pelo e-mail, então enviavam pelo aplicativo *WhatsApp*.

C) o questionário respondido em português escrito foi mais específico, no entanto menos trabalhoso por serem respostas curtas e não precisar de tradução para o português escrito.

As respostas dos participantes dos grupos A e B foram traduzidas para o Português escrito para ajudar na análise e incluir exemplos na dissertação. Porém, não vou citar as palavras deles nos resultados, mas sim, apresentar um resumo por motivo que a tradução não é a representação das falas deles.

4.3 MÉTODO DE ANÁLISE

Foram analisadas as informações dos participantes seguindo as perguntas nas três seções do questionário (“Vamos falar um pouco sobre você”, “Vamos falar um pouco sobre seu uso de *SignWriting*” e “Vamos falar sobre a sua experiência de criação de livros literários”). Foi feita um quadro dos perfis dos participantes para entender como chegou a trabalhar

com *SignWriting*. O quadro 19 apresenta o perfil de cada participante, organizando as respostas das perguntas 1 a 4⁷⁵.

Quadro 19 – Perfil dos participantes

Nome	Surda/Ouvinte	Formação	Letras Libras	Aprendeu SW onde?
Ana Paula	Surda	Especialização	Sim	Curso Feneis
Débora	Surda	Doutorado	Sim	Curso de Letras Libras.
Fabiano	Surdo	Doutorado	Não	Entrou na faculdade e conseguiu bolsa CNPQ com os professores Marianne e Rocha
Jaqueline	Surda	Mestrado	Sim	Letras Libras
João Paulo	Surdo	Mestrado	Sim	Básico como aluno na escola, profundo no curso de Letras Libras
Logan	Surdo	Doutorando	Sim	Projeto de iniciação científica
Marianne	Surda	Doutorada	Não	Nunca fez curso
Patrícia	Ouvinte	Especialização	Não, foi tutora da UFRGS	Curso na escola de surdos Lilia Marezon
Renata	Surda	Doutorando	Sim	Na escola, com professor surdo
Sérgio	Ouvinte	Doutorando	Não	Estudando os materiais do site <i>signwriting.org</i> (livros e vídeos em inglês)
Sônia	Surda	Graduação	Sim	Curso na escola, com professor de SW

⁷⁵ 1. Surdo Ouvinte, 2. Qual é a sua formação? 3. Você já estudou no curso de Letras-Libras? 4. Onde você aprendeu *SignWriting*? (Por exemplo, foi na escola, faculdade, curso ou outros?).

Ao todo são 11 participantes, sendo eles 9 surdos e 2 ouvintes. Com base nas respostas foi percebido diferentes níveis de formação: Três doutores, dois mestres e três em fase de conclusão de Doutorado, alguns com pós-graduação com nível de especialização, uma pessoa graduada.

Sobre onde aprendeu SW, as respostas dos participantes demonstram que aprenderam em locais diversos, sendo que, uma pessoa aprendeu o *SignWriting* em curso livre, duas pessoas aprenderam no curso livre e mais tarde tiveram a possibilidade de aprofundar a prática no curso de Letras Libras e apenas duas pessoas aprenderam o *SignWriting* especificamente no curso de Letras Libras. Além disso, duas pessoas aprenderam na escola e outro durante participação em projeto de pesquisa, antes de ingressar na graduação em Letras Libras. Um aprendeu numa faculdade, durante projeto de pesquisa. Um participante (ouvinte) aprendeu estudando através pelos materiais no site pesquisando e buscando os livros e vídeos em inglês. Uma participante nunca fez curso, aprendeu junto com seu orientador. Destes 11, sete pessoas formaram no curso de Letras Libras. Para melhor visualização, compilamos os dados no quadro a seguir:

Quadro 20 - Aprendeu SW onde?

COMO APRENDEU	NOME
Curso livre	Patrícia
Curso livre + Letras Libras	Ana e Sonia
Letras Libras	Debora e Jaqueline
Escola + Letras Libras	Joao e Renata
Projeto de Pesquisa (Faculdade) + Letras Libras	Logan
Projeto de pesquisa (Faculdade)	Fabiano
Estudando materiais	Sérgio
Nunca	Mariana

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Isso mostra que o perfil das pessoas entrevistadas produzindo *SignWriting* na literatura infantojuvenil geralmente têm um bom nível de instrução, mas nem todos têm a formação em Letras Libras.

Em relação à questão 5 (Em quais momentos da sua vida você utiliza o SignWriting? (Por exemplo, na escola? Para deixar recado? Escrever Livros ou artigos?)), apresentamos a seguir as respostas com mais detalhes.

Logan utiliza as traduções dos textos para os alunos surdos e ouvintes. João Paulo é professor da UFSC, utiliza mais para dar as aulas, anotar sinais novos e também grupo no *WhatsApp*, no grupo de pesquisa,

para pessoas que tem dúvida sobre SW, e para as pessoas que pedem que faça tradução para *SignWriting* de resumos de artigos acadêmicos.

Ana Paula, trabalhava como professora e dava aula para 1^a a 4^a série do Ensino Fundamental, na disciplina de Libras na Escola Frei Pacifico. Resolveu comprar o livro “Escrita de sinais sem mistérios”, se aprofundou mais para trabalhar com as crianças surdas, por exemplo, contação de histórias com texto em português com apoio em *SignWriting*. Também usava no registro de data comemorativas (usava no laboratório de informática o programa *SW-Edit*) e nas atividades de aula e jogos pedagógicos. Ela trabalha ensinando *SignWriting* para os alunos ouvintes na Universidade. Patrícia quando trabalhava na escola dos surdos, usava para registrar suas próprias anotações. Sérgio é professor de SW e trabalha na produção de materiais em Libras.

Nem todos leem em *SignWriting* hoje em dia. Por exemplo, Jaqueline usava durante o curso de Letras Libras e agora não utiliza mais. Das respostas dos participantes, vimos que eles têm uma perspectiva principalmente pedagógica ou didática nos usos de *SignWriting*. As respostas deles mostram que o sistema escrito não é visto como uma ferramenta para criatividade e prazer na produção de literatura, mas sim no ensino, voltado ao letramento e alfabetização.

6 - O que você gosta de ler em *SignWriting*?

Ao serem questionados se gostam de ler em *SignWriting*, 8 pessoas responderam que utilizam a leitura e três não utilizam a leitura. Sérgio, sempre está lendo alguma coisa. Ana Paula explica a comparação do livro de *Rapunzel Surda* e *Cinderela* que a leitura é na horizontal diferente da leitura vertical do livro *Feijãozinho Surdo*. Sempre utiliza o livro “Escrita de sinais sem mistérios” para entender o sistema de usar o *SignWriting*. Fabiano respondeu que gosta de ler qualquer site e gosta de ver a criação dos símbolos em SW. Sônia gosta de ler e também utiliza na sala para dar as aulas. João Paulo lê mais livros de literatura, mas também lê piadas, pois participa de grupo no WhatsApp em que as pessoas compartilham produções em SW, principalmente piadas. Assim, o que gosta mais de ler são produções literárias e piadas.

Jaqueline utiliza raramente, gosta de ler um pouco em livros. Atualmente Logan não utiliza para ler nenhum conteúdo. Renata também não faz leitura de materiais em papel, já que atualmente os materiais estão bastante em formato digital e tem menos contato SW, pretende voltar, olhar o manual para relembrar e acompanhar.

Vimos uma diferença entre a preferência para a leitura e a escrita. Marianne gosta mais ler do que escrever, pois para escrever é mais complexo. Renata falou que sempre consegue mais escrever do que ler, ou seja, pouco faz leitura em SW.

7 - Por que acha importante SW na literatura surda?

Quando foi feita a pergunta do porquê acha importante SW na literatura surda, todos eles responderam que é importante o uso de *SignWriting* com foco mais pedagógico para as crianças.

- 1) Aprender Libras
- 2) Aprender a fazer leitura em SW

Apenas João Paulo e Sérgio falaram dos adultos, não priorizando a Educação infantil. Patrícia explica primeiramente sobre o registro da *SignWriting*, que funciona muito bem na aprendizagem das crianças. Jaqueline explica ser importante o registro para as crianças lerem os livros, pois ajuda a aprender sinais. Ana Paula disse que o SW auxilia as crianças a desenvolver o conhecimento de Libras e incentiva a leitura. Ela relatou uma experiência com um aluno, que tampou com a mão a escrita em *SignWriting* para que ele tentasse identificar a palavra em português, pois não lembrava o significado, tirou a mão e o aluno conseguiu ler em *SignWriting* e conseguiu expressar em Libras. Logan explica que o uso do *SignWriting* aproxima e facilita a aprendizagem do português escrito, além de dar ao surdo acesso às informações em Libras. Marianne explica quando dava aula para crianças, elas liam em *SignWriting* e sinalizam em Libras, não era tradução. As crianças aprendem as palavras, mas não compreende as palavras e da mesma forma que a Ana Paula explicou, que não entendia o significado e já com *SignWriting* entendia o significado, por isso é importante aprender simultaneamente o português e *SignWriting*.

Além de ensinar as crianças, Fabiano explica alguns sinais do dicionário trilingue de língua de sinais brasileira que não dá para entender, então o SW auxilia nisso também, ou seja, o SW auxilia na visualidade do surdo. João Paulo explica sobre a barreira quanto à dependência das tecnologias, para o caso de produções em vídeos, por exemplo. Às vezes tem lugares sem acesso às tecnologias ou internet. Com o SW é possível sentar embaixo de uma árvore para fazer a leitura sem depender disso. Sérgio também fala que usar os vídeos limita, assim com a escrita se ampliam as possibilidades. Renata e Sônia comentam que é importante produzir literatura surda em *SignWriting*, pois é uma forma visual para

crianças. Sônia dá um exemplo de ler o texto em português e em *SignWriting*, e que em escrita de sinais aprende mais rápido.

Será discutido a seguir o processo de tradução da literatura surda e sua transcrição para *SignWriting*, objetivo principal da pesquisa. Com base nas respostas, cada participante contou sobre a experiência de criação de livros literários e foram criadas categorias sobre como o trabalho ocorreu.

8 - Explique o seu processo de criação, o passo a passo da produção em SignWriting em livros de literatura infantil? Por exemplo, começou com o texto em Português? Vídeo em Libras? Foi uma ideia original escrita direto em SignWriting? Outro?

São 6 levantamentos dos processos:

1

Ilustração	Desenho em Libras	<i>SignWriting</i>	Português
------------	-------------------	--------------------	-----------

2

Português	<i>SignWriting</i>
-----------	--------------------

3

Português	Libras Sinalizada	<i>SignWriting</i>
-----------	-------------------	--------------------

4

Português	<i>SignWriting</i>	+	Libras	<i>SignWriting</i>
-----------	--------------------	---	--------	--------------------

5

Português	Glosa	<i>SignWriting</i>
-----------	-------	--------------------

6

Somente Libras Escrita SW

Ao serem questionados sobre o processo de criação, ou seja, o passo a passo da produção em *SignWriting* em livros de literatura infantil, se por exemplo, começou com o texto em português, com vídeo em Libras, se foi uma ideia original escrita direto em *SignWriting* ou outro. A seguir, transcreveu-se as respostas, categorizadas a partir de dos processos informados, representados nos quadros abaixo e elaborados com base nos passos utilizados pelos participantes.

Ilustração	Desenho em Libras	<i>SignWriting</i>	Português
------------	-------------------	--------------------	-----------

Jaqueline explica como trabalhou na escola com as crianças, utilizando o livro originalmente da história *A cigarra e as formigas*. A professora surda traduziu e sinalizou a história em Libras, um aluno surdo questionou a professora “a cigarra canta, mas e os surdos, como fica?”. Então, tiveram a ideia de fazer a adaptação da canção para Libras. Foram quatro passos no processo, depois de verem a história traduzida do português escrito para Libras sinalizado, começaram a fazer a ilustração: (1) os próprios alunos fizeram os desenhos e, em seguida, pintaram; (2) pegaram o desenho em Libras no dicionário trilíngue; (3) copiavam os sinais em *SignWriting* a partir do dicionário e; (4) a professora escreveu em português (figura 44).

Figura 44 - Livro *A cigarra surda e as formigas*



Fonte: Boldo e Oliveira (2004).

Português	<i>SignWriting</i>
-----------	--------------------

O livro que a Ana Paula fez foi traduzido de português para vídeo em Libras. Logan informou que ele mesmo começou a fazer em português e em seguida traduzia para *SignWriting*. Ele comentou que, no momento estava aprendendo básico em Libras, e foram umas quatro revisões para que a tradução ficasse correta. Essa parte do processo não tem relação com as habilidades de criar a escrita em *SignWriting*, mas a tradução interlingual de Português para Libras. A resposta do Logan mostra que um escritor de Libras não deve ter habilidade do tradutor interlingual. Sônia, recebeu o texto em português escrito e traduziu para Libras por meio do *SignWriting*.

Fabiano primeiramente conversou com os demais autores do livro *Cinderela Surda*, depois compartilhou a obra, começando pela leitura em português para depois traduzir para *SignWriting*, estudando se combinava com o contexto da escrita de sinais, fazendo reflexões enquanto sinalizava a história. Todos os livros que Marianne traduziu primeiramente recebia o texto escrito em português escrito e traduzia diretamente para *SignWriting*. Ela nunca fez tradução em Libras sinalizada em vídeo.

Português	Libras Sinalizada	<i>SignWriting</i>
-----------	-------------------	--------------------

Patrícia e a Renata recebiam os textos em português escrito e fizeram a tradução para a Libras sinalizada e em seguida para *SignWriting*.

Português	<i>SignWriting</i>	+	Libras	<i>SignWriting</i>
-----------	--------------------	---	--------	--------------------

Sônia primeiro recebeu texto escrito em português e traduziu para *SignWriting*, e também alguns trechos gravou em Libras sinalizadas para então fazer a transcrição em *SignWriting*. Débora recebeu em português escrito e traduziu para *SignWriting*. Tinha alguns personagens que não sabia o sinal, perguntava para os autores do livro que enviaram o sinal em vídeo (Libras sinalizada) para posteriormente incluir os sinais em *SignWriting*. Citou o nome *paixé*, que é uma religião dos índios e não sabia sinal e também solicitou o vídeo em Libras. O processo da tradução não foi exatamente completo, alguns foram transcrição por ela, pois não tinha recebido o vídeo e que não sabia o sinal exatamente.

Português	Glosa	<i>SignWriting</i>
-----------	-------	--------------------

João Paulo foi o único que falou sobre o uso de glosas. Ele recebeu somente texto escrito em português, não recebeu foto, imagem ou vídeo sinalizado em Libras. Débora e o João Paulo trabalharam junto com a escrita de *SignWriting* do livro das 11 lendas amazônicas. O processo dele foi de colocar glosa e em seguida discutia com os três colegas para ter a confirmação para depois colocar em *SignWriting*.

Somente Libras Escrita SW

O livro do Sérgio é único que não tem a escrita de português, isto é, conta com a experiência do trabalho dele “mesmo na minha memória

esta história estavam presentes na minha primeira língua que é o português, na hora de contá-las naturalmente ouve um processo de tradução, mesmo que mental para transpô-las no texto escrito em SW.”

Há seis categorias do passo a passo do processo da tradução/transcrição. São variáveis e ainda não tem padronização. Cada um tem uma forma utilizada para facilitar a tradução/transcrição.

9 - Que materiais você utilizou quando escreveu SW? Por exemplo Dicionários? Livros de apoio? Algum recurso tecnológico?

Quando questionados sobre quais materiais utilizam quando escrevem em SW, como por exemplo dicionários, livros de apoio ou algum recurso tecnológico), pois sabe-se que há vários materiais de apoio que eles utilizaram, como o polígrafo do Letras Libras.

Marianne traduziu do inglês/ASL para o português e *SignWriting* (Libras) o livro “Escrita de Sinais sem mistérios”, utilizando o *SW EDIT* (software desenvolvido por Rafael Piccin Torchelsen e Antônio Carlos da Rocha). Já Ana Paula e Débora usaram o apoio do livro “Escrita de Sinais sem mistérios”. Ana Paula, Débora, Logan, Fabiano, Marianne, Renata usaram o material do polígrafo de Letras Libras. Debora, Jaqueline e Patricia usava Dicionário trilingue. Logan e Fabiano também utilizaram o *SW EDIT*. Sergio foi o único que informou utilizar o *MS-Word* desenvolvido por ele. Patrícia e Sergio usavam o material no site *SignWriting.org*.

São muitos materiais variáveis, contudo o material mais utilizado é o polígrafo, que é a base da *SignWriting*. Impossível não usar o material de apoio como forma de verificar se a escrita do sinal está correta, assim sem consultá-lo poderia ser uma tradução incerta.

10 - O seu trabalho foi realizado em grupo ou foi um trabalho individual? Se individual, como foi a experiência? Se em grupo, como foi a experiência?

Ana Paula fez o trabalho sozinha e depois chamou uma pessoa para fazer a correção e ocorreu uma discussão sobre SW. Sérgio conta que trabalhou individualmente, mas que também contou com ajuda de colegas intérpretes e surdos.

Patrícia comenta que trabalhou em dupla com a Renata e explica que a experiência foi muita rica, que aprenderam muito durante o processo. Acrescenta ainda que já haviam esquecido como de utilizar,

pois não utiliza *SignWriting* no dia-a-dia, que tiveram uma discussão para esclarecer a tradução de *SignWriting*.

Seis pessoas (Débora, Logan, Fabiano, Jaqueline, João Paulo e Marianne) responderam que trabalham em grupo, cada um contaram uma experiência diferente. Débora conta que teve uma experiência enriquecedora de fazer a placa do Parque ecológico no Córrego Grande, localizado em Florianópolis – SC, com o grupo de três pessoas e que, se fosse sozinha, não conseguiria fazer. Outra experiência do livro de *11 histórias*, que havia sido convidada para fazer sozinha, mas considerou uma tarefa impossível, por isso chamou colegas para poder dividir o trabalho e fazer a tradução em *SignWriting* de forma coletiva. Considera que dá para trocar ideias com a equipe e com supervisão, pois se fizesse o trabalho sozinha, não perceberia os erros, o que é importante no trabalho em equipe.

Logan, respondeu que o trabalho era realizado “Em grupo, com exceção da tradução para a Libras escrita que foi um trabalho individual, outras funções, como de revisão”. Complementa informando que, “Esse projeto foi uma experiência incrível para mim, ao menos, pela função de fazer traduções. Em grupo, foi boa apesar das nossas divergências em relação à proposta de acesso linguístico, mas no final deu tudo certo. Entretanto, as nossas divergências permitiram acertar certos detalhes”

Fabiano conta que no começo foi difícil, pois desconhecia o *SignWriting*, mas que, depois foi acumulando a aprendizagem e começou a produzir outros livros, que foram traduzidos de forma mais rápida em *SignWriting*, usou o material com a equipe para ver se estava certo e errado e informou que era preciso validar para publicar.

Jaqueline conta que ficou muito feliz em participar de um projeto com o grupo com os professores e alunos, que compartilhava o trabalho e que os alunos comentavam e trocavam ideias, o que gerou muito aprendizado.

João Paulo comentou que, algumas vezes teve dificuldade, que ficava satisfeito por trabalhar em grupo, pois era possível trocar ideias e tomar decisões a respeito de *SignWriting* e Libras. Contudo, algumas atividades fez sozinho, quando eram fáceis.

Marianne conta que teve várias experiências de trabalhos. Já trabalhou em duplas, com grupo de alunos na graduação e pós-graduação. No momento estes grupos estão parados, mas é preciso voltar os encontros uma vez por semana. Há também o grupo registrado no CNPq, cujo nome é Estudo de *SignWriting*.

11 – Contou com a ajuda de outras pessoas nas etapas do seu processo de criação? Por exemplo, pediu apoio de revisor?

Ana Paula e Liege pediram ajuda para Profa. Dra. Gladis e Profa. Dra. Marianne, que foi mandando via e-mail para que elas avaliassem o texto. Substituíram a palavra “deficiente”, pois as revisoras pediram para trocar por “diferente”. Débora comenta que seria bom sempre trabalhar em grupo, pois já aconteceu que esqueceram de pedir para revisar e que, por isso, foi publicado com muitas falhas. Assim, sempre é bom chamar o revisor e que é importante pedir para ter menos falhas.

Logan teve apoio sim, ou seja, ele solicitou a revisão. Fabiano, também pediu revisão. Contou que, na época, tinha só a Marianne e que ela revisou e corrigiu. Marianne, comenta que são poucas pessoas na área de Tradução de português escrita para Libras em *SignWriting*. Então, ano passado Débora, João Paulo e Tom Min Alves traduziram coletivamente para *SignWriting*. Foi a primeira vez que ela teve a sua experiência de revisar e comenta que é muito importante esse processo, pois o tradutor pode não enxergar os erros e que precisa desenvolver a área de revisão pois na área de português para Libras em vídeo também não tem revisão, ou seja, desenvolver não só em *SignWriting*.

Sérgio trabalhou junto com as colegas intérpretes e com os surdos. Por outro lado, Sônia comenta que o problema era grande, já que ela não teve ajuda de ninguém, ela mesma que fez. Continua dizendo que pesquisou, avaliou vários livros, na internet e que avaliava várias vezes o texto, na escrita de sinais, para ver se está correto. Quanto mais avaliava, percebia menos falhas, avaliar uma vez terá mais falhas.

Patrícia não pediu, pois na época tinha poucas pessoas com conhecimento em SW. Renata, somente ela e outra pessoa trabalharam juntas. Jaqueline não pediu revisor, pois o livro entregue foi gratuito. Foi apenas os alunos que fizeram as atividades, copiando *SignWriting* do dicionário trilingue.

Percebe-se que, a maioria dos entrevistados não trabalharam sozinhos, alguns trabalharam em grupo e pediram ajuda para revisar. Isso é muito importante, pois quando o tradutor/transcritor realiza o trabalho, começa a ficar cansado e não percebe os erros, sendo importante chamar o revisor que conhece a área de Literatura e também *SignWriting* para corrigir e ter menos falhas, bem como fazer atualizações. Quatro participantes comentam que não chamaram revisor, porque na época tinham poucas pessoas e pouco conhecimento, e hoje já aumentou o conhecimento sobre revisões, bem como aumentou a quantidade de tradutores e de transcritores.

12 - Quais dificuldades você encontra na produção de livros em *SignWriting*?

Ana Paula diz que é um pouco difícil aprender os movimentos, setas, os seis símbolos e as expressões faciais e corporais. Fabiano comenta que é mais difícil o movimento e fica inseguro pois não sabe se está certo ou errado, às vezes quando tem a palavra e não tem sinal (vice-versa) precisava ter a estratégia com a equipe.

Logan comenta que “não se tem *SignWriting* em algum computador, já é um impasse”. João Paulo responde que é mais difícil quando recebe o texto em português para poder fazer a tradução em *SignWriting*. Já aconteceu de desconhecer o sinal para determinada palavra e assim não sabem o que colocar em SW, assim ele pedia para mandar o vídeo em Libras para então ele transcrever para escrita de sinais.

Marianne comenta que percebe que são comuns esquecer de colocar o espaço, descrição, verbos, concordância e os olhares. Patrícia comenta que falta conhecimento sobre SW das pessoas envolvidas. Como a Renata já fez finalizou o trabalho, comenta que não se lembra quais as dificuldades. Sérgio responde que é o processo de LS-LO, material de referência e os dicionários. Sônia conta as dificuldades das orientações. Jaqueline comenta que não encontrou dificuldade.

13 - Quem são os leitores do seu trabalho? Quem é seu público alvo? Que tipo de feedback deles você recebeu?

Débora responde que o livro pode ser utilizado para adolescentes e também para professores e alunos das Universidades que podem usar esses materiais para conhecer histórias da literatura surda. Ainda não recebeu *feedback*, já que o livro é novo, foi publicado recente.

Logan comenta que é para todos os níveis escolares, a experiência que não foi boa, pois não terem aprendido *SignWriting*. Fabiano comenta que, na época que publicou o livro da Cinderela Surda e a Rapunzel Surda não recebeu nenhum *feedback*, que as pessoas viam o livro, gostavam e compravam. Percebeu que há erros nos sinais da escrita, ou seja, tem falhas e que precisa ser atualizado.

Jaqueline comenta que o livro é para crianças, que eles ficam mais interessados nas ilustrações, muitas pessoas pedem para comprar o livro, mas o livro é gratuito.

João Paulo responde que o livro não apresenta a idade, é livre para qualquer pessoa e que não recebeu nenhum *feedback*. Marianne comenta que nunca recebeu *feedback* negativo ou positivo, pois percebe que os

leitores não estão acostumados, só os alunos do curso de Letras Libras, pois como são utilizadas nas atividades das disciplinas e que estas são obrigatórias, pede como tarefa, que devem avaliar e desse modo eles respondem se está bom ou se está ruim.

Patricia diz que é para as crianças e que recebe *feedback* positivos. Renata comenta que é para qualquer pessoa, que é para todos os públicos, pois o acesso está livre e tem *SignWriting*. Sônia comenta que não recebeu nenhum *feedback*. Sérgio informa que se envolveu no trabalho em Libras, e que eram os alunos e outras pessoas que estavam envolvidas na área da Educação.

14 - Na sua opinião, escrever em *SignWriting* é um tipo de tradução? Por quê?

NÃO	SIM	NÃO AFIRMARAM
ANA PAULA DÉBORA MARIANNE PATRICIA SERGIO	LOGAN FABIANO RENATA SÔNIA	JAQUELINE JOÃO PAULO

Percebe-se que 5 pessoas responderam que não é e 4 pessoas responderam que é tradução em *SignWriting*, enquanto dois não afirmaram se sim ou se não.

Em relação aqueles que responderam que não é tradução em SW, Ana Paula comenta que a “Escrita de Sinais não segue exatamente a estrutura de uma sentença em Libras existe uma tradução que se adequa para o entendimento de quem lê, também leva-se em consideração que a estrutura de Libras é diferente do português”

Débora explica que escreve direto em *SignWriting* e que é diferente da tradução, como por exemplo ler português e depois traduzir para SW. Escrever não é tradução, pois já imagina e escreve em *SignWriting*. Compara, por exemplo, imaginar e escrever em português não é um processo de tradução.

Marianne comenta que o *SignWriting* é o pensamento direto em língua de sinais, ou seja, não é tradução porque diz respeito a mesma língua, é um sistema de escrita da língua de sinais. Ela mostra o que pode ser utilizado em tradução, que pode transcrever, pode fazer a tradução em

Libras e que pode ser comparado com o processo tradutório do Português, por exemplo.

Patrícia responde. “Não! Se eu penso em algo e escrevo direto utilizando a escrita, seria o mesmo que em português. Assim como em outra língua, posso escrever um texto na língua que eu decidir usar: Português, Inglês, Libras (SW). Seria tradução, ao passo que, eu seleciono um texto em uma língua e desejo “passar” para outra: Português para SW, Inglês para SW etc.”

Sérgio responde. “*Não. Escrever em SW é como escrever em qualquer idioma, você pode usar a escrita para escrever algum texto traduzido, mas este é apenas um dos fins, a escrita não se presta apenas para este objetivo. Penso que o universo do Surdo precisa se expandir, hoje ele sofre uma influência muito grande de profissionais ligados a ele, como professores, interpretes, fonoaudiólogos e pesquisadores. Sendo assim, quando se pensa na produção literária e cultural surda é difícil desvincular a influência destes profissionais, porque sua presença é muito forte. Entretanto, acredito que a cultura surda deveria buscar sua liberdade, sendo cada vez menos assistida e mais autônoma*”

Logan afirma que é uma tradução e que, com os estudos da questão de reescrita ou adaptação, que está bem mais próximo da tradução cultural, para o público alvo compreender o conteúdo.

Fabiano comenta que a tradução em *SignWriting* esclarece por que é visual, demonstra o movimento do sinal, a expressão e contato, pois o desenho em Libras fica complexo, não entende-se e *SignWriting* esclarece mais. Complementou afirmando que *SignWriting* esclarece pois tem descrição completa e que é detalhado, já que tem expressão, contato, movimentos. Não entende a maioria dos desenhos de sinais e em alguns momentos por falta de configuração correta, falta expressão, assim às vezes fica confuso.

Renata responde que é uma tradução, e não é interpretação. Tradução tem momento para ler, responder e por isso afirma que esse trabalho é uma tradução, isto é, traduzir um livro para *SignWriting* pois o livro foi criado em português para ser traduzido para Libras e que nesse processo tem o estudo da estrutura.

Jaqueline não afirmou, responde que há possibilidade de fazer a tradução do português escrito para Libras, *SignWriting* ou por exemplo, registrado em *SignWriting* para traduzir para português escrito. João Paulo acredita que são os dois misturados, isto é, tradução e transcrição, que é impossível separar, pois tem texto em Português para Libras, por isso é uma tradução, às vezes faz Libras errado e faz uma gravação

novamente e para a transcrição em Libras não é tradução, pois confundem, os dois são juntos.

Para concluir, percebe-se que as respostas para o problema de pesquisa não foram claras por causa da pergunta faltar clareza, isto é, a pergunta deveria ser: “Na sua opinião, escrever em *SignWriting* para Libras é tradução? Por que?”. Isso poderia esclarecer aos participantes para que respondessem de forma adequada. Alguns responderam diferente, ou seja, se é uma tradução ou não é. O processo de transposição de uma língua para outra é uma tradução, por exemplo, Inglês para Português e o outro caso, um texto em Português para *SignWriting*. Só que, o *SignWriting* não é a língua, é um código para registrar sinais e também para facilitar a compreensão da leitura por ter o aspecto visual, porém esse processo faz parte da tradução, pois envolve a transcrição por levar uma forma da língua para outra forma. Concorda-se que o *SignWriting* possibilita mais facilidade de leitura, enquanto para escrever é mais complicado, principalmente em relação a orientação e aos movimentos dos sinais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lembramos que o objetivo geral desta pesquisa “Literatura surda: o processo de tradução e a transcrição em *SignWriting*” é conhecer e entender o processo de tradução ou transcrição em *SignWriting* da literatura infantojuvenil surda brasileira, além da atuação e posição do tradutor/transcritor.

A pergunta principal da pesquisa é *como acontece o processo e por quem a tradução ou transcrição da literatura infantojuvenil surda para escrita de sinais pode ser realizada?*

Na proposta do trabalho desta pesquisa da literatura surda, de como o processo da tradução de *SignWriting*, mudamos a proposta de tradução e a transcrição de *SignWriting*, pois esclarecemos a diferença da tradução e a transcrição dentro do processo.

A experiência na realização desta pesquisa de dissertação pode ser comparada como se estivesse trilhando um percurso na ilha da magia, que é um caminho muito longo, usando um mapa para descobrir o caminho e buscando as palavras que desconhecia, conhecendo palavras novas, dando um mergulho nos estudos acadêmicos.

Sabemos que surgiu o curso de Letras Libras em 2006, através da Lei de Libras no Brasil (Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002) e do Decreto nº 5.626 (de 22 de dezembro de 2005). Assim, com o currículo do curso de Letras Libras, que incluíam as disciplinas de Literatura Surda e *SignWriting*, novos conhecimentos de aprendizagem foram abertos e que são utilizados na vida da comunidade surda.

Posteriormente em 2008, surgiu o curso de Bacharelado em Letras Libras, com o currículo de Tradução. Nesse caso, a autora desta pesquisa ingressou no curso Letras Libras – Licenciatura em 2012, assim como o curso é novo, novas informações vão sendo descobertas com os estudos científicos. No caso específico das disciplinas de *SignWriting*, Literatura Surda e Tradução, desenvolveu-se a base dos estudos da autora, o que trouxe vários aprendizados.

Sobre a proposta da pesquisa, pode ser comparada com o processo da tradução em *SignWriting*, pois foi como escuridão, estava neblinando, não estava claro. Assim, resolvemos aprofundar o estudo, se era mesmo um processo da tradução e fomos descobrindo que nem todos são traduções em *SignWriting*.

O trabalho da tradução é uma atividade de um texto de qualquer língua (o texto fonte) e o novo texto traduzido em uma outra língua (o texto alvo). Por exemplo, em Língua de Sinais, com o texto fonte do português escrito para Libras (e vice-versa). O outro exemplo mais

específico (que é o objeto de estudo dessa pesquisa), a tradução de português para *SignWriting*.

A produção do trabalho de Libras sinalizada para *SignWriting* é tradução? Como tinha explicado que a tradução trabalha de uma língua para a outra língua? No Brasil, a língua de sinais que chamamos Libras tem regras gramaticais próprias e com níveis de estudos linguísticos, como qualquer outra língua. O *SignWriting* é um sistema de escrita das línguas de sinais, que expressa os movimentos com as formas das mãos, as marcas não-manuais e os pontos de articulação. Então, Libras e *SignWriting* são a mesma língua ou diferente? São a mesma língua, isso não significa que seria uma tradução.

Nesta pesquisa foram muitos estudos para esclarecer o significado, a produção do trabalho de Libras para *SignWriting* e vice-versa, assim identificamos que o trabalho se chama transcrição.

Durante a pesquisa abriu-se a mente e foi esclarecida a diferença da tradução e a transcrição. No início da pesquisa, não foi conhecido quantos livros de literatura infantojuvenil existiam em *SignWriting*. A primeira contribuição dessa pesquisa é o levantamento feito dos livros, ou seja, as coletas dos dados de levantamento bibliográfico de obras literárias surdas em *SignWriting*. Alguns dos livros já eram conhecidos e alguns não, pois foi necessário aprofundar para descobrir que muitos estavam pouco acessíveis e depois, foram encontrados vários, como se tivesse encontrando um baú de ouro, o que gerou um sentimento de empolgação para aumentar a quantidade de livros identificados e fui aprofundando e pesquisando na internet. Foi possível contar com ajuda dos amigos que sabiam da pesquisa e lembravam disso, mandavam informações dos livros encontrados. Aproveitou-se a oportunidade de conhecer mais histórias.

Enfim, foram encontrados 21 livros, que foram organizados com o ano de publicação das obras literárias, em quatro categorias das obras, com a produção do livro separados por: criação, tradução, adaptação e adaptação cultural. A maior categoria dos livros foi “criação”, sendo as produções originais de literatura surda, com alguns personagens surdos e outros não. Alguns livros não pode-se identificar se é uma adaptação ou uma adaptação cultural, pois pode ser os dois.

Concluimos que *SignWriting* é um meio de apresentar a identidade surda nos livros de literatura infantojuvenil por meio da Libras. Os resultados mostram que a maioria dos livros apresentam imagens e textos bilíngues (em Português escrito e Libras em *SignWriting*), porém há uma grande variação entre as possibilidades de apresentação, ou seja, em que a informação foi apresentada. Essa ampla diversidade (por exemplo, ter

textos em Inglês ou em Libras sinalizada em DVD) dá boas escolhas para os leitores surdos.

Descrevendo os tipos de produção do texto em *SignWriting*, identificados nas capas, é difícil padronizar. Foram encontrados 9 diferentes termos, por exemplo: “Traduzido para a Língua Brasileira de Sinais”, “Tradução para Escrita de Sinais” e simplesmente “Escrita de Sinais”. Alguns destacam revisão e outros não. Sugerimos que essa falta de padronização desvaloriza o empenho das pessoas que produzem o texto em *SignWriting*.

Os trabalhos analisados são novos, assim, ainda não apresentam padronização. Sugere-se, como proposta, padronizar o trabalho para que dessa forma, possam ser citados os livros de literatura infantojuvenil. Ao informar apenas “tradução de língua de escrita” não é uma boa escolha pois é impossível saber qual delas, já que há quatro escritas de sinais no Brasil. O que poderia colocar é “tradução em *SignWriting*” e, caso seja somente o trabalho com a transcrição, que informe “transcrição em *SignWriting*”. Se tiver tradução com o envolvimento da transcrição, informar “Tradução/Transcrição *SignWriting*”.

O perfil das 11 pessoas que participaram das entrevistas mostrou um alto nível de escolarização, a maioria tendo titulação de mestrado ou doutorado. Isso implica a necessidade de valorizar o grau de conhecimento dos tradutores e transcritores de *SignWriting*.

As entrevistas mostraram que os tradutores e transcritores geralmente veem *SignWriting* como uma ferramenta didática e pedagógica. No futuro, pode ser que mude, ou seja, que a escrita de sinais entre mais na vida cotidiana da comunidade surda. Porém os resultados das entrevistas mostram que isso ainda não aconteceu.

Outro ponto é que o processo de produção em *SignWriting* é muito variável. Foram encontrados seis diferentes tipos de processo. No futuro, para ajudar a formação dos tradutores e transcritores, devemos avaliar quais as vantagens e desvantagens de cada processo. Todos os entrevistados usam materiais de apoio para realizar a escrita de Libras. Isso mostra que, no futuro, devemos focar nos materiais de apoio, procurando qual seja melhor, para aprimorar o processo.

Percebemos, principalmente nas entrevistas, a importância dos tradutores e transcritores trabalharem coletivamente, isto é, em grupo, com a ajuda de revisores para diminuir as falhas.

Alguns dos entrevistados, embora atuem com textos em Português escrito e Libras escrita em *SignWriting*, não percebem que fazem uma tradução. Pode ser por causa de estarem tão acostumados a fazer a atividade que nem valorizam mais, ou pode ser por causa do sinal

TRADUZIR em Libras que tem vários significados, inclusive a passagem entre duas línguas e duas modalidades, como transcrição.

A compreensão sobre a realidade em que os tradutores estão inseridos e a transcrição no processo de aprendizagem são metas essenciais para o conhecimento. Há pouco conhecimento e também há desvalorização, com baixa busca do conhecimento científico, pois não tem muitos trabalhos sobre tradução e transcrição em *SignWriting* envolvendo a literatura surda, também há poucos estudos a respeito deste assunto. Assim, terá a valorização da Literatura surda, tradução e transcrição e *SignWriting*, pois é permitido trabalhar individualmente ou em grupos, que podem compartilhar com a sociedade.

Os livros devem nomear os nomes dos tradutores e transcritores, para reconhecer que existem esses profissionais e isto ajudará quando for preciso fazer a tradução ou revisão.

Chegando ao final do trabalho de pesquisa, surge a necessidade do próximo passo, isto é, de uma pesquisa de campo. Os objetivos da pesquisa eram *como se dá o processo da tradução e transcrição em SignWriting na literatura surda*. O trabalho pode ser continuado buscando produzir materiais da obra literárias. Assim, podemos contribuir com os estudos da tradução/transcrição da *SignWriting* da literatura surda na sala de aula e contribuir em vários contextos dos estudos futuros para toda a sociedade, para incentivar os educadores.

O trabalho não há fim, ou seja, sobre os levantamentos dos livros, foram descobertas de 21 livros, mas acredita-se que ainda há mais livros que não foram descobertos ainda ou não foram publicados, pois podem ter sido produzidos, mas não publicados. Os pesquisadores podem atualizar informações, aumentando a circulação e produção de livros de literatura surda em *SignWriting*, não esquecendo da importância de colocar o nome de quem produziu em *SignWriting* e quem fez a revisão. Ao responder os objetivos específicos:

a) Elencar os livros de literatura surda infantojuvenil brasileira publicadas em *SignWriting*;

Foram encontrados 21 livros da literatura surda infantojuvenil brasileira publicada envolvendo o *SignWriting*. Os livros apresentam uma maravilhosa diversidade de histórias, que possibilita aprender por meio das histórias, ajuda a acumular conhecimentos e também apresenta a produção do livro (criação, tradução, adaptação e adaptação cultural).

b) Refletir acerca das traduções e transcrições para *SignWriting* e o contexto de *SignWriting* nos livros;

c) Identificar a diferença entre tradutores e transcritores de *SignWriting* na literatura surda brasileira;

Para entender a diferença entre os tradutores e transcritores que trabalham com as línguas em contexto de *SignWriting* para Libras (e vice-versa), tradução de uma outra língua e a transcrição da mesma língua.

d) Esclarecer o papel e o perfil do tradutor e transcritor de *SignWriting*;

O perfil dos profissionais que tenham experiência em trabalhos de tradução e transcrição é geralmente de alta escolarização.

e) Entender os desafios de traduzir e de transcrever para *SignWriting* e as estratégias utilizadas por tradutores e transcritores.

As estratégias de traduzir do português para *SignWriting* e a transcrição de Libras sinalizada para a escrita *SignWriting*, em que há várias possibilidades de buscar a forma correta (dos símbolos, orientação, movimentos) nas buscas de recursos tecnológicos, nos dicionários, em livros de apoio, contribuindo com os colegas. É importante sempre trabalhar em equipe, que ajuda a ter menos falhas.

A análise que foi realizada a respeito dos livros, conclui-se que, alguns deles não foram citados por quem foi o responsável por traduzir/transcrever, ou seja, é o apagamento do tradutor/transcritor, em que são invisíveis. Dessa forma, é muito importante colocar os nomes das pessoas para que seus trabalhos sejam reconhecidos e assim, que esses profissionais possam ser chamados para fazer a tradução e a transcrição para *SignWriting*.

Durante as entrevistas foram realizados três tipos de registro de dados: i) gravação em vídeo pessoalmente; ii) resposta sinalizada (vídeo) enviada via internet e; iii) respostas em português escrito enviada por e-mail. Participaram 7 pessoas, totalizando 78 minutos de gravação, em que o trabalho de transcrição foi bem exaustivo. Foi utilizado o programa ELAN, visualizando o vídeo de forma lenta para que todos os detalhes da sinalização pudessem ser vistos, retornando algumas vezes, sendo que dessa forma ajuda no processo de transcrição. Para fazer a tradução em português, foi usado o software Word, olhando o vídeo e escrevendo em português. Às vezes pesquisava algumas palavras e retornava novamente para confirmar se estava correto. Para fazer a tradução, o trabalho não foi fácil, foi desafiador, em vários momentos fazia várias tentativas de buscar a palavra mais adequada em português. Não foi somado as horas de para realizar a tradução. Isso acumulou conhecimentos na minha experiência como pesquisadora.

Gostaria de falar sobre as questões teóricas no que diz respeito a tradução, pois alguns conceitos são complexos e, numa próxima pesquisa, gostaria de continuar e melhorar a questão teórica.

Nessa dissertação o público-alvo são estudantes do curso de Letras-Libras, de Pós-graduação e pesquisadores e ou profissionais de tradução/transcrição que trabalhem na área de Libras. Espero que esta pesquisa contribua na construção de conhecimentos e estudos desses profissionais.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Thiago Cardoso; CHAIBUE, Karime. Histórico das Escritas de Línguas de Sinais. **Revista Virtual de Cultura Surda**, n. 15, março, 2015.

AMPESSAN, João Paulo. **A escrita de expressões não manuais gramaticais em sentenças da Libras pelo sistema *SignWriting***. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

BARBOSA, Gabriela Otaviana. **A arte de escrever em Libras**. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

BASSO, Idavania Maria de Souza; STROBEL, Karin Lilian; MASUTTI, Mara. **Metodologia de Ensino de Libras - L1**. Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLibrasComoL1/assets/631/TEXT0-BASE_SEM_AS_IMAGENS_.pdf. Acesso em: 4 mar. 2018.

BOLDO, Jaqueline. **Intercorrências na cultura e na identidade surda com o uso da literatura infantil**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

BOUDREAULT, Patrick. **Deaf Interpreters: Topic ins signed language interpreting**. Amsterdam: Benjamins. 2005.

BÓZOLI, Daniele Miki Fujikawa. **Um estudo sobre o aprendizado de conteúdos escolares por meio da escrita de sinais em escola bilíngue para surdos**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

BRASIL. **Lei n. 10.436 de 24 de abril de 2002**, dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 03 jun. 2018.

BRASIL. **Lei n. 12.319 de 1º setembro de 2010**, regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm. Acesso em: 03 jun. 2018.

CAMPOS, Klícia de Araújo; SUTTON-SPENCE, Rachel. A gíria e o dialeto nordestino no glossário da literatura de cordel em Libras. *In*: VIII Seminário de pesquisas em andamento e IV Encontro de egressos (PGET/UFSC), Universidade Federal de Santa Catarina, 01 a 04 de dezembro de 2015. **Resumos** [...]. Florianópolis: Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, 2015, p. 158-170. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/178889>. Acesso em: 03 set. 2017.

GOMES, Brenda Cruz. **Uma análise das obras da literatura surda infantil do Brasil**. 2016. Monografia de Linguística, Português e Línguas Clássicas como requisito da disciplina Seminário de Português) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

CAMARGO, Ana Claudia. Tradução interlingual: Análise dos procedimentos técnicos de tradução de língua portuguesa para Libras do CD-ROM as aventuras de Pinóquio. II Congresso Brasileiro de Pesquisas em Tradução e Interpretação da Língua de Sinais. 2010. **Anais...** Florianópolis, 2010.

CHAVEIRO, Neuma; BARBOSA, Alves Maria. Assistência ao surdo na área da saúde como fator de inclusão social. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 39, n. 4, p. 417-422, 2005.

COSTA, Edivaldo da Silva. Tendências atuais da pesquisa em escrita de sinais no Brasil. **Revista Diálogo**, v. 6, n. 1, 2018. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/5635>. Acesso em: 3 mar. 2018.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. **Libras em Contexto**: curso básico. Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2007. Disponível em: http://www.faseh.edu.br/biblioteca/_arquivos/acervo_digital/Libras_em_contexto_Livro_do_Professor.pdf. Acesso em: 3 mar. 2018.

FERNANDES, L. A. A representação de quinze alfabetos manuais na escrita das línguas de sinais – EliS. In: Revista Virtual de Cultura Surda, Edição Nº 16, 2015.

FORCADELL, Murilo Sbrissia. **A inserção do sistema *SignWriting* na formação dos profissionais de Libras**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2016.

GUERINI, A. **Introdução aos Estudos da Tradução**. Letras-Libras. UFSC, Florianópolis, 2008.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Tradução de Izidoro Bilkstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1975.

KARNOPP, Lodenir, SILVEIRA, Caroline Hessel. Humor na cultura surda: análise de piadas. **Canoas**, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/2099/155>
3. Acesso em: 17 jun. 2018.

KARNOPP, Lodenir. **Literatura Surda**. Curso de licenciatura em Letras Libras. Florianópolis: UFSC, 2008.

KARNOPP, Lodenir. Literatura Surda. Educação de Surdos e Língua de Sinais. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 98-109, jun. 2006.

_____. SILVEIRA, Carolina Hessel. **Metodologia da Literatura Surda**. Curso de Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância. UFSC, 2009.

KOGUT, Marcos Kluber. As Descrições Imagéticas na transcrição e leitura de um texto em *SignWriting*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

LEMONS, Edison Ribeiro; CERQUEIRA, Jonir. O sistema Braille no Brasil. **Revista Brasileira para Cegos**. Rio de Janeiro: Benjamin Constant, 1999.

LOPES, Lorena Poliana Silva. Da cinderela ouvinte à cinderela surda análise multimodal e ensino. **Revista Escrita**, n. 22, 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/28818/28818.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2017.

MACHADO, Fernanda de Araújo. **Simetria na poética visual na Língua de Sinais Brasileira**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MARTINS, Ana Lúcia dos Santos. **Cinderela Surda: marcas da cultura surda**. Curso de especialização a distância em educação especial. Pólo Uruguaiana, 2007.

MCCLEARY, L. E.; VIOTTI, E. C.; LEITE, T. Descrição de línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. **Alfa**, v. 54. p. 265-289, 2010. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2880>. Acesso em: 3 mar. 2018.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Literatura surda: produções culturais de surdos em Língua de Sinais**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

NEALE, Stephen. Silent Reference. *In*: OSTERTAG, Gary (Org.). **Meanings and Other Things**. Oxford: University Press, 2016

NOBRE, Rundesth Saboia. **Processo de grafia da língua de sinais: uma análise fono-morfológica da escrita em SignWriting**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

OMENA, Fabrícia Barbosa. **Comunicação e linguagem: Estudo do sistema Braille à Luz da Semiótica**. 2009. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) – Centro de Estudos Superiores de Maceió, Alagoas, 2009.

PAGANO, Adriana; VASCONCELLOS, Maria L. Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por

pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. **Revista Delta**, São Paulo, v. 19, p. 1-25, 2003.

PAGURA, R. J. Tradução & interpretação. In: AMORIM, L. M.; RODRIGUES, C. C.; STUPIELLO, E. N. A. (Org.) **Tradução & perspectivas teóricas e práticas**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 183-207.

PEREIRA, Maria Cristina Pires. **Testes de proficiência linguística em língua de sinais**: as possibilidades para os intérpretes de Libras. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

PEREIRA, Maria Cristina Pires; FRONZA, Cátia de Azevedo. Sistema *Signwriting* como uma Possibilidade na Alfabetização de Pessoas Surdas. In: VII Encontro do Círculo Linguístico do Sul (CELSUL). **Anais...** Pelotas: UFPEL, 2006.

QUADROS, Ronice de; SOUZA, Saulo Xavier. Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras. In: QUADROS, Ronice Müller de (Org.) **Estudos Surdos III**. Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 170-209.

QUADROS, Ronice Muller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretária de Educação Especial, Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de; SEGALA, Rimar Romano. Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em Português para a Libras oral. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 354-386, out. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p354>. Acesso em: 03 nov. 2018.

RIBEIRO, Sérgio Silva. Escritas de sinais na educação do aluno surdo. Instituto Memória, 2016

RODRIGUES, Carlos Henrique; BEER, Hanna. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar

emergente?. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 17-45, out. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p17>. Acesso em: 04 jun. 2018.

RODRIGUES, Carlos Henrique. Tradução e Língua de Sinais: a modalidade gestual-visual em destaque. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 38, n. 2, p. 294-319, maio 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n2p294>. Acesso em: 03 jun. 2018.

RUSSO, Ângela. **Intérprete de Língua Brasileira de Sinais**: uma posição discursiva em construção. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SEGALA, Rimar Ramalho. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual**: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SILVEIRA, Carolina Hessel. **Literatura Surda**: análise da circulação de piadas clássicas em Línguas de Sinais. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

STROBEL, Karin. Surdos como intérpretes/tradutores: um sonho possível? *In*: **Cultura surda na contemporaneidade**: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Ed. Ulbra, 2011.

STROBEL, Karin. **Uma menina chamada Kauana**. Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. Belo Horizonte, MG, 1995.

STROBEL, Karin; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais**. Secretaria de Estados da Educação, Superintendência de educação, Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STUMPF, Marianne Rossi. Transcrições de Língua de Sinais Brasileira

em *SignWriting*. In: LODI, A. C. B. *et al* (Org.). **Letramento e minorias**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem de escrita de Língua de Sinais pelo sistema *SignWriting***: Línguas de Sinais no papel e no computador. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

STUMPF, Marianne Rossi; QUADROS, Ronice Müller de. Tradução e interpretação da Língua Brasileira de Sinais: Formação e Pesquisa. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 26, p. 165-205, out. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p165>. Acesso em: 9 fev. 2018.

SUTTON, Valerie. **Lições sobre o SignWriting**: um sistema de escrita para Língua de Sinais. Tradução Marianne Rossi Stumpf. 1999. Disponível em: <http://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0472-BR-Licoes-SignWriting.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2018.

TANYA, A. F. S. & MYRNA, S. M. **Libras em Contexto**: Curso Básico: Livro do Professor. 6 ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

VASCONCELLOS, Maria. Lucia. **Estudos da Tradução**. Curso de Licenciatura em Letras Libras. Florianópolis: UFSC, 2008

VASCONCELLOS, Maria. Lucia ; JUNIOR, Lautenai Antonio Bartholamei. **Estudos da Tradução I**. Material didático do Curso de Letras Libras a distância. Florianópolis: UFSC, 2009.

VILHALVA, Shirley. **Formação de professores ouvintes por professores surdos**. Texto de apoio ao curso de Especialização atividade física adaptada e saúde. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4264170/mod_resource/content/1/formacao-de-prof-ouvinte-por-prof-surdo%281%29.pdf. Acesso em: 20 jun. 2018.

WANDERLEY, Débora Campos. **Aspectos da leitura e escrita de sinais**: estudos de caso com alunos surdos da educação básica e de universitários surdos e ouvintes. 2012. Dissertação (Mestrado em

Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Santa Catarina,
Florianópolis, 2012.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. **The Map**: a Beginner's Guide to
Doing Research in Translation Studies. Tradução de Mauri Furlan e
Gustavo Althoff. Manchester, UK: St. Jerome, 2002.

ANEXOS

ANEXO A – QUESTIONÁRIO

[INSERIR O NOME DO PARTICIPANTE]

Vamos falar um pouco sobre você:

1) () Surd@ () Ouvinte

2). Qual é a sua formação?

() Ensino médio () em andamento () concluído

() Graduação => () em andamento () concluído

() Especialização => () em andamento () concluído

() Mestrado => () em andamento () concluído

() Doutorado => () em andamento () concluído

() Outros: _____

3). Você já estudou no curso de Letras-Libras?

a) () Sim, () incompleto () em andamento () formado

b) (). Não

4) . Onde você aprendeu *SignWriting*? (Por exemplo, foi na escola, faculdade, curso ou outros?).

Vamos falar um pouco sobre seu uso de *SignWriting*

5). Em quais momentos da sua vida você utiliza o *SignWriting*? (Por exemplo, na escola? Para deixar recado? Escrever Livros ou artigos)?

6) O que você gosta de ler em *SignWriting*?

7- Por que acha importante *SignWriting* na literatura surda?

Vamos falar sobre a sua experiência de criação de livros literários

[PARA CADA PARTICIPANTE, INCLUI A O NOME DO LIVRO E A IMAGEM]

8- Explique o seu processo de criação, o passo a passo da produção em *SignWriting* em livros de literatura infantil? Por exemplo, começou com o texto em Português? Vídeo em Libras? Foi uma ideia original escrita direto em *SignWriting*? Outro?

9) Que materiais você utilizou quando escreveu SW? Por exemplo Dicionários? Livros de apoio? Algum recurso tecnológico?

10) O seu trabalho foi realizado em grupo ou foi um trabalho individual? Se individual, como foi a experiência? Se em grupo, como foi a experiência?

11) Contou com a ajuda de outras pessoas nas etapas do seu processo de criação? Por exemplo, pediu apoio de revisor?

12) Quais dificuldades você encontra na produção de livros em *SignWriting*?

13) Quem são os leitores do seu trabalho? Quem é seu público alvo? Que tipo de feedback deles você recebeu?

14) Na sua opinião, escrever em *Signwriting* é um tipo de tradução? Por quê?

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA**

Participante: _____

Data de nascimento: _____

Documento de Identificação: _____

Coordenadora do projeto: Luana Marquezi

Pesquisadores responsáveis: Rachel Sutton-Spence

Título da pesquisa: Literatura Surda: o processo de tradução e transcrição de *SignWriting*

Período: 25/07/2017 a 01/08/2018

Introdução

Quero convidar você participar na minha pesquisa, sabe-se que já se tem muita publicação sobre interpretação das Línguas de Sinais, mas proponho começar a pesquisar uma nova modalidade de tradução da escrita de sinais com foco na Literatura Surda, onde pretende-se entender o processo envolvido no trabalho de tradução do português escrito para a Libras escrita e desvelar, ou seja, esclarecer o papel do tradutor de escrita de sinais, bem como mostrar quem é a pessoa por detrás da tradução.

Por que esta pesquisa está sendo realizada?

O motivo que impulsiona a pesquisa é o fato de que não são muitas as pesquisas que falam sobre a tradução da escrita de sinais, em especial do

sistema da escrita de sinais SW na Literatura Surda no Brasil de uma forma mais aprofundada. Gostaria de aprofundar uma discussão sobre esse tema nesta pesquisa. O objetivo é entender melhor processo de tradução do português escrito para Libras escrita, e “desvelar” o tradutor de escrita de sinais.

Quais são os procedimentos do estudo? O que me será solicitado?

Para participar deste estudo, você vai conversar comigo sobre a sua experiência como tradutor de escrita de sinais visto que encontrei o seu nome em obras literárias infantis. A entrevista será gravada, individual. O questionário será entregue a você para que possa responder em Libras. A entrevista individual, serve para que eu e você possamos conversar sobre a sua experiência sobre tradução, sobre a Literatura Surda e os materiais publicados com o sistema de escrita de sinais. Na sequência irei analisar as respostas de todos os participantes e usar as informações para contribuir com os outros profissionais. Sua participação pode ser anônima, com o uso de pseudônimo ou identificada, ficando a seu critério tal decisão.

Quais os riscos ou inconveniências de minha participação neste projeto?

Como toda ação humana, toda pesquisa tem riscos, mas a sua participação neste projeto não apresenta nenhum risco de vida nem de saúde física.

Talvez você sentirá cansaço ou aborrecimento ao responder às perguntas sobre sua experiência e o processo de tradução da escrita de sinais nas obras literárias, também talvez sinta desconforto ou constrangimento durante as gravações de vídeo. Caso sinta-se assim, podemos parar a entrevista. Você não precisa falar sobre nada que não queira.

Quais os benefícios do estudo?

Este estudo poderá beneficiá-lo direta e indiretamente de várias maneiras. Primeiro, por atualizá-lo frente as novas demandas da área da tradução literária, proporcionando oportunidades de embasamento para futuros projetos e pesquisas e ainda envolver possíveis alunos em minicursos, oficinas e palestras com o objetivo de conhecer as histórias, os tradutores e seus trabalhos de tradução.

Segundo, sua participação certamente vai contribuir em vários contextos, como o acadêmico, social e educacional. No contexto acadêmico poderá colaborar com os profissionais tradutores e pesquisadores da área da Literatura Surda e da escrita de sinais, como fonte e material de apoio para suas pesquisas. Também vai contribuir com a Comunidade Surda acadêmica em eventos científicos, como congressos, encontros, seminários, etc.

Em contrapartida poderei ministrar palestras e oficinas, divulgando assim os resultados da pesquisa, que no contexto social servirá como fonte de informação, como material de apoio para os pais de crianças surdas e membros diversos das associações de surdos (espaço em que atividades educativas são desenvolvidas), também profissionais da área da educação (monitores, professores, interpretes), alunos em formação, estudantes de Letras Libras que desejam produzir Literatura Surda com a escrita de sinais e principalmente para os tradutores (surdos e não-surdos). Já no contexto educacional, esta pesquisa vai contribuir com a Educação de Surdos propriamente dita, com o acesso aos materiais bilíngues para as crianças surdas em escolas, bibliotecas, etc.

Eu receberei algum pagamento por minha participação? Há custos para participar da pesquisa?

Você não receberá nenhum pagamento, assim como não terá nenhum custo. Oferecemos compensação material, exclusivamente de despesas de você e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação (conforme item IV 3 (g) da Resolução 466/2012).

Como as minhas informações pessoais estarão resguardadas?

Os vídeos gravados serão arquivados num computador protegido com senha e no YouTube com um link não-listado. Apenas os membros da pesquisa, sendo o pesquisador, a orientadora, e as bancas, compostas por docentes que terão acesso aos links. Você poderá ter acesso ao link da sua entrevista, caso queira. Na divulgação do projeto, pretendemos incluir seu nome como participante da Literatura Surda: o processo da tradução e transcrição de SignWriting, mas caso você não queira poderemos lhe atribuir um pseudônimo, indicando essa informação no Termo de Consentimento.

As imagens gravadas somente serão usadas para registrar, os conceitos literários que você usou e sua opinião sobre a Literatura Surda: o processo da tradução e transcrição de SignWriting incluídos em nossa coletânea. O público em geral não terá acesso às suas imagens.

Eu posso interromper a minha participação na pesquisa e quais os meus direitos?

Tem direito de sair da pesquisa qualquer momento até a data de defesa da minha dissertação. Caso ocorra alguma situação que lhe causou um constrangimento pessoal por causa de ter feito a entrevista, você poderá solicitar por e-mail a coordenadora do projeto – ver dados abaixo indicados – que não inclua esse dado específico na dissertação e, com a solicitação documentada no e-mail, nós garantiremos que todo material pertencente a você seja apagado do banco de dados. Porém, após a publicação desta dissertação não será mais possível a exclusão de quaisquer dados ou conteúdo.

A quem eu recorro para obter informações sobre dúvidas que eu possa ter sobre o estudo?

Você pode entrar em contato conosco a qualquer momento. Estaremos disponíveis para responder a qualquer dúvida que possa surgir sobre este estudo. Se você tiver mais perguntas sobre o projeto ou se você tiver algum problema relacionado com a pesquisa, você pode entrar em contato com o pesquisador principal do estudo:

Responsável da Pesquisa: Prof.^a Dr.^a Rachel Louise Sutton-Spence

E-mail: rachel.suttonspence@ufsc.br

Vínculo Institucional: docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, PGET, da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC.

Endereço: Departamento de Libras/Centro de Comunicação e Expressão (CCE)

Prédio D, Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima - Bairro Trindade

Florianópolis - Santa Catarina – Brasil CEP 88040-900

Telefone: (48) 3721-4638

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH)

Endereço: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima. Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401. Rua: Desembargador Vitor Lima, nº 222. Bairro Trindade. CEP: 88040-900. Florianópolis, SC.

E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

Telefone: (48)37216094

Vamos usar o material e dados obtidos nessa pesquisa exclusivamente para a finalidade prevista neste documento ou conforme seu consentimento, conforme item III.2 (q) da Resolução 466/2012.

Caso você tenha algum prejuízo material ou imaterial em decorrência da pesquisa, poderá solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente e amplamente circunstanciada.

Termo de Consentimento

Nome do Participante:

Coordenadora: Luana Marquezi

Pesquisadora responsável: Rachel Sutton-Spence

Título da pesquisa: Literatura Surda: o processo da tradução e transcrição de **SignWriting**

As imagens gravadas somente serão usadas para registrar, os conceitos literários que você usou e sua opinião sobre a Literatura Surda: o processo da tradução e transcrição de SignWriting incluídos em nossa coletânea. O público em geral não terá acesso às suas imagens.

1. Você aceita participar na entrevista, seguindo as informações no documento “Termo de Consentimento para Participação em Pesquisa”?

() SIM () NÃO

2. Você permite que a entrevista seja gravada?

() SIM () NÃO

3. Você autoriza que suas produções e criações sejam reproduzidas por outra pessoa (ator/sinalizante) para que possam ser usadas na pesquisa sem estarem vinculadas à sua imagem?

() SIM () NÃO

4. Você permite que suas imagens gravadas sejam usadas em outros trabalhos e pesquisas futuras, com objetivos mesmos ou parecidos?

() SIM () NÃO

5. Você deseja usar seu nome nos agradecimentos?

() SIM () NÃO

6. Você deseja que seja criado um pseudônimo para ocultar a sua identidade pessoal quando os seus dados tornarem-se objeto de pesquisa?

Sim _____ Não _____

O nome que eu quero usar é: _____

Eu, _____, RG: _____ li este documento (ou tive este documento lido para mim por uma pessoa de confiança) e obtive dos pesquisadores todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido e optar por livre e espontânea vontade participar da pesquisa sobre a Literatura Surda: o processo da tradução e transcrição de SignWriting.

Duas vias deste documento estão sendo rubricadas e assinadas por você e pelo pesquisador responsável. Guarde cuidadosamente a sua via, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa.

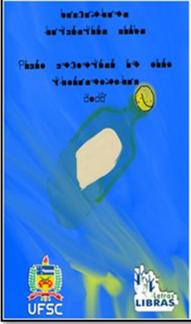
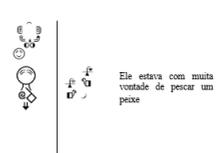
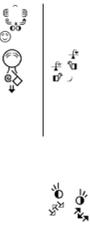
Assinatura do (a) participante

Data da Assinatura

Assinatura da Coordenadora

Data da Assinatura

ANEXO C – LIVRO “Quero Encontrar um Ouro”

<p>1</p> 	<p>2</p>  <p>Em um belo dia de sol</p>  <p><small>Página 2 de 13</small></p>
<p>3</p>  <p>João saiu à passeio de barco</p>  <p><small>Página 3 de 13</small></p>	<p>4</p>  <p>Ele estava com muita vontade de pescar um peixe</p>  <p><small>Página 4 de 13</small></p>
<p>5</p>  <p>João</p>  <p><small>Página 5 de 13</small></p>	<p>6</p>  <p>De repente, uma minhoca viu a haste do anzol</p>  <p><small>Página 6 de 13</small></p>

<p>7</p>  <p>João sentiu a vara mexer</p> <p>Página 7 de 10</p>	<p>8</p>  <p>Página 8 de 10</p>
<p>9</p>  <p>Quando João puxou o anzol, ele ficou bravo e confuso</p> <p>Página 9 de 10</p>	<p>10</p>  <p>Quando João puxou o anzol, ele ficou bravo e confuso</p> <p>Página 10 de 10</p>
<p>11</p>  <p>Em alto mar tinha uma garrafa</p> <p>Página 11 de 10</p>	<p>12</p>  <p>Em alto mar tinha uma garrafa</p> <p>Página 12 de 10</p>



João pegou a garrafa

Página 13 de 19

13

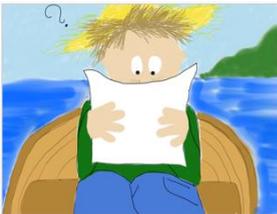


Mas ele não sabia o que era



Página 14 de 19

14



João tentou ler o que estava escrito e não entendeu nada

Página 15 de 19

15

Para tentar compreender, procurou ajuda de um amigo

Página 16 de 19

16



Seu amigo disse que tinha escola onde ensinava o que estava escrito no papel

Página 17 de 19

17



Todos eles aprenderam a Escrita de Sinais

João conseguiu ler o que estava escrito no papel e descobriu que era um mapa do tesouro

Página 18 de 19

18

